

te; e se lha der inhonesta, será afrontosa; se honesta, arrogante; se pobre, custosa; se rica, imperiosa; se moça, vã; se velha, zelosa; se estéril, dissenciosa; se fecunda, molesta; se feia, odiosa; se formosa, agradável a todos: não ha cousa mais difficil de guardar, que o que agrada a muitos; e por ser este estado de fortuna tão duvidosa, e de inconvenientes tão certos; por isso muitos philosophos antigos não só não casarão, mas aconselhavaõ aos outros, a que não casassem, como Thales Milelio, como conta *Plutarco na vida de Solon*, Antisthenes, Diogenes, e Bion, como refere *Laercio lib. 4. e 6.*

Mas como o genero humano não pôde conservar sem os casamentos, he o matrimonio por todos os direitos instituido. Por direito Divino; porque o instituhio Deos com hũ geral preceito, que obriga a todo o genero humano a encher o mundo, que se fez para elle, pois podendo Deos fabricar por suas mãos todos os homens, como ao primeiro, não os quiz arquetipamente criados, senão procreados huns dos outros; para conservar com os filhos, e sociedade conjugal o amor entre huns, e outros; e por isso tirou a mulher não da cabeça, nem dos pés, senão do lado do marido, para declarar, que a mu-

lher não he absoluta senhora, nem vil criada, mas individua companheira, e dos bens, e dos males fiel conforto. Mas depois que pela propagação universal não necessitaraõ os povos demais habitação e havendo-se cheyo o mundo, ió faltava encher-se o Céu, cedeo a ley da natureza à ley da graça, e a gloria da fecundidade, cedeo à gloria da virgindade, ficando todavia o preceito da propagação ao genero humano em geral, mas não a cada hum em particuliar. Pertence tambem ao direito civil por razão do contrato da verdadeira companhia em duas pessoas, que sendo ao principio livres, fazem communs entre si os bens, e as pessoas; e como neste comercio podem acontecer injurias, e damnos, segue-se, que hade ter lugar a justiça, e a ley. Convém tambem ao fim politico; porque he o matrimonio seminario das Respublicas, as quaes sem elle seriaõ, como aménos jardins sem agua; e daqui vem, que aos casados, como benemeritos da Republica, concederaõ os Legisladores Romanos immuni- dades proveitosas, e preferencias honorificas; e os Espartanos não davaõ assento, nem Theatro aos solteiros não contando por Cidadãos, os que não acrescentavaõ seu numero. *Ex Wen. 152. epig. 11.*

*Si tuus istorum neutro consumitur arbor,
Uxor ducenda est, hæc erit instar aque.*

Por direito das gentes he tambem estabelecido; por que sendo o homem dotado de mayor engenho para as cousas universais, e a mulher de mayor agudeza para as particulares, emquãto este conserva a patria, aquella governa a casa; aquelle trabalha para alimentar os filhos, esta os guarda; aquelle manda os eiquadroens, esta os criados; de forte, que a mulher com as mãos do marido milita no campo, ainda que esteja em casa; e o ma-

rido com os olhos; da mulher guarda a casa, ainda que esteja no campo: demais disto, que pessoa tem o homem mais sollicita de suas cousas, que sua mulher, qual mais assistente as enfermidades, qual mais arriscada aos perigos, qual mais doce em as aflições, qual mais fiel em os conselhos? sejaõ testemu- nhas desta verdade Aifcrater mulher de Mithridates Rey de Ponto, Cornelia mulher de Pompéo, que em as prosperas, e adversas fortunas seguirão sempre:

fempre a seus maridos; Aria Romana, que acompanhou o seu sempre em os perigos da guerra, apertos da paz, míserias do captiveiro, e se matou por suas mãos vendo-o morrer nas de seus adversarios; a Senhora D. Seraphina, mulher do Marquêz de Vilhena, irmã do Serenissimo Senhor D. Theodosio, Duquê de Bragança, que morreu em Roma acompanhando a seu marido, a onde assistio por Embaixador; a mulher do mais sabio dos Césares, que o livrou da conjuração dos Cinas; Juanhuita, filha del Rey de Dinamarca, que por sua industria, e valor restituiu a Rexeno seu marido ao Reyno de Suécia, donde o havia expulso sua madrastra, obrigando-o a viver entre pastores, como refere *Pineda na quarta parte de sua Monarchia lib. 3. cap. 2*; a Duquesa de Sometsit, de quem conta o mesmo *Pineda na 4. parte lib. 29.* que por sua astucia livrou ao Duque seu marido de deixar a cabeça nas mãos de hum verdugo na praça de Londres. Ao direito natural pertence taõbem; porque sendo o fim da natureza a conservação do genero humano, e não podendo os individuos ser immortaes, nem nascer de huma vez todos pela estreiteza da terra para tanto numero, convém que morrendo successivamente renasçaõ dos filhos, e a immortalidade dos individuos se immortalize em a sua especie.

Deve o prudente Pay de familias antes de se sujeitar ao pezado jugo do matrimonio, fazer juizo muy miudo dos encargos delle, e medir as suas forças com o estado, que procura, e depois de se deliberar com maduro conselho a abraçar o estado conjugal, deve fazer hum diligente exame das prendas, partes, e virtudes da Esposa, que procura, fazendo consideração de que ao depois não tem lugar o arrependimento, nem remedio para emendar o erro, e que assim como não ha ventura, que se iguale

à de achar huma mulher virtuosa, não ha desgraça, tormento, ou pena que se compare à de topar com huma mulher inhonesta: saiba colher a rosa sem espinhos, elegendo huma mulher formosa, nobre, rica; casta, sabia, e modesta, que nisso mostrará a mayor prudencia, porque a prudencia do homem se dá a conhecer propriamente em saber casar, e saber morrer, eixos, em que se segura a felicidade temporal, e eterna: recorra a Deos, e peça-lhe com repetidas instâncias o acerto de taõ importante eleição, porque só este senhor lhe pôde dar mulher prudente, como o ensina *Salamaõ no capitulo dezanove dos Proverbios*. Em a eleição da Esposa não sejaõ unicos conselheiros os olhos, dêem tambem seu voto as orelhas, porque entre dous extremos melhor he, que perigue o gosto, do que a fama.

A primeira prenda, que o Pay de familias deve procurar na Esposa, que pertende, e em qual deve fazer mais rigoroso exame, he a honestidade, e castidade, porque este he mayor dote, que a formosura, e riqueza, *ex Proverbiorum cap. 32.* e se esta lhe falta, por muitos bens com q̄ vã dotada, vivirá sempre em pobreza, como diz *Santo Ambrosio de instit. Virg. cap. 1.* por esta prenda mereceo Mommia ser mulher del Rey Mithridates, e as duas filhas de Guizulfo casar huma com El Rey de Alemanha, e outra com o Principe de Basiarios, como conta *Himonio nos feitos de França cap. 7.* sendo todas mulheres ordinarias. Conta *Rhodiginis lib. 18. cap. 1.* que entre a gente, que com mais recato criava as donzellas, foraõ os Lacedemonios, huma das quaes sendo perguntada, que dote tinha para casar-se, respondeo, a honestidade da minha terra, palavra digna de tal peito, e que vem muy bem com o que diz o *Espirito Santo no cap. 22. do Ecclesiast.* e canta *Wem.*

*Sit formosa aliis uxor, tibi sit bona, nescis
Quam noceat castæ forma pudicitia.*

A segunda he a idade, porque como escreve Plutarcho: os carinhos se figurão em a mulher, que se recebe antes que se lhe fixe na alma a imagem de outro damno, por tanto aconselha que a mulher se case na meninice: *Opportet virum ducere uxorem puellam, ut eam doceat bonos mores: disse Aristoteles*; taõ menina quer que seja, que nem a alma possa haver padecido estupro havendo admitido desejos de outro marido; e esta idade se amolda mais aos dictames do marido, com que em paz se asseguraõ duraveis os carinhos. *Hesio lib. 2.* quer, que a mulher naõ passe de quinze, e o marido de trinta, os Egipcios naõ permitiaõ, que os homens casassem menos de trinta, mas tambem naõ queraõ que a mulher fosse, mais de treze, e os Lacedomonios determinaraõ, que os homens casassem até vinte e quatro, e vinte e cinco, e as mulheres até quinze; assim o refere *Plutarcho in Licurg. & Solon. Phil. de opificio mundi* diz, que os homens naõ devem casar depois dos trinta e seis annos, e as mulheres depois dos vinte: os Alemães tinhaõ por cousa torpe, casar o homem menos de vinte, e a mulher menos de doze, como conta *Cezar de bello Gallico lib. 6.* Platão ordenou, que os homens casassem até os trinta e cinco, e as mulheres, até os quinze: *Aristoteles* até os trinta e seis, e as mulhe-

res até os dezoito, que entaõ florecem as forças de hum, e outro sexo; os juristas finalmente, naõ permitem, que os homens casem menos de quatorze, e as mulheres menos de doze, salvo quando a malicia suprir a idade, de que se infere, que naõ havendo esta proporçaõ nos casamentos, seraõ infelices os matrimonios, como nos está ensinuando a experiencia quotidiana.

A terceira, que naõ seja nescia, nem engenhosa; porque a nescia naõ conhecerá a malicia dos criados, e a engenhosa affectará transcender à prudencia dos homens, e hum, e outro extremo, he arriscado, mas hum peõr que outro, melhor he, que seja nescia, que engenhosa; porque a nescia com o tempo se faz a vizada, e a engenhosa com o tempo se faz inofente, como o experimentou o Imperador Marco Aurelio com a sua Justina.

A quarta, que naõ seja aguda, nem falladora; porque o ser aguda, e falladora, he melhor para dama, do que para mulher, e principalmente, se tem alguma veyra de Poesia deitará a bençaõ ao governo, em vez de ser huma Cicilia, sera huma Corina, e o marido hum Sileno: acerca dos maridos, que tem mulheres desta qualidade, diz Wem que tem mais, que hum Hercules trabalhos insuperaveis:

Conjugis ingentes animo linguamque domare

Herculis est decimus tertius iste labor.

A quinta, que naõ seja rixosa; porque lhe sera melhor viver em terra dezerta, que habitar com huma mulher litigiosa, *ex cap. 21. dos Proverb.* ou habitar em companhia de hu leaõ, ou de hum drago, que na assistencia de huma mulher soberba, *ex cap. 21. do*

Eccles. que he mais penosa vida para hum homem quieto, do que custoa a subida de hum outeiro areoso aos pés de hum velho, como diz *o cap. 26. do Eccles.*

A sexta, que seja de boa presenca; porque naõ convem para mulher o

*Sit formosa aliis uxor, tibi sit bona, nescis
Quam noceat castæ forma pudicitie*

Edá a razaõ ; porque a mulher formosa he emprego dos cuidados de muitos, e alvo, a que muitos dirigem seus tiros; que nem sempre ficão baldados, como diz o Poéta no seguinte Epigrama:

*Ægrè formosam poteris servare puellam,
Nunc prece, nunc auro, forma petita ruit.*

He a formosura huma bem ordenada disposiçaõ de membros com alguma suavidade de cor, que leva huma carta de recommendaçãõ, para onde quer que caminha, como disse *Aristoteles*, e fere mais agudamente, que huma bem apontada lanceta, passando dos olhos à alma, como diz *Leucippo*, obrigando a amalla a quem ainda levemente a vê, como diz *Paulo Jovio lib. 4. historiarum*; e por isto perguntado *Estóbio* porque era amado, respondeo; que esta pergunta era só para os cegos; e por ser a formosura taõ apeteçida de todos, não convém que se procure fazer propria pelo perigo que tem, de senão poder guardar, o que a todos agrada, como experimentou *David* com *Micol*, *Abrahaõ* com *Sára*, com *Elena* seu marido *Meneláo*, a *Corestes* com *Hermione*, a *Alexandre* com *Cleópatra*, ao Imperador *Claudio* com *Messilina*, ao nosso *Joaõ Lourenço Vasques da Cunha* com *Dona Leonor*, que todos viraõ suas mulheres pela formosura em poder de intrusos, e violentos possuidores. Alem deste perigo, tem a formosura hum grande inimigo no tempo: Vendo o Philosopho *Ethiocles* a huma senhora, que se estava gloriando de formosa lhe disse: não vos convém, senhora, eno-berbecervos pela formosura, que possuís, porque vòla prestaraõ os Deoses por tempo muy abreviado; enão menos o contrario he da formosura o mais leve achaque; porque, da mesma

forte, que o tempo a extingue, a aniquila a doença; *Cicero lib. 4. Rhetoricorum*: Milagre da formosura foi a senhora *Dona Izabel* mulher do Imperador *Carlos V.* e filha do nosso Rey *D. Manoel*, mas a enfermidade de que faleceo, a privou de maneira della, que chegaraõ a desconhecella seus meimos criados.

A formosura verdadeira he aquella, aonde não ha mancha de peccado, como com lume natural conheceo, e confessou o Gentio *Seneca* nos seus proverbios, porque a formosura sem virtude he hum templo edificado sobre huma clóaca, como lhe chamou *Diógenes*, do qual conta *Laércio* na vida, e costumes dos philosophos, que vendo a huma Dama por extremo formosa, e inhonesta exclamou dizendo: ó que boa casa, mas ó que má hospeda. Conta *Apuleo de Magia lib. 1.* que *Sócrates* mandava aos seus discipulos que se vissem frequentemente nos espelhos, e que aquelles que se vissem dotados de Gentileza, procurassem instantaneamente, que os máos costumes não afeassem á boa fórma, e dignidade do corpo, e os que se achassem menos prendados da natureza, pertendessem com toda a diligencia, e cuidado encobrir com os dotes das virtudes os defeitos do corpo, como fez o Philosopho *Epiteto*; que era côxo, e o Poéta *Arminio*, que era torto, *Zeno*, *Epicuro*, *Diógenes*, *Chrisipo*, *Euclides*, e *Cleantes*, que tinhaõ varias deformidades; *Aristoteles*

teles que era pequeno corcovado, feio, tartamudo, e tinha os braços demasiadamente largos; Heraclito, que tinha os olhos carregados de chorar as misérias do mundo, Demócrito, que tinha os beiços abertos de rir da variedade delle. O' que proveitosa lição he esta, que deu Socrates para as mulheres, ou sejaó féas, ou formosas; chegem estas huma, e muitas vezes ao espelho, para que vendo a formosura, com que as enriqueceo a mayor formosura, a louvem por este beneficio correspondendo a huma obrigação tamanha, com igual agradecimento, conformando com a formo-

sura corporal a formosura espirital, e moral dos costumes. Cheguem taõbem aquellas, enõtem no espelho com muita miudeza os defeitos corporais para emendarem, e enriqueceré com virtudes espirituais, as faltas da natureza, e seraõ tanto mais formosas, que Eléna, Lâmia, Amarillis, Penélope, Dido, Barzabêa, Simiramis, Cassandra, Cleópatra, Lésbia, Virgínea, Venus, Juno, Lucrecia, e outras muitas, que por milagres da formosura celebra com encarecidos encomios a fama, quanto he mayor a formosura espirital, que a temporal.

Non illius studium vulgò conquirere amantes :

Illis ampla satis forma pudicitia,

Se a virtude he inseparavel companheira da formosura de alguma scnhora, sera discreto acordo pertendella para mulher, pois naõ he argumento de virtude a falta da formosura, antes com esta se mostra mais formosa a virtude; indicio deste conforcio sera a fa-

ma, porque assim como no espelho se descobrem da gentileza os garbos, assim nas azas da fama vòáo da virtude os encomios, como cantou o nosso taõ repetido, como agudo engenho Joáo de VVem.

Dicet de te speculum formosam fama pudicam

Mentitur speculum nil tibi, fama nil.

Ainda sem mais dote, que esta vantagem da natureza, e dom Divino, como lhe chamou; *Platam lib. 7. de republica*, sem o receyo de que possa ser contrastada a formosura, porque he inyencivel quando he viituosa, como experimentou Faustino com a sua formosa, e virtuosa Methidiana, sollicitada de seu cunhado Germano; ao Adiantado de Roma com a virtuosa Sophornia pertendida pelo cruel monstro de crueldades, e lascivias, o Imperador Maxencio.

A septima parte que deye examinar, o que pertende casar, na esposa, que procura, he o costume que tem no trage, porque o trage he argumento grande de sua honestidade, ou falta della, e porque assim o enten-

deraõ os antigos, mandaraõ em certas leys, que se hum homem fizesse alguma afronta publica a qualquer mulher por illustre que fosse, que andasse com vestidos pouco honestos, naõ se chamasse injuria, nem se lhe pozesse por ella algum castigo: os Lacedemonios naõ permittiaõ enseites demasiados, senaõ em publicas mulheres: os Locrenses, e seu legislador Seleuco naõ os consentiaõ senaõ naquellas, que queriaõ confessar que eraõ adúlteras, como refere *Diodoro Siculo lib. II.*

A oitava he o recolhimento; porque deste se infere, qual seja a honestidade, e viver da esposa, que se busca, e qual sera depois de casada, porque se o recolhimento naõ for no es-

tado de donzella muy rigoroso, ferà no estado de casada muy devaça, e não se póde esperar que seja recolhida em estado mais livre, quem o não he em estado mais captivo. Da Rainha de Italia Fatua, escreve *Viana ad Ovid. metham. lib. 1. n. 16.* q̄ era taõ recolhida, que em toda a sua vida não vio homem algum senão o seu marido, o que observavaõ as mulheres Chinas, com tal aperto, e rigor, que nem aos sogros, cunhados, e parentes do marido, fallaõ depois de casadas.

A nona he a occupaçaõ do tempo, porque não serve para mulher a que for ociosa, porque he a ociosidade máy de todos os males, e inimiga de toda a honestidade, e por isso Menandro disse, que o mesmo he estar ocioso, que ser máo, sentença que parece tomou da liçaõ de Ovidio, o qual diz, que faltando o ocio faltarão os instrumentos do vicio.

E Puteano *Oratione 9.* diz, que não he homem, mas cadaver de homem o ocioso, cujo entendimento esta sepultado em hum corpo vivo. Estando os Romanos no cerco de Ardea perto de Roma altercaraõ alguns, sobre qual de suas mulheres devia ser mais louvada, e ao depois de varias rasoens vierão a concluir, que fossem secretamente a todas as casadas de repente, e pelo exercicio em que se achasse cada huma se julgasse a verdade, e fazendo-se assim, diz *Livio lib. 1. Decad. 1.* que ficou Lucrecia com a palma, porque só ella estava em o interior da sua casa occupada em cozer, e todas suas cria-

Vis nè tibi similem generare ex conjugè prolem?

Uxorem primò quare tibi similem.

De que nasceo o aforismo, e dictame commum de que só casa bem, o que casa igual: *Vis aptè nubere, nubere pari*: e por não abraçar este aforismo o Conde D. Sancho Dias de Saldanha, querendo casar com huma irmã del Rey D. Affonso o casto,

das, e as outras estavaõ occupadas em regalos. De Amestres mulher de Xerxes Rey dos Perlas, de Argia filha del Rey Adrasto, e mulher de Polinices, e da mulher de Maduarte Rey de Dacia, e da Rainha catholica, e da nossa Santa Izabel Rainha, se escreve, que não tinhaõ hora ociosa no dia, e que a gastavaõ na occupaçaõ do trabalho temporal, ou Espiritual: os Romanos quando levavaõ as noivas a casa dos maridos, levavaõ juntamente huma roca, e hum fuõ no qual lhe que-riaõ insinuar que assim como a roca, e o fuõ saõ instrumentos do trabalho mulheril, assim a mulher casada, se devia applicar ao governo, e trabalho de sua casa.

A decima, he a igualdade na limpeza do sangue, e qualidade da que se pertende para Esposa. Requer esta toda a ponderaçaõ; porque os casados, que saõ iguais na limpeza, e qualidade seguraõ a paz, e socego; e pelo contrario, os que saõ desiguais vivem sempre em huma porfiada contenda, em os que procura unir parentes acha senhores a que obedecer, e por isso com justa razão disse Lucio Floro, que aquelle que buscava mais esclarecidos affins encõtrava senhores: *Qui clariores ducit affines, dominos habet*; razão porque aconselha Tulio que a mulher se busque dos iguais: *Uxorem duc ex equalibus, si enim ex superiori familia duxeris, dominos comparabis.* E o mesmo cantou Wem nos seguintes versos:

depois de haver vivido largos annos preso em huma torre, acabou violentamente a vida: a formosa Dona Ignez de Castro entregou a vida às violencias de hum punhal, por mandado do nosso Rey D. Affonso o Bravo, por pertender casar com o Principe

cipe D. Pedro. A El Rey D. Sancho Capelo tiráraõ os seus vassallos violentamente a Dona Messia Lopes de Faro, pela desigualdade, que entre elles havia. O famoso por todos os seculos Cid Ruy Dias, vio acoitadas as suas duas filhas pelas haver casado com os Infantes de Carriaõ. Outros muitos exemplos puderamos referir, de que estaõ cheyas as historias, se a verdade desta Doutrina senaõ achára taõ acreditada pela experiencia de cada dia. Obrigação he o procurar cada hum o ennobrecer-se, e melhorar pelos casamentos aos filhos, imitando ao bom Pomareiro, que com novos enxertos melhora as arvores, de que se compõem o pomar, tornando com elles as Sylvestres em manãs, as agras, e dezabridas em doces, e suaves, mas não deve ser isto tanto de salto, que passe a escandaloso. Seus grãos tem a escada da nobreza, e quem quizer subir ao alto della, sem o perigo de cair, não hade querer de huma vez saltar logo muitos juntos.

Muitos são os dezacertos, em que pôde encorrer hum homem bem nascido de que lhe resulta infamia. Tenho por maior, e de mais prejudiciais consequências a que immediatamente se oppõem à qualidade, e que se imprime em o sangue passando do fugeito que a grangeou, aos descendentes, que a herdaõ, e destas não será taõ grave a que se limita a certo grão, como a que procede em infinito. A semelhante infelicidade he ordinario passo o erro dos casamentos, porque ha quem não queira que passe a seus filhos a dita, com que nasceo segundo a mãy que lhes escolhe. Destes affirmára eu que se fora possível elegeraõ seu nascimento da

qualidade da mulher, porque quem não quer honra para seus filhos, taõ pouco a queria para si; com que não fô mudaõ em mão seu bom sangue, senaõ que o que em outros por haver sido desgraça não merecia vituperio, nelles por haver sido eleiçãõ merece castigo. Em o meu sentir passa este de erro politico a delicto infame, pois ainda que a facilidade, com que vemos encorrer nelle cada dia nos tem tirado o horror, fazendo que não nos pareça taõ monstruoso, e execravel, como o de dar morte aos filhos, he certissimo que pôdem competir em a crueldade.

Naõ se terá por encarecimento meu se, como he justo, se estimar mais a honra do que a vida, vendo que o Pay, que commette este erro, ainda que a seus filhos lhe dá vida, lhe tira a honra: maior he este aggravo, que aquelle beneficio, e assim não sei se lhe devem estar taõ agradecidos como irritados. *Tal podia ser el enfamamiento, que mejor le seria la muerte, que la vida.* São palavras, e dictame del Rey D. Affonso o Sabio, e em outra parte. *Ca no seria guissada coza que la sangre de los nobles fuesse embargada, ni ajuntada a tan villes mugeres.* Pondere pois este tamanho dezacerto, pois chega a fazer que os Pays merecaõ o odio dos filhos por lhe haver transformado o maior beneficio na maior injuria, sacrificando a honra de seus descendentes por muitos seculos ao deleite, ou commodo de sua pessoa por poucos annos. Naõ pôde ser mais decorosa a victima, nem mais indecente o idolo, como disse *Wem lib. 1. epig. 11.*

*Degener Aule tuis Maioribus omnia debes:
Debuit, credo, nihil tibi Posteritas.*

Mas não fica sem castigo esta culpa, que não tenha em seu tanto o proprio que lhe impuzeraõ os Egypcios:

ao que der morte a seu filho, mandavaõ pôr diante do pay o cadaver do filho, e obrigavaõ-lhe violentemen-

te a que o estivesse vendo por espaço de tres dias, para que a dor de o haver morto a suas proprias mãos fosse seu mais cruel verdugo. Considere pois agora se o será tambem para hum pay o sentimento de ver diante de si a seus filhos não sem vida, (que fora menos mal) senão sem honra, porque o mesmo lha tirou, e achará, que, a não ser insensivel, esta he a mayor pena, que se póde pôr a seu delicto. O' se cobraffe todo o horror, que merece para não incorrer em tão barbara impiedade!

Se fora a Nobreza huma qualidade incapaz de augmentar-se, e diminuir-se, nem perder-se; pudera succeder nesta dita, o que a logrou huma vez, porém assim como todas tem principio, tem taõbem augmento, estado, e declinação; por estes grãos se sobe ao alto da mais superior, e nelle está o risco do precipicio em fim por ser humana felicidade. Muito ha mister para principialla, o que a não a herdou, muito para augmentalla, o que a achou com principio, menos para conservalla, o que a achou em estado, e mais para sustentalla, aquelle a quem já chega em declinação, de que he commum risco a pobreza pelo que abate nos animos. Em este circulo de cuidados a move continuamente o generoso espirito dos que desejaõ por seu sangue, e nobres acçoens distinguir-se do confuso numero do povo. Não quizera eu que se contentasse só com a mediana de conservar-se em o estado, que lhe deu a sorte, senão que aspirasse a illustrar-se mais, e

mais por todos os meynos, de que póde receber augmento o resplendor da Nobreza, e entre estes o mais principal he o dos casamentos bons, feitos por seus degraos se vêm em poucos annos a subir à primeira Nobreza dos Reynos. Tenho por grande dezacerto, e por delicto não só grave, mas infame os casamentos, que faz a fazenda, e dinheiro, porque sendo a limpeza, e a Nobreza na razaõ politica a melhor joya temporal dos mortais, não ha preço nenhum no mundo, que obrigue ao que venturosa-mente a chegou a alcançar, a que desgraçadamente a venda por dinheiro, ou fazenda, que facilmente se gasta ficando, quem por ella se casa, assim elle como seus descendentes, sem fazenda, e sem honra, não podendo esta adquirir-se em breves annos, e podendo aquella grangear-se em poucos dias. He bem verdade, que a nobreza necessita de fazenda para a sua conservação, assim como o corpo humano de sangue para a vida, e por isso tenho por disculpaveis aquelles, que por pobres descem alguma cousa para depois subirem, quando não caiaõ tão vilmente, que nem o poderoso curso dos annos póde borrar a infamia do casamento. Estes os requisitos, que em primeiro lugar se devem examinar, e depois se deve tratar do dote; mas de ordinario sem exame das prendas, e virtudes do animo, só se cuida nos dotes da fortuna, e bens temporais, como se queixa Juvenal:

Protinus ad censum, de moribus ultima fiet

Quaestio: quot pascit servos, quot possidet agros?

Fugera qua multa magna paropside cenat?

L I Ç A M XI.

Do modo com que se deve haver a mulher com o marido, e o marido com a mulher.

Efectuado o matrimonio deve fazer particular estudo o Pay de familias no tratamento de sua mulher, e esta no de seu marido, para que o vinculo, que pelo matrimonio contrahiraõ, seja hum livre, e suave prizaõ, em que esteja

sempre preza a concórdia, e o amor, bazes da felicidade conjugal: e para que isto melhor se configa, daremos nesta liçaõ algumas regras, que devem guardar inviolavelmente os casados para perpetuarem a paz, e uniaõ, que ambos professaraõ pelo matrimonio, e comecemos pelo marido.

A primeira regra, que deve guardar o marido he o amar muito a sua mulher, porque o mais forçoso meyo para ler amado he o amar, como cantou o nosso VVem:

Laudatur meritò laudator, amatur amator:

Ergo, ut laudéris, Lauda, ut ameris, ama.

De Ulisses diz *Aristoteles lib. 2. Econom. cap. 3.* que não buscou outros para fazer-se amar de sua mulher Penélope, que amalla: Sèrvio Tulio foy a idéa dos maridos, e com o amor que teve a sua mulher Càia Lucilia, a obrigou a amalho de maneira, que foi idéa das mulheres; de sorte, que daqui nasceo, que em as solemnidades

dos desposorios entre os Romanos, perguntava o eiposo à esposa, tu me lerás boa? e a esposa lhe respondia se tu fores Sèrvio Tulio, eu ferey Càia Cecilia. O anel nupcial não he cadea de escravidãõ, senãõ vinculo de amor, e sociedade, como entendeo o nosso VVem nos seguintes versos:

Anulus ut sponsæ spondenti ab amante daretur

Moris erat vetus, hoc pignus amoris erat.

deve pois entre ambos ser reciproco o amor tendo sociedade em a commun successãõ, e fortunas, mas nesta comunidade de bens saõ diferentes os officios, porque não póde a mulher ter igual authoridade, porque não tem igual talento. A hum, e outro deu a natureza qualidades contrarias para o mesmo fim. O homem he pródigo, e ardente para adquirir, a mulher he timida e tenàs para guardar, e tem capacidade bastante para governar a casa, mas não para governar-se a si propria.

Daqui nasce segunda regra, que he não consentir, que sua mulher governe fóra de sua casa cousa alguma. Fidas esculpio a imagem da mulher com o pé sobre a formiga, timida serpe, que havendo nascido

para guardar a sua casa, já mais sahe della. Quando Diana foi assistir ao parto de Olimpias, abraçou Erostrato o seu templo; quando a mulher sahe de casa, entraõ em casa as desordens, e ainda nella não hade ser a cabeça, porque duas cabeças em hum casa seriaõ dous Reys em hum Reyno, mostro de duas cabeças inimigo de si mesmo, e por isso a natureza com o cabelo, e a ley com o manto ocultaõ a cabeça da mulher, porque ella não tem outra cabeça, nem outra vontade senãõ a de seu marido, sendo incompativeis duas vontades com hum coraçãõ só, ou dous coraçõens com a concórdia.

A mulher, que obedece a seu marido tanto lhe grangêa a vontade, diz *Seneca*, que parece que entãõ o pre-

domina, quanto mais obediente se lhe sujeita.

Casta matrona parendo imperat viro.

E daqui vem que a mulher não hade sujeitar-se como serva, nem mandar como senhora de seu marido, mas con-

*Imperare ipsa nihil, quod vis tamen impetret uxor
Utere nec serva conjuge, nec domina.*

E também daqui procede a terceira regra, que senão governe por ella, nem lhe comunique as couzas que não tocaõ ao Juizo das mulheres, trate-a com a vontade, e não com o entendimento, e de tal maneira lhe communique o amor, que nem ella saiba mais que amallo, nem elle mais que amalla. De huma costa vizinha do coração formou Deos a mulher; não a criou para cabeça senão para coração que he donde tem o amor o seu assento, e quem consultará, nem pedirá seu parecer a hum corpo sem cabeça, sem ser taõ tronco, como aquelle, a quem communica? Em a destruição de muitos Reynos foraõ total causa as mulheres, porque seus esposos, ou amigos as fizeraõ partes em as noticias do governo. Sempre lhe foi mais dannoso o saber, mais que o amar: nunca a mais simples fez falta o saber. Abrahaõ, e Sára foraõ excellentes casados, e Deos tirou a Sára, que antes se chamava Sarai huma letra, e a crescentou a Abram chamando-lhe Abraham. Haverá paz entre os casados tirando as lettras da mulher, e pondo-as no marido. Em querendo ser cabeça a mulher he força, que esteja enfermo o corpo economico da familia, porque os apartados de suas juntas, e tirados do seu lugar nativo até que os reduza a arte, occasionaõ turbacão, e tormento.

A quarta que considere o posivel de sua renda, e fazenda, e use della para os gastos de sua familia não a regateando avaro, porque haverá quem

cordando as razoes do conforcio com as obrigaçoens da obediencia, entenderá que lhe não he licito mandar sendo obediente, nem totalmente sujeitar-se sendo conforte, assim o entendeo o nosso Joaõ de VVem no seguinte Epigrama:

com a sua fazenda lhe compre a sua honra, e fazendo a sua mulher o prato, seja elle o prato das murmuraçoens; se o virem muy vigilante guarda de suas riquezas, não faltará quem infeitando a sua mulher, desenfite a sua fama. Não ha prendas de descripção, de bizzarria, de galla, que assim obriguem a huma mulher como as dadas, como o intendeo o mestre dos amores Ovidio: as mayores prendas de hum homem para obrigar he empenhar todas as suas prendas, melhor lhe parecem as mãos de Midas palidas porque vertem ouro, que as de Narciso derramando jasmims, ou afrontando-os com a sua brancura.

A quinta he que só o marido he seguro escudeiro de sua mulher, em deixando-a da mão a deixará a razão da sua, e lhe succedera quicã o que a Moyfes, que em soltando da sua mão a vara se enrolcou contra elle serpente. Que mulheres apartadas de seus maridos se fizeraõ a montes: a soberba de sua formosura as converteo em feras, e a pouca condescendencia em os maridos bastou para summo dezafoço dellas, por não dar-lhe hum leve disgosto se perderaõ, e as perderaõ. Contender com a mulher, ou louvalla em presenca de outrem não convém, diz Lucio Floro: *cum uxore neque lites, neque blanditias presentibus aliis exercere convenit*; porque huma, e outra couza he perigosa, e porisso he conselho prudente de VVem evitar huma, e outra couza.

*Fœmina molle genus, turpes proclivis ad actus:
Ni vir sit custos, ni pudor, atque metus.*

A sexta que os ardores do appetite, e fezes da concupiscencia em os cristais da mulher propria achem re-

Quisqua suo bibit in vitro, mos utilis hic est

Advertio Aristoteles em seus problemas, que era cerimonia em as vòdas dos antigos presentarem-lhe fogo, e agua; em esta significavaõ a mulher, cujo natural tira mais ao aquoso, que ao adusto; no fogo significavaõ o varaõ por seu natural mais ardente; e como na mistura destes elementos naõ só se mitigaõ, se naõ tambem se apagaõ os ardores do fogo, assim quizeraõ significar, que em o esposo naõ haõ de ter mais esfera as chamas do appetite, nem haõ de durar-lhe as sedes para mais aguas que as que brinda em sinceridade a mante sua esposa; e daqui se acredita o constante de sua honra no seguro abono de sua fama: *Si mulier cognoverit sibi castum virum, & fidum, ipsa quoque casta, & fida erit*, Os ardores do incontinente por mais que se deitem a peitos às correntes, a que os encaminha seu appetite, no cujo acharaõ ascos, e naõ satisfaçoens; nova chama encontraõ, porque ha fògos que os lisongea como se fora seu natural alimento: o fogo do alquitraõ cebo encontra na agua que o nutre, e naõ refrigerio que o apiaque, assim na adultera encontrará o ardor mais sede quanto beber mais.

Taõ poderosamente ha chegado a muitos o fumo, que levantaõ os ardores da torpeza, que haõ chegado a pensar que a religiaõ estreita do matrimonio só para as mulheres se faz. Naõ agrava hum marido ainda que se devirta a muitas mulheres, e offende huma mulher só com olhar para outro homem; vejo o costume, mas naõ acho a razãõ que ha introduzido a

frigerio, já o deixou escripto Wem nos seus epigramas:

fer ley. Em a criaçaõ do mundo deitou Deos as linhas para as bòdas, em que havia fundar-se o seu augmento, e se para huma mulher criou só hum homem, taõ pouco mais de huma mulher criou para hum homem. *S. Chrysofostomo homilia 32. in Math.* persuade à esposa que só para seu marido nasceo mulher, e persuade ao esposo que só para sua mulher nasceo varaõ. Iguais os faz o contracto, e naõ sey, porque hade dar ao homem mais liberdade o appetite. *Diz Santo Agostinho no livro decem cordis*, deseja o marido em a mulher continencia, e naõ quer ter em si o que solicita nella; quer que sua esposa faya vencedora nas batalhas do appetite, e faz galla de ser vencido. O varaõ, he a cabeça da familia, e da mulher, e andando a mulher aos pés do vicio quer que os pés façaõ officio de cabeça em a resistencia. Se a economica se hade ajustar às leys da razãõ, corpo hade ser a mulher, e o homem cabeça, pois que necessidade he querer ir o homem aonde a mulher o naõ acompanhe: o mesmo he que pertender dividir do corpo a cabeça; fé deve a mulher a seu esposo, a mesma fé lhe prometeo a ella, e he especie de tirannia obrigar a que pague porque deve, e naõ tratar de pagar devendo; milagres pede o marido divertindo-se, e espera em sua esposa recatos; menos obrigaçaõ tem a mulher a titulo de mais iraca, ouça o marido a VVem que em metháphora de sol, e lua disculpa a mulher em os eclipses de lua, e condemna ao marido nas entercadencias de sol

*Eclipsim raro patitur sol, luna frequenter,
Est magis ad lapsum foemina prona viro.*

Pois se se arrima ao exemplo de seu dono bem pôde temer o marido agravos, senão evita contra a mulher as offenlãs. Ser honesto, e continente he a melhor regra para a obrigar a fello.

Seja a ultima não soffrer a menor acção inhonesta em sua mulher, e tambem antes de se mostrar cioso examinar a verdade da causa dos ciumes, e avirguada por verdadeira experimente a mulher primeiro o castigo, regulado pelos dictames da boa consciencia por hum taõ abominavel delicto, que ouça a ameaça: e se a mulher for casta, e honesta será justo soffrel-la ainda que tenha todos os mais vicios, porque já mais os vicios das mulheres honradas foraõ impedimento às virtudes dos maridos, e por isso a extravagancia de Xantipes já mais pode offender ao Philosopho Socrates, nem a de Paula a Cataõ o censor, nem a de Escribõnia a Augusto o Forte, nem a de Sabina a Adriano o Magnanimo, antes não as podendo fazer melhores com advertillas se fizeraõ a si melhores com soffrellas. Difficilissimo empenho he guardar a huma mulher, mas se o marido guardar estas regras não he a pertençaõ dezesperada, e será facil se a mulher guardar as que se seguem.

A primeira regra, que deve guardar a mulher casada he depois de amar a Deos, o amor do marido, e a obediencia, porque amando, e obedecendo a seu marido, fará com que seu marido a ame e estime, e merecerá a graça de Deos *Ex Ephes cap. 7.* por quanto he preceito Divino que a mulher ame, e obedeça a seu marido, *ex Matheo cap. 15.* assim como he extrema deshonra do marido obedecer à mulher, como diz Hodoreto, assim tambem he extremo credito da mulher obedecer a seu marido.

A segunda he que lhe guarde summa fidelidade em tudo, e principalmente na honestidade, porque esta he a verdadeira galla da mulher, que depende della principalmente, porque conservando a honra de seu marido conserva a sua, e conservando a sua, conserva a do marido; tanto a prezaraõ algumas gentias, que pela não perderem, ou pela haverem perdido, chegaraõ a tirar-se a vida: exemplos, que nem saõ, nem devem ser para a imitação, como prohibida pela ley natural; recomendaõ bem a estimação que desta joya devem fazer todas as caladas; como fez a mulher de Abdubral o mayor capitaõ de Carthago, que por não vir às mãos de seus inimigos com perigo de sua honra, e de seu marido se queimou: a mulher Anthichena, que por não perigar a sua honra, e de seu marido se deitou de huma ponte em hum rio. Escreve *Virgilio lib. 8. da Eneida*, que Celia Romana quando fugio do exercito de Porfena, trouxe a cabeça de hum Romano, que a havia violendado, a seu marido, e depois para segurallo que nunca por sua vontade quebrara a lealdade que lhe devia, se deu a si mesma a morte diante delle. O mesmo fez a nossa portugueza Ormia, como escreve *Manoel de Faria e Sousa no Epitome 1. part. cap. 7. num. 13.* Lucrecia se matou a si propria por se ver violétamente violada por Tarquinio. Paulina por ser deshonrada por Decio Nurrado. Julgando todas, posto q erradamente, que faltas na honestidade ainda que sejaõ occasionadas da violencia, não se soldaõ menos que com a morte.

He a fidelidade, e amor hum vinculo que de tal forte liga as diversas vontades do marido, e esposa, que nega o fazer divorcio nos desejos as que saõ fielmente riciprocas nos affectos, assim o entoou a mais temperada
lira,

ira, que em todo o assumpto afinou a doçura da consonancia Joaõ

de VVem nos subseqüentes versos:

*Fecerunt amor, atque fides divortia numquam
Non suspecta fides, suspiciosus amor.*

Terceira que o seu trage não seja vil, nem pomposo senão como de huma grave matrona, porque se se adorna para parecer formosa ao marido são superfluas as gallas, se para parecer bem a outros são afrontosas: quem branquea a toire chama aos pombos. O Imperador Alexandre Severo trazendo-lhe certos Embaixadores duas pedras preciosas, e de valor para a Imperatriz não consentio que ella as tivesse, e as offereceo ao templo de Venus dizendo, que cousas tais não convinhaõ senão à deosa da deshonestidade. Em Roma se poz hum edito publico, que toda a mulher, que inventasse algum genero de trage novo fosse logo desterrada com seu marido, ella pelo haver inventado, e elle pelo haver consentido. E não menos deve ser cuidadofa em não usar de cores, e finais no rosto, e polvilhos na cabeça, porque diz Santo Cipriano citado por Santo Thomas 2. 2. *questione 169. articulo. 1. & 2.* que todas as mulheres devem andar muy advertidas que não adultérem a feitura, e obra de Deos usando de cores louras, vermelhas, negras, e outros medicamentos, e confeçoens que mudem os nativos liniamentos, porque põem as mãos em Deos quando entendem reformar aquillo, que elle formou sendo impugnação da obra de Deos, e prevaricação da verdade, e o não podem ver quando não tem os olhos, e cara, que Deos lhe poz, e fez, mas os que lhe desfez o diabo. Pedia o esposo à esposa que lhe mostrasse o seu rosto, e não o alheyo qual he o enfeitado. Muito chorou Santa catharina de Senna, que o ouvesse huma vez

enganado nesta materia persuadida de sua irmã.

A quarta que no fallar seja branda, e mança, e não diga mentiras pensando primeiro às palavras do que as diga; q no andar não seja apressada, mas vá pouco a pouco, para que seja composta, e modesta; no ouvir fuja de ouvir más palavras; no olhar seja muy atenta, e acutelada estando sempre temendo, que seu marido não receba por ella algum agravo, ou pezar; no cuidado da casa deve velar para que as cousas estejaõ, e andem sempre bem concertadas, e não se entrometa nas cousas que lhe não tocaõ; nem no governo de seu marido porque não deve querer governar a quem escolheo para a governar a ella.

A quinta o recolhimento parte muy essencial de toda a mulher honrada, como diz *Vives lib. 1. c. 1.* a lua quando se ajunta com o Sol occulta-se, e obscurece-se; a mulher honrada hade ser pelo contrario, só hade apparecer na presenca de seu marido, e na ausencia occultar-se. *Plutarcho in moral.* não hade dar passo que o marido não saiba, nem sair de casa sem o saber seu marido, porque he taõ estranhado a huma mulher sair fóra de casa sem o saber seu marido, como se houvera commetido hum adulterio. Duarte Nunes de Leão na sua descripção de *Portugal cap. 88.* diz, q a mulher não falla com os estranhos senão na presenca de seu marido, porque toda a conversação furtiva gera evidente suspeita, e toda a suspeita se toma pela peor parte porque o coração humano, presagio della, pende para a parte esquerda como subtilizou VVem.

*Cur non in dextrâ potius, quàm parte sinistra
Ponitur humanum cor? quia læva sapit.*

E se o marido não suspeita da mulher, suspeitará o mundo do marido, e para a evitar he excellente regra a que dá Plutarcho nos preceitos económicos; que a mulher casada falle sómente com seu marido, e pela boca do marido com os estranhos.

A sexta, que não confinta entrar-lhe em casa a mulher de mão procedimento, nem trate senão com mulheres de igual qualidade, e procedimentos, porque tais forem as mulheres com que tiver amizade, tal se julgará o seu procedimento, juizo, e qualidade. Não basta à mulher casada o ser honrada, mas he necessario que o seja, e que o pareça, porque a honra consiste na opiniaõ, e se esta he má pouco importa que aquella seja boa.

A ultima, que ainda que seu marido seja vicioso seja ella virtuosa, porque os vicios do marido não livraõ a mulher da obrigaçaõ que lhe tem, e do que deve a si, e as virtudes, que por si só devem ser amadas, e exercitadas sem mais respeito, e interesse do que resulta a quem as possui; antes quanto o marido for mais máo, tanto póde ser a mulher mais virtuosa, porque terá mais em que exercitalas; amar a hum marido amante, ser casta a hum marido continente, obedecer a hum marido continente, obedecer a hum marido arrasoado, ser fiel a hum marido leal, governar bem a casa de hum marido prudente pay de familias, sobre ser obrigaçaõ, he devido agradecimento; mas amar a hum marido, que a aborrece, ser casta a hum marido incontinente, ser obediente a hum marido defarrasoado, ser fiel a hum marido traidor, aproveitar a casa de hum marido prodigo, além de ser obrigaçaõ, he virtude, e correspondencia tanto mais generosa, quanto menos merecida. Não foi impedimento às virtudes da nossa Rai-

nha Santa Izabel filha delRey D. Pedro de Aragaõ os dezabrimentos e ciúmes de seu marido o nosso Rey D. Dinis, nem a Dona Biringela Rainha de Leaõ, filha delRey D. Affonso VIII. aquelle que por suas virtudes adquirio, e com seu valor venceu a celebre batalha das Novas de Tolosa, que fez promontorios africanos com duzentos mil cadaveres Mouros com perda de só vinte e cinco fieis, o repudio de seu marido ElRey D. Affonso de Leaõ, nem a Condeça de Borgonha a ingraticidaõ com que a deixou sendo Rey, o nosso D. Affonso III. a quem ella fez senhora de si, e do seu estado sendo pobre Infante, nem a Dona Maria filha do nosso Rey D. Affonso IV. os divirtimentos de seu marido ElRey D. Affonso com Dona Maria de Padilha, e de outras muitas, que não he possivel reduzir a numero, para que não satisfizessem às obrigaçoens de seu estado, e ao que a si mesmas deviaõ.

Os casados, que derem credito às verdades proprias gozarão com felicidade seus interesses, e os que a ellas não derem credito, verãõ na sua ruina o seu engano, e chorarãõ com lagrimas de sangue seus erros a tempo que no arrependimento não tenha lugar o remedio. Nescio serãõ o marido pertendendo em a mulher a fé que elle lhe não guarda, nescio se quizer ser só em os carinhos não o sendo em os gostos, nescio se com conveniencias do interesse pensar desmentir os olhos, nescio se do matrimonio pertende só os gostos, enão quer ter parte em os pezares, nescio se presume que as sedes do appetite senão apagaõ nos cristais da propria mulher, nescio se pertende ser amado sem ser amante, e finalmente, se ama a mulher tanto, que consente governallo. Nescia será a mulher, que procura que seu marido

do a amé muito, se o não amar muito mais, nescia se intenta ser obedecida a quem deve obedecer, nescia se, sendo corpo do marido, o pertende governar como cabeça, nescia se sollicita saber mais que o que pertence de suas portas a dentro, nescia se presume viver, sendo inhonesta, nescia, se cuida, que basta ser honrada sem o parecer, nescia se intenta ser casta vivendo ociosa, nescia se vivendo sem recolhimento, se persuade viver sem labeo; nescia se querendo viver sem faltas acompanha com mulheres, que vivem com notas, nescia se, sendo mal governada pertende ser rica, nescia se querendo viver sem manchas na fama, vive com pompas nas gallas, nescia se, sendo falladora, pertende ser havida por sêfuda, nescia se imagina que o segredo pôde encobrir os defeitos em casa, sem que o tempo os venha a pôr em pregação na praça; nescia se entende, que os vicios do marido pôdem desculpar os dezatinos da mulher; nescia finalmente se confidéra que a maior necessidade do mundo pôde dispensar com a menor ley do Matrimonio.

L I Ç A M XII.

Dos filhos, e cuidado na sua criação.

SÃO os filhos a segunda cousa, que constitue huma familia, e correspondem estes aos Nobres de que se compõem hum Reyno, como já dissemos, são o principio da felicidade dos casados, porque são o principio do amor conjugal, e por isso a ancia mais frequente entre os casados, favorecida dos impulsos da Natureza, he a fecundidade; substitue o retrato do pincel a ausencia do que morreo, e he algum consolo da sua falta; que muito logo que desejem os casados a fecundidade, se em os filhos deixaõ não em mortas cores, senão em vi-

va copia sua imagem. São appetecidos não só para conservar a especie, mas também o individuo dos pays; porque os pays moços sustentão aos filhos meninos, e os filhos moços aos pays velhos, e voltendo a vida aos que lha deraõ, pagaõ aquelle beneficio, que senão pôde pagar. São necessarios para a sociedade economica: porque requerendo-se duas cousas para todas as operaçoens humanas, isto he, saber, e poder, são felismente esta grande obra do governo domestico, quando se unem conselhos de velhos, e forças de moços. He cousa natural, que os pays amem mais aos filhos, e as mãys as filhas, porque cada hum ama o seu semelhante, e por isso he ley do amor, e da Natureza, que o pay enfi-ne os filhos, e a mãy as filhas, porque parecendo os doutrinados a quem os doutrinou, os filhos sejaõ generosos, e ousados, e as filhas temerosas, e honestas.

Nascido o menino he pois o primeiro cuidado de seus pays proveerem-lhe o alimento para a vida, e não pôde duvidar-se que nenhum he mais proporcionado para conservallo, que aquelle, que lhe deu o ser, e assim os peitos da mãy são mais natural alimento dos filhos ainda que o leite da mãy legitima seja menos faudavel; que o da estranha, porque se ainda os venenos, a que se cultiva hum homem o nutrem em vez de matallo, como lêmos de Mithridates Rey de Ponto; a caricia que cobrou nove mezes o sustento da que he propria mãy, o fará como natural taõbem mais accommodado a sua compleição. Favorino Philosopho tirou a metade do titulo a mãy, a que contentando-se com haver-lhe dado a metade do ser, lhe negou a outra metade de alimentallo. A S. Luiz Rey de França criou a seus peitos sua mãy Dona Branca, e ao Conde de Carilois criou a seus peitos sua mãy Dona Izabel filha do nobre D. Joãõ o primeiro.

Mas

Mas se a delicadeza de Damas, ou accidente de senhoras, ou finalmente a impossibilidade das mãys obrigasse a que a mãy os não crie será preciso bulcar-lhe amas em os costumes virtuosas, em a compleição bem humoradas, porque qualidades assim do corpo como da alma se mamaõ juntas com o leite, como adverte Aulo Gellio nas suas noites Aticas. A Rainha Dido chamou bastardo a Eneás, como diz *Virgilio lib. 4.* porque supposto foi de marido legitimo degenerou em o leite da criação, e a estes descuidos das mãys atribuem os mãos refabios dos filhos. Os frequentes sacrificios que fazia Tiberio ao Deos Bacho, em que lhe consagrava não menos victima que o juizo atribue *Lam-*

Dum tenera est ætas generoso imbue mores:

Tunc facile est cunctis artibus ingenium

E as riquezas são indiferentes, e póde usar bem, e mal dellas, mas pela mayor parte se usa mal quando não são adquiridas; porém das virtudes, como são boas em si mesmas, não se póde usar mal. São as virtudes

Divina non sunt argenti pondus, & auri,

Virtutes veras accipe divitias.

Porque senão são riquezas as que não duraõ, senão são bens os que não permanecem, senão he morgado o que não subsiste; as virtudes são morgado, são bens, e são riquezas, pois só as virtudes subsistem, duraõ, e permanecem eternas: assim continua dizendo;

Virtus post funere vivit.

Com as virtudes se adquirem as riquezas, mas com as riquezas não se compraõ as virtudes; consta do *Psal. 118.* e assim o deixou escripto o Phenix de Africa, e luz da Igreja Santo Agostinho de *Liberæ arbitrio lib. 2. cap. 2.* donde bem póde ser rico o que

pridio lib. 43. as bebedices de sua ama, e Justiniano diz que Romulo, e Remo em as inclinaçoens aos roubos mostraraõ, que huma loba lhe deu os peitos, e acrescenta que El Rey Agis, herdou tanto a velocidade de huma ferva que lhe deu o leite, que competia em a velocidade com os Gamos. Do Imperador Caligula se lê, que folgava de lamber sangue porque quando lhe dava de mamar sua ama untava com elle os peitos.

Saído o menino dos peitos da mãy para os braços da razaõ solicite mais o pay de enriquecello com as virtudes, que com os bens da fortuna, porque são aquellas facillimas de adquirir, na meninice como cantou o Poeta Inglez:

as melhores riquezas, os bens mais certos, e o morgado mais perduravel: ouçamos ao nosso cisne cantando a galla das virtudes nos seguintes versos:

he virtuoso, mas não he consequencia que seja virtuoso, o que he rico.

He doutrina do Epitito Santo no *cap. 2. do Eccles.* que os pays devem ensinar a seus ñlhos desde os primeiros annos da sua puericia: *Fili tibi sunt, erudi illos, serva illos à pueritiã suã* porque são os filhos meninos como as arvores pequenas, que com facilidade se arrancaõ, e transplantaõ de terra em terra sem nenhum perigo; como diz *Platam lib. 6. de legibus;* & *lib. 3. de Sapiencia*, ou como os vasos, que sempre conservaõ o cheiro do primeiro licor, que se lhe infundio como sentenciou Horacio:

Quò

*Quò semel est imbuta recens, servabit odorem
Testa diu.*

Ou como a agua, que sempre se colhe mais limpa, e pura nos seus primeiros mananciais, ou como o sol, que sempre foi mais saõ, e a gradavel no seu nascimento do que no meio dia, ou occaso, ou como o pèrro, que por isso se arremeça atrevido nas montanhas ao Uffo, ou porco, porque sendo pequeno se ensinou a ladrar à pelle do javali, ou finalmente como o loureiro, que por isso cresceu taõ direito, e formoso, porque sendo pequeno se ajudou artificialmente a sustentarse direito.

Sendo pois certo que a arvore que senão tranplanta pequena não péga, que o vazõ de que ao principio se usou mal sempre tem ruim cheiro, e que a agua quanto mais se tira na fonte, tanto mais pura se bebe, e que o sol no nascimento he mais agradável, e salutifero, que na morte, e que o pèrro, que pequeno senão ensina a ladrar à pelle do javali em casa senão arremessa a elle no campo, e que o loureiro, que de pequeno, senão endireita sempre fica torto; que esperanças pôdem ter os Pays de que seus filhos tenhaõ a doutrina, que necessitaõ se de pequenos não tratarem de lha dar para que venhaõ a conseguir o fim que desejaõ, quando não pôde chegar cedo a sua casa, quem tarde começa a jornada, nem sahira com o que deseja, quem não começa dos primeiros principios, nem esperar fertil, e abundante o anno o lavrador que o começou com ruim feraõ. Temia-se Mithridates Rey de Ponto, que acabasse ao rigor de algum veneno a vida que tanto estimava, e para perder este medo, e não viver sempre com recato, que he hum cruel tormento, acostumou-se de pequeno a comello; e de maneira lhe aproveitou, que querendo depois matar-se com elle sendo vencido pelos Roma-

nos lhe não fez mal. De huma moça conta *Virgilio 5. Georg.* que por haver-se criado com o veneno lhe servia de sustento; e por David senão haver criado de menino, com o uso das armas não as pode suportar vestidas quando sahio ao dezafio do Philistéo; antes confessava, que não podia dar passo, e lhe foi forçoso largallas para entrar na pendencia, assim selê no primeiro livro dos Reys: *Non possum sic incedere, quia usum non habeo*: e por isso disse S. Bernardo *ad Eugenium lib. 1. cap. 3.* que não he tanto para temer o affecto natural, como o uso temporal, *Quid non vertat consuetudo? quid non assiduitate duretur? quid non usui cedat? E Platam no Dialogo 4. de Republica*, encommenda que os meninos desde os annos tenros se haõ de costumar a jogos honestos, porque se se costuma a jogos desonestos, nunca podem ser bem procedidos: *Statim à teneris annis pueri honestis in jocos assuefaciendi sunt; nam si ludis minus decentibus assuescant, nunquam probi viri evadere poterunt.*

Devem logo os Pays desde o primeiro uso da razaõ dos filhos ensinállos, e doutrinallos bem, porque as doutrinas que nestes primeiros bebem se perpetuaõ nelles com a vida, como ensina S. Basilio: *Animus, dum tener est, sicut cera, quæ ipsas impressas, in se quascunque formas facile recipit, molissimè cedit, confestim ab initio omni rerum honorum imbui exercitatione debet, videlicet, ubi postea ad rationis usum accesserit, & habitum illum rerum judicandarum ætas attulerit, pietate jam ab ineunte ætate, assuetus nullo impedimento curso utetur faciliori, cum ratio, quid expediat, admoneat, & ad assequendum facilitatem præbeat consuetudo.* O mesmo nos mostra a experiencia quotidiana,

diana, da qual tomando argumento o nosso João de VVem refere que aquellas faculdades, e habitos que na puericia lançaõ raizes na alma cõ dif-

ficuldade se expulsaõ, e muito menos quando as tais inclinaçoens são vicioas:

*Ars fit, ubi à teneris crimen addiscitur annis
Heu male deducitur teneris quod mentibus hæsit,
Præsertim durant, quæ didicere mala?*

E para que ao depois crescendo na idade, senaõ indureçaõ desorte, que não creaõ os Pays, e lhes sejaõ occasiaõ de dor, como se lê no *Eccles. cap. 30. curva cervicem ejus in juventute, & tunde latera ejus, dum infans est, ne fortè duret, & non credat tibi, & erit tibi dolor animæ* Vio Hamnon Cartaginez ao menino Annibal em seus primeiros annos taõ galhardo, e atrevido, e de pensamentos taõ altos, que logo pronosticou que havia ser a ruina, e destruiçaõ de Carthágo, e por este motivo, como conta *Livio lib. 1. Decad. 3.* foi ao senado aonde disse as palavras seguintes: *Ego istum Juvenem domi tenendum sub legibus, sub magistratibus docendum, vivere æquo jure cum ceteris censeo, ne quando parvus hic ignis excitet ingens incendium.* E o mesmo que succedeo a Hamnon com Annibal, succedeo a S. Gregorio Nasianzeno com Juliano Apóstata, o qual, sendo visto pelo Santo, logo Prophetizou, que havia ser, o que foi pela turbaçaõ dos olhos, mofar dos narizes, rir discomposto, andar desconcertado, e soberba do rostro.

Os Pays, que não ensinaõ a seus filhos, e os castigaõ quando he necessario, não os amaõ, antes os aborrecem: assim se vê no capitulo 13. dos Proverbios: *Qui parcit virgæ, odit filium suum; qui autem diligit, illum instanter erudit;* e por esta razão tem Justa razão de queixa os filhos, que por falta de ensino, e castigo dos Pays vem ao depois a padecer affrontas, *ex cap. 13. Ecclesiast: de patre impio queruntur filii, quoniam*

propter illum sunt in opprobrium. Conta *Boecio de discip. schol. cap. 2.* que certo mancebo Romano começou a entrar em malicia antes do tempo, e se fez pouco a pouco taõ viciozo, que entrando em idade de mancebo o não pode seu pay emmendar, e veyo pelos insultos, e crimes que commetteo a ser sentenciado à morte, e antes de se executar pedio instantemente se queria despedir de seu pay Lucrecio, que era hum nobre Cidadão Romano, o que se lhe concedeo, e chegando-se ao pay lhe arrancou os narizes com os dentes dizendo: se tu me castigaras quando menino, e me não deixaras viver em minha má condiçaõ, eu não chegara a este estado. Por isso dizia Pio II. que o pay, que consente que seu filho viva em liberdade, cria escravo que o mate. Similhante successo conta *Pontano tom. 1. de libert. cap. 9.* de huma máy, que por criar hum filho sem ensino nem castigo, o vio morrer em similhante miseria depois de a deixar gravemente castigada pelo castigo com que lhe havia faltado.

Vejaõ agora os pays se vale mais, que os filhos chorem, e se queixem dos açoutes dados com mão paternal, do que vellos açoutar, e morrer às mãos de hum infame verdugo! O quantos Pays viraõ, e ouviraõ que seus filhos padeceraõ dezastradas mortes pela falta de doutrina, e castigo, com que as puderaõ ter evitado; e por isso nenhuma mostra de vicios nos meninos se ha de ter por pequena para os deixarem sahir com ella, porque em tal idade esse pouco he muito; que o

rio grande se faz dos arroyos, e muitas vezes em hum delgado manancial eaudelosos. Assim o cantou Ovidio:

*Flumina magna vides parvis de fontibus orta,
Plurima collectis multiplicantur aquis.*

A boa criação se deve tomar logo nos principios, e o máo recado que se põem em materia tão importante he causa de se perder o fruto. A terra toda he boa se a cultura em sazaõ; as arvores, e plantas tanto mais fertilizaõ, quanto mais se cultura com tempo. Os engenhos dos meninos estaõ cheyos de largas esperanças, e promessas se ouver cuidado em doutrinallos *Cic. in Tusc: sunt ingeniis nostris semina innatta virtutum quasi ado-*

lescere liceret, ipsa nos ad beatam vitam mature producerent; nunc autem simul, atque editi in lucem, & suscepti sumus, in omni continua pravitate, & in summa opinionum perversitate versamur, ut penè cum lacte nutritis suxisse videamur; pois he certo, que a natureza com assistencia se aperfeiçõa, e com os documentos se melhora, como disse *Alciato emblema* 98. nesta fórma:

Ut Sphære fortuna, cubo sic insidet Hermès:

Artibus hic variis, casibus illa præest.

Adversus vim fortunæ est ars facta: sed artis

Cum fortuna mala est, sæpè requirit opem:

Disce bonas artes igitur studiosa juventus,

Quæ certæ secura commoda sortis habent.

Façãõ os pays grande estudo em notar em primeiro lugar as inclinaçoens dos filhos, se saõ más ou boas, estas para alentallas, aquellas para reprimillas, pois como disse Seneca, logo na infancia, e nos primeiros annuncios da vida se conhece qual será o discurso della, *ab infantia surgit ingenium.* De espóras, e freyo, diz o mesmo, necessita quem industria mocidades. Em a puericia sahem tanto fóra as paixoens d'lma, que sem olhos permitem ver-se. Não sabe aquella idade de fingimentos, nem pôde o rosto fazer traizaõ ao peito com a dissimulaçaõ dos vicios, e virtudes, se he pusillanime, se valente, se iracundo, se manso, se pecca em prodigo, se em mesquinho, se em melancolico, se em alegre. Com a indicaçaõ do rosto occasionada em os lances do jogo, ou trato com seus iguais se conheceraõ com pouco estudo; porque dos exercicios, e applicaçoens dos me-

nicos se entende quais seraõ suas obras, como enfina o *Espirito Santo no cap. 20. dos Proverbios, e no cap. 10.* Desde pequeno mostrou David seu natural atrevido, e guerreiro, porque em quanto não teve homens com quem provar suas forças, lutava com feras. Caligulo cruel porque desde pequeno gostava de ver os que justificavaõ. Comodo sendo pequeno mandou deitar em hum forno ao mestre de hum banho, porque tinha a agua pouco quente, descobrindo em a mocidade suas más entranhas. D. Jaime I. de Aragaõ foi tão guerreiro, porquanto desde dez annos se achava em as batalhas occupando os postos mais perigosos dellas. Alexandre seu generoso animo na mocidade o mostrou, porque se entristeceu dizendo-lhe, que seu pay tinha vencido huma grande batalha, dando por razaõ que lhe fiava a elle para fazer? Pelas palavras conhecem tambem las inclinaçoens

dos meninos, porque são as palavras sombra do coração, como diz *Laercio lib. 9.* na vida de Democrito; interpetres d'alma como lhe chamou *Cicero de legib. lib. 1.* arrojos do interior pelos quais se descobre a bondade, ou malicia da fonte donde sahem, como lhe chamou Estobéo no primeiro Sermao; espelhos, e retratos do entendimento, em que se vê clara, e distinctamente, o que lá passa por dentro, como diz *Maximo Monacho Serm. 15.* Assim como pelo som se conhece a bondade do metal, diz Quintiliano, assim pelas palavras se conhece a virtude do homem: *Sonis homines, ut æra tinitu, dignoscimus.* Por ellas veyo em conhecimento o povo Romano de que feria Scipiam Africano ruina de Carthago, como escreve *Cicero lib. 1. de Auspicio*: por ellas pronosticou Propedio, que Catam feria a honra, e gloria de sua Republica, como escreve Plutarcho na vida de Catam.

Aviriguadas as inclinaçoens he necessario acudir com remedios aos vicios que predominão, e premiar as acçoens, que tem similitude de virtude. Toda a enfermidade admite curar-se logo em seus principios se lhe applica o remedio; porque o mortifero da doença não prevalece, se a natureza roubadora com o remedio lhe resiste: porém se a má qualidade se invetera cobrando acção contraria ao nativo impulso, que importa que o vital alento ajudado do remedio intente lançalla fóra, se encontra maior poder na resistencia. São as más in-

clinaçoens doenças d'alma, tem seu principio, como dissemos, na infancia, e como neste sejaõ menos vigorosas pequenos remedios bastaõ para curallas, como disse *Seneca: possunt vitiis simplicibus obstare remedia simpliciora.* Com tempo logo se lhes deve applicar remedio não lhes permitindo que se inveterem com o tempo, porque assim como a enfermidade envelhecida he para o corpo morte abreviada, assim o animo em que os vicios habituados se reconcentraõ apressadamente corre a mayor desgraça.

Nenhum cuidado bastará a conseguir este effeito, senão se conseguir primeiro apartallos dos mãos, porque tem eloquencia mais persuasiva os exemplos que as instrucçoens, sendo por outra parte mais pegajosos os vicios, como disse *Plinio: Nil tam facile discimus, quam turpitudinem, & nil difficilius ædiscimus*: todo o ensino será inutil, porque qualquer companhia mà retarda a boa criação seus frutos. Nem basta apartallos da companhia dos mãos senão os obrigaõ a que tratem com bons, e com aquelles principalmente, que tiverem virtudes oppostas às suas desordens; se he prodigo com o recadado, se timido com o alentado, se desvanecido com o humilde, se lascivo com o modesto, se rixoso com o pacifico, com os exemplos do pay se deve fiar mais que das reprehencoens, porque como diz *Wem os filhos imitaõ os pais em os costumes:*

*Sepè patris mores imitatur filius infans,
Qualis erit mater, filia talis erit.*

*Castæ refert castæ genetricis filia mores,
Lascivæ numquàm filia casta fuit.*

A este proposito vem muy boa a fatura 14. de Juvenal.

*Cum facies petra senex vacuumque cerebro,
Jam pridem caput hos ventosa cucurbita quærat.*

Das boas companhias se tira boa criação. Se Clantes não houvera tratado com Leno ainda que tivesse ouvido seus preceitos não houvera saído tão conforme retrato seu, nem vivera como elle, como diz o sentencioso Seneca. E assim consta que andarão sempre juntos os grandes Principes com grandes Philoſophos em companhia inseparavel. Alcinoo foi companheiro de Ulises, Chiron de Aquilões, de Agamenon Nestor, Thelémaco de Meneláo, Polidamante de Heytor, de Hyeronido Simónides, Aristóteles de Alexandre, Sócrates de Alcibiades, de Cyro Xenophonte. Adverte Santo Isidoro lib. 2. de Soliloquiis que me-

lhor he o odio, e aborrecimento, dos máos, do que o seu conſorcio, e companhia, porque assim como a companhia dos bons motiva muitos bens, assim a dos máos tras consigo muitos males, por isso diz Seneca que os maos entre os máos mais malicia cobraõ, e que os bons entre os bons melhor se conservaõ: *Malus nocet malo, profunt inter se boni*, portanto a companhia destes deve delejar-se, e aquella totalmente aborrecer-se, como ensina o *Eſpirito Santo no cap. 1. dos Proverbios, e se lê no cap. 15. e 19. do Genesis, 17. e 19. do Livitico*, o que tambem cantou hum Poéta:

*Conversare bonis, & ab his bona plurima disces,
Cum pravus vivens, tu quoque pravus eris.*

He a boa criação dos filhos resplendor honorifico dos pays, he a mã cruel verdugo de seus merecimentos, e infame sepulchro de seus louvores; haverá pois pay no mundo tão esquecido de si mesmo que intente com a mã criação dos filhos introduzir a causa de seu discredito! *Liberorum mores patres perdunt* diz Quintiliano, e haverá homem no mundo tão pouco ambicioso da fama, que com incansavel desejo não intente, dar a seus filhos boa criação,

da qual resulta resplendor proprio, augmento da casa, e nobreza da familia. A boa criação faz os animos candidos; a mã obscuros, e preverſos; e pinta-os de varios costumes a que he juntamente boa, e mã, por isso se ha de ter grande cuidado em a recta criação da fragil mocidade, para que desde os tenros annos se incline a produzir saudaveis, e sustanciosos frutos o fervente campo da primeira idade.

*Principiis obsta; sero medicina paratur,
Cum mala per longas invaluere moras.
Sed propera, nec te venturas differ in horas,
Maius opus mores composuisse suos.*

Nestes versos ensina Caufino a brevidade com que se haõ de impedir os vicios na idade pueril, os quaes para que chegassẽ à noticia de todos traduzio D. Francisco de la Torre no idioma castelhano na fórma seguinte.

Resiste à los principios,
En ellos la observãcia es bien se guarde;
Porque la medicina llega tarde,
Quando ya de salud sin esperança
Tomò fuerças el mal con la tardança.

No el obrar bien dilates, no confies;
Y en las que han de venir horas te fies;
Porq̃ es la maior obra a entèder llogo,
Componer las costumbres luego luego.

Concluo, que importa pouco que os pays ajuntem riquissimos theouros aos filhos, e os deixem cheios de abundantissimos bens, se os não deixão instruidos de virtudes com que os conservem; porque o vicio dos fi-

Hij lhos

lhos destruirá em breves dias quanto o disvello do pay, e avós grangeou em muitos annos, e por isso o Philosopho Crates subindo-se ao mais alto lugar da Cidade de Athenas, levantando a voz ao mais subido ponto que pôde, proferio as palavras seguintes, *Quo ferimini, ob mortales, qui ad possidendas opes magno studio incumbitis, filiorum verò, quibus illas relin-*

quitis, exiguam curam geritis. as quais na nossa phrasi Portugueza querem dizer: Que desejo ardente vos arrebatá o homens para adquirir muitas riquezas sem vos lembrar cuidado algum da criação dos filhos para quem procurais esses thesouros! Devêdo empregar-vos em dar-lhes boa criação, e vestillos de generosos costumes, como escreveu o Poeta Policides:

Dùm tener est gnatus, generosos instrue mores:

E aconselhava aos seus mancebos Romanos. *Ovidio 1. de arte amandi.*

Disce bonas artes, moneo, Romana juventus.

L I Ç A M XIII.

Do Amor dos pays.

HE o amor hum desejo de unir-se com a cousa avaliada por boa; he hum ligame, que liga duas cousas, ou deseja ajuntar ambas; he huma transformação de huma alma em a cousa amavel, apressada no desejo, e quieta na possessão; he hum vencimento do animo, excitado por causa do honesto, util, ou agradável para alguma cousa animada, ou inanimada; he huma concupiscencia do animo, que tem apref-

fada entrada, e vagarosa sahida; he hum fogo que arde sem se sentir; he hum cativo da liberdade; he huma prizaõ dos sentidos. E contrahido o Amor ao profano he huma cegueira do juizo; he hum tyranno, que tudo avassalla; he hum imperio que tudo manda; he hum delirio da razão; he hum desassociego, que tudo perturba; he finalmente huma pertençaõ que a tudo se atreve: he como lhe chamou VVem huma esperança incerta; hum temor constante; hum fugitivo gosto; hum prazer triste; huma dor doce:

*Spes incerta; timor constans; fugitiva voluptas,
Gaudia mæsta, dolor dulcis, amarus amor.*

Cinco classes ha de amor, convem a saber; o amor de Deos; o amor do Proximo; o amor Proprio; o amor da Patria; e o amor Venéreo. O amor de Deos he huma rectissima afeição pela qual se ama a Deos por si, e ao Proximo por Deos: o amor do Proximo he huma charidade, pela qual fomos mandados amalho. O amor proprio he huma afeição de si proprio, que por causa de si mesmo faz todas as cousas nas quais descobre utilidade. O amor da Patria he huma piedade,

que se lhe deve. O amor venéreo, e cupidineo, he o que assim fica definido.

Seja pois a primeira fineza do pay imprimir nos primeiros alentos da razão no coração dos filhos o amor de Deos; porque o amor de Deos he a guia segura dos acertos como diz *S. Paulo ad Romanos cap. 8.* he huma carta de seguro contra as miserias da pobreza, *Ex psalmo 30.* contra as perseguições, e molestias de mãos *Amos cap. 5.* he huma segurança da

misericórdia, *Exod. cap. 2.* he huma bemaventurança certa, *Ex luc. cap. 7.* delle nasce a fortaleza dos costumes, a charidade dos affectos, a subtileza dos engenhos, a santidade dos defejos, e claridade das obras, a fecundidade das virtudes, a dignidade dos merecimentos, a sublimidade dos pre-

mios, como escreve *S. Bernardo no tractado de diligendo Deum.* E porque do amor de Deos se colhem tantos fructos diz o nosso Poéta, que este deve ser o primeiro principio, e indole dos filhos; ensinando-lhes a fé, que he meyo necessario para alcançallo:

Arbor uti plantanda, priusquam fructus habendus:

Intra virtutes prima docenda fides.

Prima fides igitur; princeps amor est, quia magna est,

Credere, sed virtus maior amare Deum.

Parece o amor do mundo doce; porém sempre tem amargo fim:

Mel, fel, seria ludus amor.

Porém o amor de Deos começa pela amargura, mas os seus fins sempre são cheyos de toda a doçura *Hugo. Arab. lib. 1.* he necessario, para nos vestirmos deste, despir-nos totalmente daquelle; porque como diz *S. Cypriano referido por Polyantêa verbo amor Dei*, não pôde o amor do mundo habitar igualmente com o amor de Deos em hum coração, da mesma forte que não podem os lhos ver igualmente no mesmo tempo o Céu, e a terra.

Ao amor de Deos se segue o amor do Proximo; e este se deve tambem estampar no coração dos meninos, porque no amor de Deos, e do Proximo consiste toda a felicidade temporal, e espirital, porque destes dous mandamentos depende, e se deriva toda a ley, por quanto o que ama a Deos, e ao Proximo guarda os mandamentos do Senhor, e quem os guarda tem segura a felicidade, *Ex Levitico cap. 26. & ex deut. cap. 28.* e no amor do Proximo entra tambem o amor proprio, porque o preceito que me manda amar ao Proximo, me manda amar amim, e amar os filhos, que he a principal materia desta nossa lição.

Importa muito que os pays não mostrem sobrado amor aos filhos, porque o muito amor lhes he nocivo, como refere *Seneca: amor etiam aliquando nocet;* porque no muito amor ha tambem muito rendimento, e virão os pays a servir, e obedecer aos filhos em vez de mandallos, como succedeo a Henrique II. de Inglaterra bem conhecido em as historias não tanto por seu poder, quanto por haver sido o perseguidor de Santo Thomas Arcebispo de Cantuária, que chegou a servir à mesa a seu filho D. Henrique. Perfuadao-se, que chega por nimio a ser vicioso, e que he mais offensivo aos filhos do que lhes pudera ser o odio dos contrarios. Que azas não cobrará hum rapaz para sahir com o seu gosto, se vê, que huma lagrima sua custa muitas à mãy, e que negocêa com chorar tudo o que o seu appetite lhe dita? se o mesmo que se lhe nega quando encendido em coragem, se lhe concede pacifico; se a seus choros desentoados lhe dessem mais causa para chorar com o castigo, e depois rendido achasse facil o que pertendeo; se em vez de dar-lhe satisfação de que o mestre o tratasse com aspereza, lhe dobrassem a reprehensão; não duvido, que os efeitos lhe ensinaraõ com a obediencia os tais escaamentos. He o muito amor ruina para os filhos, diz *O Seneca: Quidam amando occidunt;* e mais que por excessão de amor não

pódem ver chorar os filhos, e por enxugar suas lagrimas, em nada lhe vaõ a maõ; teraõ tanto, que chorar em os annos mais crecidos, que naõ tenhaõ mãos para enxugar as suas, como enfina *O Espirito Santo no cap. 3. do Eccles.*

Os que saõ unicos em casa costumãõ fahir soberbos, despresiveis, e mal criados, por serem criados com demasiadas delicias, e esta he a causa porque os filhos segundos em as familias nobres, ou illustres costumãõ fer mais bem vistos, e queridos dos póvos, e de todos os que os communicãõ; porque como lhes toléraõ menos em a criação, fahem melhorados em os costumes, mais domesticos no trato; e como de menos presumpção, de mais cortezia, que he o feitiço para fer estimado. Morreo o filho da viuva de Jarept, que hospedou a Elias, queria-lhe como a unico, matou-o de muito querer; tendo-o nos braços o colheo a morte, e para resuscitallo o Propheta o apartou do seyo da mãy como se lê na Escriptura sagrada. Oh quantos pays haõ sido parricidas de seus filhos obrando mais sanguinolentamente contra a sua vida os desmedidos carinhos, que o odio dos contrarios, e tambem saõ frequentes as mortes do corpo pelos excessos em a cariciallos afeminadamente, porém saõ innumeravelmente mais os da alma, como diz O gentio Seneca no lugar citado! O fazer-se o pay temido he sabello fer, e qual for o filho tal se reputará o pay; porque este se conhece pelos filhos, como enfina *O Espirito Santo no cap. 12. do Eccles.* e saõ as testemunhas da malicia, ou bondade dos pays, como diz *Salomão no cap. 4. da sabedoria.* Deve sem familiaridade fazer-se amar, e sem severidade fazer-se temer, para que o demasiado rigor naõ envileça os animos juvenis, e a demasiada lhaneza naõ diminua a authoridade. Nem deve fer taõ familiar com os filhos, que

brinque com elles como fazia Ageli-zaõ, que como escreve *Plutarcho in Lacon. apoph.* se montava em cavallos de cana, e corria com elles, e pedia aos que o viaõ, que naõ julgasse aquella acção, quem naõ tinha filhos, porque diz a *Escriptura Sagrada no cap. 3. do Ecclesiast.* que o pay, que joga com os filhos virá a pagar em tristezas estes brincos; nem taõ aspero, que pareça que os aborrece. Naõ favoreça mais a hum, que a outro, por naõ acender enveja contra o favorecido, e odio contra si; mais louve, e favoreça a virtude com algum premio, que deixando esperança a todos de conseguillo sem enveja cause emulaçãõ. Naõ declare nem por palavra, nem por escripto, qual dos filhos hade fer seu herdeiro, porque, tendo a todos com esperanças, todos lhe seraõ obedientes; e declarando o herdeiro naõ será amado dos outros, nem do mesmo herdeiro; porque quem espera morte de alguem, naõ lhe deseja a vida, como experimentou Joaõ Andrómacho Peleago Imperador de Constantino-pla com seu filho Andrómacho, General de suas armas; a Amurates I. com seu filho Lauses, tambem General de suas armas, que, impacientes de esperarem por suas mortes, se rebellaraõ em suas vidas, e lhes custou muito a sujeitarem-nos cegando-os a ambos. Jacobo III. de Escocia, contra quem pela mesma causa se rebelou seu filho, e o venceu em huma batalha em que às mãos de hum soldado perdeo escondido em hum moinho a vida; a Luiz Rey de França, filho do Imperador Carlos Magno hum dos nove Principes, a quem celebrou a fama por mais famosos, com seus dous filhos Lotario, e Pepino, que nos ultimos quarteis da vida lhe deraõ bem que trabalhar pelos haver feito a hum Rey dos Romanos, a outro de Aquitania; a D. Affonso o Grande com seu filho D. Gracia; que

que à força de armas o obrigou a renunciar o Reyno; ao nosso D. Diniz em seu filho, D. Affonso, que chegou a por-se em campo com exercito contra seu pay, e fora mais ávante se entre o pay, e o filho não medeára Santa Iza-bel Rainha máy de hum, e mulher de outro. Admoesta o Espirito Santo por esta causa, que nenhum pay constitua a seu filho herdeiro em sua vida, assim se lê *no cap. 33. Eccles: Melius est, ut filii tui te rogent, quam te respicerent in manus filiorum*; Dos Principes, diz Aristoteles. as seguintes palavras: *Pater, & filius simul non debent Principem agere, nec minor, & senior frater*; que no nosso vulgar querem dizer que não concorda bem o governo do Reyno na mão do pay, e do filho, nem do irmão mais moço, e mais velho. O que bem se entende do pay, que em sua vida concede o poder ao filho, e do irmão mais velho que ao mais moço permite a sua authoridade. Escreve-se de Carlos V. que dizia, que o nosso Rey D. Sebastião fora bem afortunado, porque nascera Rey aos pés de sua Máy.

Bem pôde haver filhos de costumes tão perdidos, que nem a reprehensão do pay os enfreie, nem os modere a brandura, nem os reduza o exemplo a termos de virtuoso; por isso disse Tulio, que mais nos inclinao a amar a virtude a natureza, e boa condição que a doutrina: *Sapius ad virtutem natura sine doctrina, quam doctrina sine virtute pollet*; porém que aos enfados de seu pay, se desmensurem, e obrem licenciosamente sem que o pay seja complice em sua malicia não he possível. No filho Prodigio vemos o que pôde humã liberdade, quando a mandao poucos annos, e companhias finistras: porfiou tanto o Prodigio que conseguiu a sua parte da herança; e que dispoz com ella? ir-se a terras estranhas, e desconhecidas, e

quando quiz fazer cara aos vicios voltou as costas a seu pay; que para ser máo aos olhos de hum pay; ainda para fingido parece impossivel. O loureiro melhor verdesse debaixo da sombra materna na mesma terra, donde nasceo; mas a venenosa planta da Persia transplantando-se se desvenena. O filho, que nasceo com animo dócil, e corrigivel, não se deve apartar da casa de seus pays, para que não se divirta perigrinando; mas o que nasceo com animo áspero, belicoso, e encorrigivel, he necessario transplantallo em climas bem remotos, e estranhos, para que, ou acabe sem affronta de seu pay, e discredito de sua familia, e damno da Patria, ou se faça mais urbano, perdendo o máo viver entre os que bem vivem, como succedeo a Erethrio, de quem conta *Brus. lib. 4. cap. 30.* que, vindo para sua Patria, depois de larga perigrinação, lhe perguntou seu pay, que aprendeo em o decurso de tanto tempo de perigrinação. A quem respondeo, que brevemente o mostraria, e sendo dahi a pouco tempo castigado pelo pay, disse: que isto era o que a prendera, obedecer ao pay quando castiga, e sofrer com igual animo as suas indignações.

No amor da Patria se deve tambem instruir o menino, porque depois de Deos, estamos obrigados a amar aos pays, e a Patria, e para ella nascemos como diz Cicero. Nada he mais doce na vida, nada deve ser mais amado, nenhum lugar ha mais agradavel. Amados são os filhos, os parentes, os familiares, mas a Patria abraçou juntamente os cuidados de todos; por ella nenhum bom duvidará morrer, se nisso tiver a Patria utilidade. A todos os perigos, a todos os riscos, se deve expor hum bom patricio para conservar a dignidade, e liberdade da Patria, como cantou o nosso Poeta:

*Pro Patria, patribusque mori, populoque Latino,
Corde, animoque pio scipio, suscipio.*

Ovidio, aquella grande amante da Patria, diz, que o amor della totalmen-

te nos arrebatava os divellos obrigando-nos a desejal-la com impulsos:

Urget amor Patrie ratione valentior omni.

Degradado às mãos da inveja estava o famoso Aristides de sua Patria, Athenas, a quem havia feito muy afinalados serviços, e rogava aos Deoses, quizessem ser propicios aos Athenienses em tudo, o que desejassem: vindo Xerxes com hum poderoso exercito contra elles, foi o primeiro, que com conselho deu o favor, ajudando a Temistocles a vencer aquella grande batalha Salamina, como conta Plutarcho. Conta Eliano lib. 4. de varia historia que Phociaõ Atheniense, depois de fazer grandes serviços à Patria, foi ingratamente condemnado a morrer, bebendo veneno, e tomando-o, disse a seu filho Phoco: que lhe encomendava muito, que não tomasse vingança da Patria, mas a servisse. Candro Rey de Athenas se fingio soldado gregario, e se offereceo aos inimigos, para que o mataffem; porque, consultando os oraculos sobre o vencimento, lhe foi respondido, que aquelles sahiriaõ vencedores, cujo Principe morresse na guerra. Sertonio vencedor mandou offerecer a Pompéo Metello desistiria da guer-

ra, que fazia aos Romanos, se os mesmos lhe prometeffem ir viver a Roma sua Patria, aonde queria antes ser Cidadão humilde, que Imperador de todas as mais Cidades. Os juristas affirmaõ, que os que morrem pela Patria se immortalisaõ pela gloria: *In perpetuum vivere intelliguntur, qui pro patria ceciderunt.*

Muy solícito deve ser o amor dos pays em instruir os filhos no amor de Deos, do proximo, e da Patria; mas muito mais vigilancia lhe he necessaria, muito mayor cuidado lhe he preciso, em divertir o amor venero do coração dos filhos; porque aqui he donde daõ à costa todas as virtudes; aqui he donde miseravelmente naufragaõ os bons costumes; aqui he donde lastimosamente acabaõ os bens, e começaõ os males. Este he aquelle vicio, cujos principios promettem delicias, sendo no fim tudo delirios; este he o que principia com esperanças doces, e acaba com desenganos amargos, como cantou o Principe dos Liricos entre os Inglezes nestes versos:

Principium dulce est, at finis amoris amarus:

Leta venire venus, tristis abire solet.

Flumina, quæ situ sic in mare dulcia currunt,

Postquam gustarunt æquor, amara fluunt.

Este he aquelle tiranno, que converteo em Onça a Calixto, por amor de Jupiter: a Seméle em cinza: Dafne em loureiro por Apollo: Mina em arvore por amor de seu pay Cinaro: Juno em vaca por amor de Jupiter: Philida em Almendro por Demofonte;

Echo em pedra por Narciso; Leucotheo em vara de incenso por Apollo; os cabellos de Medúza em cóbra por Neptuno. Este he aquelle cégo, que obrigou a Pygmaliaõ, a que céga-mente se enamorasse de huma estatua de pedra de mulher; ao mancebo de

Athé-

Athênas de outra, de maneira q̄ chegou a pedilla no Senado, e matar-se porque lha negaraõ; a Xerxes de huma arvore. Este he aquele Imperio, a quem se renderaõ os mais famosos Capitaens, e sabios do mundo. Hercules namorado de Omphala se vestio em trage de mulher, e ficou lá. Alexandre se deixou vencer de Roxanes desigual de sua qualidade. A destruição de Marco Antonio foi Cleópatria, e de Annibal os amores de Campania. Era Samsaõ fortissimo, assombro dos Philistêos, e renderaõ-no os olhos de Dalida, cujos enganos amorosos assim debilitaraõ suas forças, q̄ cortados os cabellos, alcânçar donde residiaõ, ignominiosamente foi entregado sem resistencia a seus inimigos: venceu hum leaõ, e naõ pode vencer o amor, rompeo as prisões de seus contrarios, e naõ as de seu appetite; pôs fogo às alhéas searas, e deixou abraçar as de sua virtude com o fogo amoroso de huma mulher. Santissimo era David escolhido de

Deos para governo de seu povo; a Leoens, e Uffos tirou a preza, e venceu em batalha campal ao gigante Goliath horendo espanto de hum exercito, e temor de hum poderoso Reyno, e rendido em os braços de Barzabé firmou sentença contra o leal Urias. Sapiientissimo era Salomaõ sobre toda a humana sabedoria, zeloso em o serviço de Deos pois lhe erigio templo, maravilha primeira entre as sete do mundo, e rendido do amor de mulheres idólatras, a dorou sacrilego os Deoses falsos, e consagrou-lhes templos. Sabio era Aristoteles, e perdia-se por Herpildes, Domósthenes por Láis. Em fim a todos este amor venceu, a todos cegou esta affeição, a todos sujeitou este poder, sendo empenho seu vencer a todos; como d'elle escreveraõ os Poétas antigos, e modernos, entre os quais naõ merece a menor coroa do verde louro, o nosso Joaõ de Wem, que falando do amor diz assim:

Victrici veneri comittit praelia Caesar:

Inviçtum Alcyden magnus ad arma vocat.

Pugnatur, vincit Caesar, Venus alma triumphat:

Corruit Alcides: omnia vincit amor.

E se foraõ tantos os particulares, que postrou por terra este indomito Gigante, naõ haõ sido muito menos os Reynos inteiros por esta causa destruidos. A antigua Troya foi queimada pelo roubo de Helena. Pelo caso de Lucrecia se acabaraõ os Reys em Roma. Lacedemónia destruhio Epaminondas em castigo de serem violadas as donzellas cedegas de Thebas. Por causa de Lavinia foraõ todas as guerras entre Eneas, e Turno. Pericles por amor de Aspia destruhio os Samios; porque Agamenón furtou a Crizeida filha de Crisã sacerdote de Apollo, mandou Apollo huma grande peste sobre o exercito dos Gregos, que naõ cessou senaõ depois de ser reiti-

tuhida Crizeida. Alexandre por amor de Tánais destruhio a Cidade de Persépoli. Cylla entregou o Reyno de seu Pay Nesso a seu inimigo. Por Cava, ou Florinda se perdeo dentro em oito mezes com quatro batalhas Espanha toda, e se restaurou em oito centos annos, com oito centas batalhas. Adaõ ficou no hospital pelos amores de Eva, e afundio em hum ponto o Imperio mais rico, e mais poderoso, que o mundo ha conhecido, nem conhecerá já mais.

Nem taõ sómente aos mortais derrotou este monstro, mas até aos mesmos Deoses, que venerou a cega Gentilidade, se attreveo. Saturno por estar com Philyra se tornou cavallo. Ju-

pter se mudou em touro por amor de Europa; e se transformou mulher em figura de Diana por respeito de Calixto, e em chuva de Ouro por entrar com Dánae. Marte por estar com Venus foi prezo em cadéas por seu marido Vulcano. Pan se converteo

Regnat, & in superos

O' valha-me Deos que atrevido, que poderoso he este tiranno, de cujo imperio não escapão nem os mais valorosos, nem os mais sabios, nem ainda os mesmos Deoses. A tudo derro-

*Militat in teneris annis
Est in canitie ridiculosa*

Esta a qui acha o seu tropeço, o seu embarço, a sua queda, a sua ruína. Muita guia he necessaria para a desviar desta perdição, muitos olhos, muita vigilancia, muito cuidado he preciso para que não tropece, e caya neste abismo de erros; neste deve empenhar todo o resto o Pay, já ensinando aos filhos com o exemplo, já com as boas doutrinas, já com as boas companhias, já com o retiro em casa, já com os ter occupados, já com lhes tirar o dinheiro; já com o mimo, já com o castigo, já com o amor das virtudes, já com odio dos vicios, já com a memoria da morte, já com a lembrança de tantas desgraças, com que cada dia está clamando a experiencia.

L I Ç A M XIV.

Da Obediencia.

HE a Obediencia huma sujeição da vontade; he hum habito do obedecer aos preceitos que ditta a razão; he hum habito de obedecer aos preceitos, e mandados daquelles, a quem pela ley, pelo direito, e pela razão

em carneiro quando foi amado da Lua. Apollo por causa de Leucóthoe tomou fôrma de mulher. Mercurio se fez cabraó por estar com Penélope, e por isso Ovidio diz, que até nos Deoses tem poder:

jus habet ille Deos.

ta, a tudo vence, a tudo disbarata, a tudo aniquila, mas a quem fez mayor guerra he a mocidade. Já o deixou dito o nosso Poéta:

*amor, hospes amœnus,
venus.*

fomos obrigados a obedecer; he huma máy da ventura; he a felicidade da Republica; he a quietação, e fôcego do mundo; he a alma dos governos; he o Pay dos Póvos; he muro incontestavel dos Reynos; he fortaleza inexpugnavel das Cidades; he virtude, que tudo alcança: sem obediencia nada se conserva, com ella tudo presiste; sem a obediencia tudo se altera, com ella tudo permanece; sem obediencia tudo se perturba, com ella tudo floresce; sem obediencia não ha Rey que governe, Capitaó que vença, Mestre que ensine; com ella governa o Rey, vence o Capitaó, ensina o Mestre.

Entre os preceitos da taboa segunda da ley Divina tem o primeiro lugar a obediencia, e amor dos Pays, e a mesma ordem guardou Platão em as leys de sua Republica, o qual depois da veneração, e culto dos Deoses pôs logo em segundo lugar o respeito dos Pays, e mayores: *Dialog. 4. de Legib.* Tambem os Poetas fallaraõ do amor, e obediencia que devem ter os filhos aos Pays conhecendo o ser que delle receberaõ. Wem:

*Sum tua carò, pater, tua sum caro, mater, in unâ
Carne meâ dua vos estis, & una caro.*

Das aves, chamadas Meropes, escreve Aristoteles na historia dos animais *lib. 9. cap. 13.* que sustentaõ os Pays não só quando velhos, senão que tambem em tempo de enfermidade lhe servem de liteira com suas azas para que não cayaõ, e desfaleçaõ. Isto mesmo se tras commummente das cegonhas, e de outras aves chamadas cúcuphas; e das aves chamadas pides escreve *S. Basilio no livro de honore parentum.* E se as aves, e animais guardaõ este direito natural, que he justo que faça hum homem capaz de razaõ, cheyo de tantos mysterios como Deos nelle descobrio, e a quem disse *no cap. 30. do Eccles.* que tomasse a velhice dos Pays, e que não se entristeçesse com a sua vida, senão he que seja mais insensato que as feras, mais desconhecido que os brutos, mais ingrato que as aves, para que lhe diga *Seneca lib. 3. de beneficiis* não amar os Pays he impiedade, e não os reconhecer infamia, e diz o mesmo que o Pay quando bom se deve amar, e ainda que mão se deve soffrer: *Ames parentem, si æquus est; sin aliter, feras.*

Desobedecer a hum Pay, cujo amor não há, como dizem os Juristas, outro que o possa vencer; a hum Pay, cujo cuidado na criaçaõ dos filhos não ha outro que o igualle; a hum

*Qui cupis esse senex, charos venerare parentes.
Qua patri facies, filius ille tibi.*

Muitos exemplos nos offerecem as letras Sagradas, e humanas de filhos obedientes, dos quaes nos parecêo referir alguns para q̄ aproveitem à imitação delles. E começando pelas letras Sagradas se nos offerece hum Isac, que sendo levado por seu Pay Abraham ao monte para sacrificallo, todo humilde, e obediente se deixou atar

Pay que todo se disvella em adquirir bens para deixar-lhe, honra, creditos, e fama com que possaõ melhor passar a vida, he de impios sem ley, sem razaõ, sem conhecimento; negar a obediencia a quem as aves, e animais o reconhecem, he brutalidade, he fereza, he loucura qualificada, contra as plantas, contra as feras, contra os elementos, contra os homens, contra Deos, que he bastantissima razaõ para não cair em tanta barbaridade. Diz *S. Paulo no cap. 3. aos Collocenses*, que os filhos obedeçaõ aos Pays em tudo, para o que não move com cargas de razõens, senão que sobra, e basta que Deos o queira. Sócrates ao tempo de sua morte encomendou a seu filho Lamprodéo que amasse, e estimasse muito a sua Mãy, e lhe obedecesse dizendo: que amor mais forte que o de huma Mãy, que cuidados mais continuos, que trabalhos mais pezados; de dia trabalha, de noite se disvella, todo o anno he desentranhada, toda a vida se emprega na tua criaçaõ, na sua honra, no seu sustento; *Tobias cap. 4. Aristoteles lib. 8. Ethicor. cap. 14.* E o nosso Poeta diz, que os filhos que negarem a obediencia a seus Pays, serãõ desobedecidos de seus filhos, porque por aquelle caminho por donde peccamos nos vem do Céu o castigo;

as mãos, e vendar os olhos, e pôr sobre seus hombros hum feixe de lenha, levando com animo os primeiros tragos da morte. Hum Joseph, que suposto sabia o mal, que lhe queriaõ seus irmãos, e o muito que desejavaõ ter occasiaõ de o matar, todo obediente, e humilde se foi buscar ao campo, aonde o mandou seu

seu Pay Jacob. Hum Samuel, que sendo de pequenos annos, todo obediente, e humilde se ficou em serviço do Sacerdote Heli por mandado de Anna sua Mãy: muitos outros exemplos pudemos referir, mas não o permite a brevidade.

As letras humanas nos offerecem hum Enéas, que na destruição de Troya salvou em seus hombros a seu Pay Anchizes. Hum Aphinomo, e Anapias, que livraraõ seus Pays em os hombros, quando em Sicilia o monte Etna vomitou tais rios de fogo, que abrafava os campos, e as Cidades. Hum Simon Atheniense, que se fez captivo, e se entregou ao rigor de huma dura prizaõ por dar sepultura a seu Pay Melquiades morto em o carcere. Hum filho de Manlio, que com os ameaços da morte obrigou ao Tribuno Pomponio a jurar não accusaria mais ao dito seu Pay pelo haver desterrado sem causa. A hum filho de Créffo, que sendo mudo rompeo em palavras, ainda que não bem articuladas, mas bastantes para se entenderem, e avisar a seu Pay do perigo, e aos que o queriaõ matar para que foubessem que era Créffo. Aquella Romana, que em o carcere sustentou a seus peitos a seu Pay condemnado à morte de fome. A hum Metello pio, que com lagrimas, e rogos importunos alcançou dos Romanos perdaõ para seu Pay. Aos filhos do mesmo Metello que sendo deserddados de seu Pay por testamento publico, foraõ elles taõ obedientes, que quando morreo podendo annullalo, quizeraõ antes ficar sem herança, que contradizer a vontade de seu Pay. A hum Antonio Philosopho, que adoptado por Adriano Cesar, e feito companheiro no Imperio, nem por isso se lhe levantavaõ os pensamentos com a dignidade nova, mas se ficou com a reverencia, e respeito que tinha a seus mayores. A hum Constantino em tudo grande, mas mayor que nenhum

em reverenciar a sua Mãy. A huma Donna filha de Pithágoras, que não quiz communicar os escriptos de seu Pay offerecendo-lhe grande somma de dinheiro, de que muito necessitava por ser muito pobre, por não faltar à obediencia de seu Pay, que lhe havia ordenado não entregasse nunca os seus escriptos. A hum D. Joaõ II. que havendo entrado a Reynar por ordem de seu Pay D. Affonso V. no tempo, que imprudentemente passou a França, lhe restituhio o Reyno, e lhe beijou a mão não obstante que seu Pay lhe largava o Reyno contentando-se só com o Algarve com a mayor modestia, e obediencia, que sómente achamos imitada do Imperador Leaõ II. com Zenon seu Pay: e todos estes filhos colheraõ tantos fructos de sua obediencia, que no decurso de toda a sua vida lhe sobraraõ felicidades, que deixamos de repetir por serem muito sabidas: e tambem por necessitarem de larga escriptura.

Muy adverso successo experimentaraõ os filhos inobedientes, e de que referiremos alguns exemplos, que sirvaõ para escarmento, como os outros para imitação. Diga-o a maldiçaõ, que fulminou o velho Noé sobre seu filho Cham pela desobediencia que usou com elle, o qual não sómente lhe custou ficar por escravo, e toda a sua geraçaõ, e foi a primeira servidaõ, que se introduzio no mundo, mas tambem serem seus irmãos melhorados em a herença, e bens: *Genesis cap. 9.* Diga-o Rubém, que pela desobediencia com que tratou a seu Pay Jacob perdeu o morgado, o sacerdocio, e o Reyno: *Genes. cap. 9.* Diga-o Absalaõ, que pela desobediencia de seu Pay David morreo desestradamente enforcado em huma arvore *lib. 2. Regum cap. 18.* Digaõ-o aquelles sete filhos de quem escreve *Santo Agostinho de civitate Dei lib. 2. cap. 8.* que sendo amaldiçoados por

por sua Mãe pela haverem injuriado ficaraõ com hum termo de Perleſia taõ horrendo, e horrivel, que era espanto de quantos os ouviaõ; e paſſando ſe alguns dias ſem paſſar aquelle açoute taõ eſtranho, e naõ podendo os padecentes ſofrer a admiracão do povo, ſe foraõ deſterrados de ſua patria vagando pelo mundo como outro Caím fugindo à viſta de ſeus parentes, e conhecidos.

Demos huma viſta às historias humanas, e veremos huns poucos dos muitos que eſcrevem os historiadores: e diga-o Chrano filho do Imperador Cloratorio, que pagou o haver deſobedecido a ſeu Pay com morrer queimado vivo dentro em huma caſa com todos ſeus filhos, mulher, e criados, como eſcreve *Aimin de geſtis Francorum lib. 2. cap. 30.* Diga-o D. Sancho filho de D. Jaime o I. de Aragoã, que pagou a rebelliao, e deſobediencia de ſeu Pay morrendo no rio Cinga, que como verdugo o arrebatou com ſuas ondas ſepultando-o nellas deſeſtradamente. Diga-o Salim filho de Bacaletto, que inobediente, e rebellado contra ſeu Pay com ambicioſo deſejo de Reynar lhe preſentou batalha, na qual foi vencido, e poucos annos depois veyo a morrer no meſmo lugar. Diga-o Beſſo, de quem eſcreve *Plutarcho in lib. de ſera numinum vindicta* que matando a ſeu Pay com tanto ſegredo, que o naõ viraõ mais que humas andorinhas, eſtas o perſeguiãõ em toda a parte chamando-lhe traidor de maneira, que a

elle lhe veyo a crescer tal odio, que aonde as via tratava de as matar; e ſendo reprehendido de uſar tal tirania, respondeo, que eſtas andorinhas lhe levantavaõ hum falço teſtemunho de que havia morto ſeu Pay; de que dando ſe conta a ElRey, e examinado Beſſo, veyo a confeſſar o crime, e foi por elle como merecia caſtigado. Quais forem os filhos para ſeus Pays, diz *O Eſpirito Santo no cap. 3. do Eccleſiaſt.* tais ſeraõ ſeus filhos para com elles, o que tambem conheceo o historiador Romano Lucio Floro, que diſſe que naquella moeda em que os filhos pagarem o amor, e obediencia devida aos Pays, nella meſma lhe correſponderãõ ſeus filhos ao merecido agradecimento: *Quæque ſtipendia parentibus impenderis, eadem à filiis expecta.* Isto ſe vio experimentado em a celebre Cidade de Lisboa, a onde hum máo filho arrastou por huma eſcada a baixo a ſeu Pay, mas permitio Deos que eſte filho tivesse igual caſtigo, porque deſte máo filho nasceo outro que pondo mãos em ſeu Pay, o levou arrastando da meſma ſorte pelo meſmo lugar, até que chegando a certo paíſo diſſe, baſta filho, baſta, que já entendo o caſtigo da Divina juſtiça, baſta, que até-qui arrastrei eu tambem meu Pay, eſta he juſtiſſima providencia do Céu, muy bem eſtá ordenado que quem tal fez, que tal pague.

Naõ ſo aos Pays ſe deve obedecer mas aos meſtres, aos velhos, como cantou Wem nos ſeguintes verſos:

*Ne ſeva canos Juvenis convitia fundens;
Sed ſubito aſſurges, te reverent, ſenem;*

Com eſpecialidade ſe deve obedecer ao ſupremo Pontifice, ao ſoberano Rey com grande reſignacão da propria vontade em ſuas mãos, e de ſeus miniſtros ſegundo a ſuperioridade de cada hum, de maneira, que applicando a obediencia ao eſpiritual

os freguezes obedeçaõ aos Parochos, aos Biſpos, e ſeus miniſtros; os Biſpos ao Nuncio; e o Nuncio ao Pontifice: e applicando-a ao Politico, os moradores obedeçaõ aos Juizes, os Juizes aos Corregedores, e Ouvidores; os Corregedores aos Deſembargadores,

res, e os Desembargadores ao Rey: e applicando-a à milicia os soldados obedeçaõ aos Cabos, estes aos Sargentos; os Sargentos aos Capitaens; os Capitaens aos Mestres de Campo; os Mestres de Campo aos Governadores; os Governadores aos Generais, e os Generais ao Rey: e applicando-a ao estado Religioso, os Frades obedeçaõ a seus Prelados, e estes aos seus Provinciais, ou Gerais; os Gerais ao Papa, e com apontualidade desta obediencia, florecerá a Religiaõ, crescerá o Reyno, viverão todos em paz, e unidos pela obediencia, serraõ invenciveis tanto no temporal, como no espirital,

A obediencia deve ser cega *Ex 1. Regum cap. 3. & ibi Mendonç. n. 1. & 5.* e por isso tem ouvidos, mas não tem olhos, porque o verdadeiro obediente supposto, que ouça as vozes de quem o manda, não deve especular a razão porque manda, *Ex cap. 4. Regum lib. 1. & ibi Mendonç. lib. 1. cap. 14.* e por este principio *João Climaco na escada do Paraiso, grão 4.* chama à obediencia *Inexaminado e indiscutido movimento*; por quanto se profere para se executar, e não para se examinar, à qual se deve sujeitar não só à vontade, mas ainda o entendimento dando-se mais credito às palavras de quem manda do que à propria experiencia, como fez Samuel chamado do Sacerdote Heli, como se lê *no lib. 1. dos Reys cap. 3. n. 5.* e o ensina S. Gregorio nos commentos, que sobre elle fez: do que se segue que os subditos devem obedecer, e executar tudo o que lhes mandaõ seus superiores sem examinar se he justo, ou não o que lhes mandaõ, porque não são juizes da justiça com que mandaõ, mas executores do que se lhes ordena, e a estes não pertence o conhecimento, mas a execuçaõ; e este a deve fazer com toda a celeridade, porque o verdadeiro obediente corta ainda pelos vagares necessari-

os; *Ex Theodoro, & Mendonç. loco citato*, e faz com os olhos o que não pôde com os pés, e à primeira voz acorda, e ainda dormindo deve ouvir a voz de quem o manda, e se deve applicar à obra posto que contraria à natureza: *Ex Divo Basilio in constit. Monasticis cap. 23.* porque toda a tardança na obediencia he perigosa, como considera *Mendonç. cap. 3. n. 5.* e o experimentou bem à sua custa a Esposa dos Cantares, porque batendo-lhe à porta o Esposo, lhe respondeo que se tinha despojado da sua tunica, e que tinha lavado os pés, o que visto pelo esposo se foi, e quando a Esposa lhe quiz obedecer o não achou, e lhe foi forçoso o buscallo pelas ruas da cidade, e encontrando-a as guardas a feriraõ, e maltratarão toda: *Canticorum 5. n. 3. ibi. Theodoro.* Morto estava Lazaro de quatro dias, e chamado pelo Senhor, diz o texto Sagrado, que accudira logo da sepultura atado de pés, e mãos: *Joannes cap. 11. n. 44.* e reparando S. Chrisostomo porque não sahira logo Lazaro solto respondeo; que não sahio solto para que mais promptamente obedecesse à voz do Senhor, e não tardasse aquella demora, que lhe era necessaria para se desatar.

A obediencia não só ha de ser prompta nas cousas pequenas, e faceis, mas nas arduas, e difficultosas, e quanto mayor for a difficultade tanto mayor será o merecimento: *Mendonç. no cap. 3. n. 10. sect. 12. & 5.* aonde larga, e doutamente mostra, que a obediencia, se he illustre nas cousas faceis, he illustrissima nas difficultosas; e muito mais floresce quando se obedece a hum superior injusto, e desarresoado, a quem sem murmuraçaõ, e calumnia se deve obedecer como a Deos, porque a obediencia que se tem ao homem por respeito de Deos, merece o mesmo que a obediencia que immediatamente se tem a Deos. Não deve o verdadeiro obedi-

obediente reparar em que o superior seja humilde, ou seja nobre, alpero, ou brando, moço, ou velho, infipiente, ou pratico, justo, ou injusto, mas a olhos serrados deve obedecer a tudo o que lhe manda, quando manifestamente não encontra a ley de Deos; porque só quando he manifestito o peccado não só não está obrigado a obedecer, mas de nenhum modo o deve fazer: *Ex cap. Non semper* 11. *quest.* 13. mas quando está na duvida se he, ou não he peccado; ainda neste caso deve obedecer por authoridade do superior que manda, que exclue esta duvida: *Mendonça. in 1. Regum cap. 3. anotatione 2. sess. 1.* Muitos premios promette Deos aos que obedecem aos Pays, aos maiores, e superiores: *no cap. 20. do Exodo* huma vida larga: *no cap. 22. de S. Mattheus num. 31. e no cap. 2. de S. Marcos n. 26. e no cap. 20. de S. Lucas n. 37.* huma immortalidade: e em outros muitos lugares lhe promete livrallos dos perigos, abundancias de bens, prudencia, nobreza, honras, e outros muitos bens, que tras largamente Mendonça no lugar tantas vezes citado.

L I Ç A M XV.

Do Estado dos Filhos.

GRande lanço he da Prudencia que os Pays tratem com todo o cuidado, e diligencia de dar em sua vida estado aos filhos não esperando que constringidamente os obrigue a necessidade, porque he axioma muy vulgar entre os Juristas, que o que podemos dispor, não o devemos deixar à contingencia: *Quod in potestate nostra habemus, incasum conferre non debemus*; e porque não pôde haver pessoa mais interessada, e que com tanto cuidado, e disvello lhe procure o seu augmento, e conservação, que possa substituir esta

falta, antes a experiencia mestra de todas as cousas, nos ensina cada dia quam nociva, e prejudicial seja sempre aos filhos esta miseravel substituição he muy preciso, que os Pays, como unicos interessados nas conveniencias dos filhos, se applicuem em sua vida a este ponto com huma diligencia muy sollicita, e activa, para que logrem os filhos em suas vidas este fructo de amor paterno, que como mais natural, lhes he mais necessario, e o que mais lhes aproveita; porque he este o ponto em que de ordinario só acerta quem lhe dóe. Não labem os poucos annos fazer juizo do estado, que lhe convém, nem distinguir, nem fazer differença de estado a estado. Cegos entraão a desejallo, sem exame das forças com que o procuraão, dos encargos a que se expõem, e se não tem guia, que os dirija, de ordinario se precipitaão sem remedio, e vivem sempre com pezares, e esta he propria a paterna, porque como os olhos dos Pays sómente se reputaão olhos dos filhos, não caminha sem perigo de precipicios quem se guia por olhos alheyos. Não pôdem os Pays violentar aos filhos a que tomem determinado estado, nem que casem com determinada pessoa; mas pôdem persuadir, e aconselhar à eleição do estado, e das pessoas: e são taão poderosas as persuasoens, e conselhos dos Pays para os filhos obedientes, que de persuasoens, e conselhos passaão a mandados, a que os filhos bons de ordinario se sujeitaão; porque supposto que os poucos annos lhes tinhaão a presionado o discurso; a razaão, a prudencia, e o conhecimento, e a experiencia de que necessita huma taão importante eleição, e a Natureza lhes tem já ensinado, que o amor paterno he o mais fiel conselheiro em toda a materia, e nesta sobre todas com ventagem, porque nesta cuida mais, nesta se disvella mais, nesta se empenha com o mayor excessão, porque

que do acerto della pende toda a felicidade temporal, e espirital dos filhos. Com muito cuidado cria o Pay o Infante, com muito cuidado lhe procura a boa doutrina, com muito lhe grangêa credits, e honras, com muito dispendido, e gasto lhe sollicita estimaçoens, e tratamentos; e todo este gasto, todo este dispendio, todo este sangue, todo este suor, toda esta ancia, todo este disvello, todo este cuidado se encaminha, dirige, e ordena ao fim de deixar a seu filho em hum bom estado não perdoando a nenhuma diligencia, que possa servir de meyo para conseguillo, verdade tão acreditada da experiencia, que não necessita de exemplos que a persuadaõ.

E para que a eleição do estado faya com effeito pretendido em nada pôde mostrar o Pay mayor prudencia, que em esquadrinhar o genio de cada hum dos filhos: *Eis videndum qui alios instituunt, quæ sua quemque natura ferre diligentissimè videtur*; e criallos conforme a este seu genio, porque já mais será excellente, o que não seguir o seu talento, como refere Cicero lib. 1. de Senectute, Seneca lib. 5. de tranquillitate cap. 6. Quintiliano lib. 2. cap. 8. de institutione, sendo couza certa, e que diz o mesmo Cicero de amicitia, que os diversos genios discorrem para inclinaçoens diversas: *Disparès enim mores, disparia studia sequuntur*. He facil conhecer as inclinaçoens pelo temperamento, pela phisionomia, pelos discursos, e pelas acçoens, e mais principalmente pelos jogos em que se exercitaõ, como faziaõ os Espartanos porque o animo solto, e alegre não cuida de fingimento, e descobre a in-

clinaçoã. Descuberto o genio, e talento de cada hum dos filhos deve o prudente Pay encaminhar a cada hum pelo caminho, a que o guia a seu talento, e inclinaçoã, e será excellente; e o que se inclina para as letras, não se deixe praticar em as cortes, mas se envie às Universidades com companhia, que o guie ao fim para que he mandado, e o devirta dos grandes embarços, que nellas encontra de ordinario a mocidade muy adversos ao fim pretendido: e o que se destina para a Igreja não se deixe afeminar em os festejos, nem em os estrados, mas logo se endereffe, e enduſtric entre os Ecclesiasticos, que o vão dispondo, e afeiçãoando àquelle estado, que por ser o mais perfeito, e o mais captivo necessita que a criação seja com mais perfeição, e menos liberdade, para que nos annos mais creſcidos, não estranhe a falta da vida, e o aperto da liberdade, mas antes tenha já feito habito tão ajustado à vida Ecclesiastica, que só ache gosto nos que a professaõ, e agrado nos que sujeitando a liberdade nas mãos dos Prelados vivem mais livres das occasionés das culpas. E o que se afeição a às armas não se deixe adormecer nas escolas, porque he grande erro dos Pays que destinaõ hum filho para a familia, querello primeiro instruir nas letras humanas: a vida he breve, a arte longa, e o tempo que se dá a hum exercicio se tira ao outro, e em nenhum sahirá perfeito, e ainda que sobrasse tempo não se cria Marte entre as Musas, nem se faz guerra com os livros, nem com as pennas, como elegantemente escreveo Ovidio na forma seguinte:

*Adde, quòd ingenuas didicisse feliciter artes,
Emollit animum, nec sinit esse ferox.*

Pallas nasceo armada, convêm que o soldado desde menino ouça as trombetas manêe as armas, beba em o ley-

te espiritos feroces, faya de folgar dos paternos Penates, e siga a campanha, a costumando-se como o Alce ao
Astro

Astro frio, e ao Aquillo ardente, porque o que se quer mostrar habil para alguma cousa, necessariamente deve

emprender acção em que se conheça: *Audendum est tibi aliquid, si vis esse aliquid*, pelo que disse Aufonio:

*Incipe, dimidium facti est cepisse: supersit
Dimidium; rursus hoc incipe, & efficies.*

E assim como toda a Republica perfeita se compõem de tres ordens, Sacerdotes, Magistrados, e Militares; assim toda a familia perfeita necessita de hum Ecclesiastico, de hum Legado, de hum Soldado; porque o Soldado em a campanha, e em as cortes; o Legado em os governos, e conselhos; o Ecclesiastico em a Curia, e em a Igreja; o primeiro com a espada, o segundo com a penna, o terceiro com a piedade, e com os bens Ecclesiasticos reciprocamente se mantenhaõ, e todos conservem as riquezas, e esplendor da familia; dando-a a conhecer na paz, e na guerra, por letras, por armas, e por virtudes, que são os eyxos em que se segura não só a perpetuidade, mas o augmento das familias, que todas quantas se conhecem no mundo começáraõ, cresceraõ, e persistiraõ, em quanto lhe não faltou huma destas tres bazas, em que se fundaõ, e de que se derivaõ todas as nobrezas, e grandezas de familias; e facilmente sahiraõ o Pay de familias com esta empreza se souber usar do genio, e talento dos filhos, applicando cada hum para onde o inclina a natureza; que ajudada da arte, lhe dará em cada hum dos filhos huma columna em que se sustente.

Feita pois a eleição do estado, deve-se continuar nelle, porque assim como no juizo do sentenciolo Seneca he argumento de bom espirito ter assento, e firmeza em huma cousa: *Primum argumentum bene compositæ mentis est posse consistere*; porque he proprio de animo enfermo mudar de cabeceira: *Ægri animi est locorum mutatio*, e he experiencia comprovada que a mudança de remedios he a que

mais offende a saude: *Æquæ sanitati impedit remediorum crebra mutatio*: assim o que no estado tiver variedade, arruinará a felicidade, q̄ poderá gozar na persistencia de hum só, com a inconstancia applicando-se a diversos, e por isso disse o mesmo Seneca, q̄ aquelle he verdadeiramente sabio, que não se aparta da acção huma vez emprendida: *Sapiens semper eat via*; donde disse Plinio, que era conhecimento muy certo de nossa inconstancia não nos agradar nenhuma ordem de vida por muito tempo: *Magnum inconstantiæ humanæ argumentum nullum officii genus diu placere*. Permaneça no estado de que fez eleição aquelle, que deseja augmentos nelle, e logrará felizmente o fim de seus desejos, quando não se desvie do empenho de seus deveres.

Nem se desanimem os Pays de humilde nascimento para deixarem de procurar augmentar seus filhos, e a sua familia por estes caminhos, porque todos tivemos no primeiro nascimento a mesma igualdade na nobreza; effeito foi do peccado de nossos primeiros Pays a desigualdade, que hoje temos huns dos outros, e esta faz a differença do procedimento de cada hum de nós; porque se todos fomos igualmente bem procedidos, e virtuosos, em todos fora igual a mesma estimacão; porque não havendo ventagens nos merecimentos, não houvera distincão nas pessoas; mas porque os homens esquecidos das virtudes se entregaõ aos vicios, e não reparaõ em exercitar feitos indignos à criatura, que sahio das mãos de Deos tão perfeita como obra de tão soberano artifice; o mesmo Senhor por

castigo desta ingratitude, e esquecimento permittio esta differença, que podem remedear os de humilde nascimento, desmentindo-o com virtudes, e obras heroicas, que quando não possão remedear a vileza de seus maiores, ao menos lhe meterão em casa a nobreza adquirida, tanto mais para estimada, que a hereditaria, quanto honra, e acreditação mais as virtudes, e merecimentos proprios, que as obras, e feitos de seus maiores, e tambem para os seus descendentes a hereditaria. Nenhuma cousa ha, que não tivesse principio, mais que Deos; a Cidade mais estendida, a torre mais soberba, e levantada, a muralha, e fortaleza mais forte, principio teve em huma pequena pedra sepultada em huma humilde cova. O rio mais caudaloso, principio teve em huma pequena lagrima de huma pobre, e humilde rocha; sem principio não pôde haver meyo, nem fim; opponha-se este aos vicios e desse aquelle às virtudes, e obras heroicas, e logo chegarão os humildes, sem embarço do seu nascimento, não só ao meyo da honra, mas ao cume della. Cume das dignidades, e honras Ecclesiasticas he o Summo Pontificado, e o primeiro que o occupou, foi pescador, e filho de outro, e depois d'elle se seguirão muitos, cujas letras, e virtudes os fizerao dignos de tal lugar, sem estorvo de seus nascimentos humildes. Cume da honra secular he o Sceptro, e à força de virtudes o empunharão Wamba sendo lavrador, David sendo pastor, Agotocles filho de hum oleiro, e Sertorio filho de Pays humildes, veyo a ser em Hespanha defensor da liberdade contra Roma. Uiriato nosso Portuguez filho de Pays humildes, foi tambem em Hespanha o rayo, que ameaçou a ultima ruina à triumphante Roma, que com effeito se executara, se a traicão não cortara huma vida, que tantas vezes poz a seus pés o valor Romano.

Pouco faz quem se contenta só em conservar a nobreza, que lhe deu a forte, porque a mais deve cada hum aspirar por todos os meyos, que pôde receber augmento o resplendor da Nobreza; para o que vos direi em que consiste, para que assim vinhais em conhecimento dos meyos, q̄ são mais proporcionados para mantella, e augmentalla. A Nobreza sendo evidente, que em nenhum se diriva desde Adão, de quem todos descendemos sem distincão, he forçoso confessar, que tem seus principios; os que communmente lhe dão os Autores de melhor nome, que tem escripto sobre este assumpto, são as *Armas*, as *Letras*, e as *Riquezas*, e ainda que a estas as põem com razão em ultimo lugar, não tem faltado quem só a ellas lhe queira attribuir o principio da Nobreza, tendo feito vulgar definição da Nobreza o ser *Huma riqueza envelhecida*.

Verdade seja, que aqui tem seu lugar a limitação, que põem João Garcia no seu celebre tratado de *Hispana Nobilitate Glossa 18. n. 31.* donde diz que *nò qualesquiera riquezas arguen Nobleza, porque ay infinitos Mobarteros, que crecen en un momento, los quales nadie dize Nobles, aunque mas juros, e dineros tengan; antes quanto mas ricos, son menos preciados*, são suas mesmas palavras, que põem em lingua vulgar, ainda q̄ toda a obra está em a latina; e he dictame seu, que só devem influir Nobreza aquellas *Riquezas*, que desde hum honroso principio em sujeito de limpo sangue se vão successivamente herdando de huns em outros lustrosos descendentes por tempo immemorial. Sigo a opiniaõ, de que se deve medir a Nobreza dos individuos pela utilidade, que delles recebem os Reys, e as Republicas, e porque esta utilidade he de muita extensaõ, ha lugar nella para muitos grãos, e justamente se deve o primeiro ao *Valor*
do

do soldado, que sacrificar a vida em serviço de sua Patria, e de seu Rey, e será tanto mais glorioso, quanto forem maiores suas façanhas, e mais elevados os postos, que por ellas houver merecido.

E o segundo gráo se deve ao *Estudo*, do Douto e à *Discripção* do Politico, necessarios para administrar justiça, e dirigir execuçoens ao acerto em quanto conduz à conservação, e bom governo da Monarquia, ou causa publica, e este será tanto mais plausivel, quanto mais proveitosos se experimentarem os efeitos de sua direcção, e mais importantes, e arduas forem as materias em que se exercitar o seu talento. O terceiro, e ultimo gráo toca às *Riquezas*, e não são as que menos conduzem à felicidade da Republica, e serviço do Principe, assim em a paz, como em a guerra; nem o que menos ennobrece, e illustra ao possuidor, se a industria de adquirillas, ou a felicidade de retellas souber ajuntar o acerto de empregallas.

Os tres principios da Nobreza, que são *Armas*, *Letras*, e *Riquezas*, se devem reduzir a hum, que he a *Virtude*, sendo esta a que dá a regra ao nobre exercicio das outras, levantando-as a superior esphera com os nomes de *Fortaleza*, *Prudencia*, e *Liberalidade*; illustrando ao sujeito tanto mais, quanto em mais heroico gráo as possuir. Esta he a verdadeira origem da Nobreza do sangue (em os que anaõ trazem da ascendencia Real) que nem daõ, nem pódem dar os Reys, que não pódem conceder a vóz de heroicas virtudes, e grandes riquezas, que essencialmente a constituem, se não só as honras, isençoens, e dignidades, que merecem, e são como efeitos daquella causa, sendo ajustada a razão de estado dos Reys o privilegiar os vassallos, que herdaraõ de seus antepassados esta lustrosa qualidade, porque nelles se assegura o mayor ze-

lo de seu serviço, respeito de que mais que todos amaõ a honra, e sollicitaõ satisfazer a obrigaçãõ de seus empregos, assim na paz, como na guerra.

Comprova, e authoriza, todo o referido a definiçãõ, que dá o Philosopho da Nobreza em o segundo dos Rhetoricos: ser *Lustre de antepassados*: desorte que aquelle será nobre, que houver tido ascendentes lustrosos, e conhecidos por alguns dostres meynos, com que havemos dito, que se adquire o seu esplendor. Porém contra esta definiçãõ se offerece huma difficuldade, e he, que hum homem nascido de mayores sem lustre, se por algum dos meynos referidos o adquirisse, sem duvida deixaria nobres a seus descendentes; porém delle se dizemos que he nobre, contradizemos a definiçãõ que requiere lustre em os antepassados; e se dizemos que não o he, se commette o absurdo de querer que sejaõ os netos illustres, e não o avô, de quem se deriva o seu esplendor. Como he possivel que succedaõ os descendentes em a qualidade, que seu progenitor não teve? Antes bem deve reputar-se por mais nobre que elles, quanto poz mais de sua casa que elles para adquirilla; havendo sido merecimento nelle, o que nelles foi dita: e he contra toda a razão, que se dê mais honra à felicidade, que ao merecimento; logo póde haver Nobreza sem lustre de antepassados, e por consequencia não he boa a definiçãõ do Philosopho.

Tem soluçãõ esta difficuldade, distinguindo a Nobreza em *Nova*, e *Antiga*: a esta definiõ o Philosopho *Lustre dos antepassados*; e à quella podemos definir *Lustre proprio*. De huma, e outra se costuma disputar, qual deva preferir-se? Inclino-me à opiniaõ do que respondeo distinguindo, que se a Nobreza he originada de *Riquezas*, he mais estimavel a *antiga*; se do valor, grande talento, e heroicas façanhas, mais estimavel he a *Nova* no

mesmo sujeito que adornaõ estas prendas; a que se deve acrescentar, que será sobre todas a que se compuzer de merecimento proprio, e esplendor herdado. Estes meyoys pois com que adquire Nobreza para si, e seus descendentes o que a não tem herdada, são os proporcionados para que a illustre o que nasceo com ella; com que vos deixo advertidos do que deveis applicar a vosso augmento, se estimulados do exemplo dos mayores procurares desempenhar, como desejo, a obrigação com que nasceis.

Naõ deve o prudente Pay de familias casar a muitos filhos, porque se os muitos casamentos multiplicação aliança, e acrescentação mais a familia, tambem a destroem, e enfraquecem; porque sendo a fazenda o sangue com que se conserva a nobreza, e duração da familia, dividindo-se em muitas partes a fazenda he força que ficam todos com pouca, e assim como não pôde viver muito hum corpo com pouco sangue, assim tambem não pôde durar muito a Nobreza de huma familia com pouca fazenda sem que se venha a fazer etica, e se fuja della como de mal contagioso: e na verdade he a pobreza a febre etica que torna huma familia nobre, e illustre a tão miseravel estado, que chega a ser muitas vezes desconhecida pelos mesmos, que a serviaõ; da mesma sorte que chegaõ a desconhecer os criados a seu amo, quando a força da febre etica o torna de homem em esquelêto.

Os filhos se devem casar tarde, porque sempre adquirem mais virtude, e he mercadoria que sempre melhora em casa; e se devem casar com nobres, para que a descendencia cobre vigor, e não degenerere; porque a virtude das familias vai sempre degenerando como as plantas, e a experiencia mostra, que as familias doudtas acabaõ em nescios, as belicofas

em furiosos; porque assim como as plantas envelhecidas se renovaõ com vigorosos enxertos, assim tambem as familias, que vaõ degenerando se illustraõ com matrimonios nobres. Todo o effeito naturalmente se parece à causa; por isso os filhos se presumem semelhantes ao Pay, e tal se presume o filho qual he o Pay: *Ex Eccles. cap. 30.* porque como o humor da cêpa se diriva aos ramos, assim tambem os costumes dos Pays nos filhos disse *Ovidio lib. 4. Metham*, e não obstante se vê nascer de Pays espirituosos filhos afeminados, e de leoens coelhos, monstros sem duvida que nascem da mistura do sangue das mãys; e por isso algumas vezes os filhos não sahem aos Pays, se não às mãys, parecendo-se a algum progenitor da linha materna. Isto se deve considerar diligentemente, porque como algumas enfermidades do corpo, são tambem dotais algumas do animo, passando-se da linha materna que era infesta a do Pay que estava pura.

As filhas se devem casar muito cedo como aconselha *Lucio Floro: Filias nuptui locare, etate virgines, prudentia mulieres*, antes que o decurso dos annos possaõ dar lugar a que assomem as janellas dos olhos, e porta da boca as indriferetas inclinacões das mulheres, porque he mercadoria que sempre se empeõra em casa; perdendo com o tempo a formosura, e o pejo. Carlos Magno Imperador entre tantas açcões sabias fez só esta needade; e entre tantas glorias padeceo só esta infamia, por haver dilatado o casamento das filhas mais tempo do que devia: em quanto elle buscava genros a seu genio, ellas buscaraõ amantes ao seu, e sem genros teve netos, experiencia tão quotidiana que a penas se passa dia, que não se vejaõ as infamias que causa esta demora. Mas o que he mais para admirar, que não servem tão quotidianos exemplos para a cauteliar esta

infamia, sendo imprudencia condem-
nada por Horacio o não se pôr reme-

dio em a propria casa, quando se vê
arder a do vizinho:

Nam tua res agitur, paries cum proximus ardet,

Et neglecta solent incendia sumere vires.

As filhas se casem com ricos para
que sahindo de casa não necessitem
mais della, mas não convêm que se
dotem, porque não conservaõ a fami-
lia de seus Pays, mas a de seus mari-
dos; e parece coufa indiscreta dar as
filhas, e juntamente as fazendas aos
genros; para que com a filha, e com
a fazenda conservem a familia alheya.
Antigamente não herdavaõ as fi-
lhas dos Pays, e casavaõ pelos dotes
da Natureza tanto mais para estima-
dos, quanto mais duraveis, e segu-
ros: o mesmo faziaõ os Indios como
conta *Celio lib. 38. cap. 31.* O estado
Religioso he sem duvida mais perfei-
to, e de ordinario custa menos, a el-
le se devem inclinar de meninas as fi-
lhas para que voluntarias o abracem
quando cheguem a idade legitima; e
só nos parece se devem casar as filhas,
quando se contentem os genros com
este dote, e as filhas não recusem
este estado, porque assim como qual-
quer vento basta para arrancar a ar-
vore mais forte, e qualquer frio pa-
ra murchar a mais florecente, quando
este se acha no campo sem outras com
que se abrigue; e pelo contrario não
basta huma tempeidade desfeita para
arrancar a huma arvore unida, e de-
fendida de outras, nem hum chuveiro
de neve para secar a arvore, que aju-
dada de outras lhe resiste; assim tam-
bem qualquer trabalho basta para en-
fraquecer, e debilitar a huma familia
pouco aparentada, e pelo contrario
nenhum he bastante para destruir a
huma familia, que se acha fortalecida
de largas alianças, e por isso nos casa-
mentos se deve respeitar a circunstan-
cia dos parentescos, que delles se se-
guem, que prevalecem ao dote mais
numeroso. E tambem se deve adver-

tir que as filhas se devem casar entre
os parentes para que mais facilmente
achem socorro, de que como mais
fracas regularmente necessitaõ. Mar-
co Antonio Imperador casava suas fi-
lhas com os Senadores, e não os bus-
cava mais nobres, e mais ricos, se
não mais virtuosos, segundo *Herodia-
no: Filiaè porrò, cum adolevissent, op-
timis ex ordine senatorio viris colloca-
vit; nec enim qui longam generis seri-
em præferrent, aut qui opes nimias of-
tentarent, sed qui morum probitate, at-
que modestia vite, innocentia præcelle-
rent, eos sibi generos diligendos putabat.
Hæc enim sola animi bona certa esse
stabiliaque ducebat.*

L I Ç A M XVI

Sobre a Amifade.

NAõ são menos necessarios ao
prudente Pay de familias os
amigos do que aos Reynos as
alianças; porque assim como
nenhum Reyno póde permanecer
sem amigos, assim não póde sem el-
les conservar-se huma familia. He a
amifade hum summo, e igual consen-
timento de todas as cousas divinas, e
humanas feito com benevolencia, e
caridade. He huma vontade deter-
minada ao sujeito que se ama com
igual vontade. He hum de todos os
desejos, e vontades frutos mais no-
bres do amor, o qual ainda que seja
huma virtude imperfeita he muy bel-
la, e importante a vida civil, e hu-
mana felicidade, e por isso contada
entre as virtudes morais; e na verda-
de que coufa ha no mundo mais divi-
na que a verdadeira amifade; haven-
do hum só Deos communicado aos

mor-

mortais, o que tem em si mais milagroso, e bemaventurado he a unidade na pluralidade? Que cousa mais milagrosa, que dous sujeitos fazerem-se hum sujeito só, e que tendo cada hum seu coração, viva hum no coração do outro? Cada hum tem duas almas, ou não tem nenhuma, porque cada hum vive com a alma do outro, e não com a sua. Que cousa mais gostosa, que fazer commum hum a outro o desejo de seu proprio bem? Donde procede, que assim como os ardentes rayos do Sol fazendo reflexão de dous espelhos em si mesmos augmentão seu calor; assim gozando hum do bem do outro, cresce admiravelmente seu gosto. He o homem naturalmente animal politico, como lhe chamou o Philosopho: *Homo naturaliter est ani-*

mal politicum, & civile; e não o feria, segundo diz o mesmo, quando lhe faltasse a amizade: Homo solitarius, aut angelus, aut bestia, porque só por ella se communica o logro dos humanos gostos, e a posse das felicidades humanas se sustenta; donde disse Plutarcho, que os filhos devem succeder nas amizades dos Pays, como nos patrimonios, pois para que estes permanença, he necessario que aquellas se conservem: Succedant filii in paternis amicitis, sicut in substantia derelicta. Que gosto póde haver no mundo mais suave, que sem o doce de huma amizade, não fique desabrido? A experiencia o abona, e o testemunha o nosso Poeta, que fallando no fruto que se tira de ter amigos, diz assim:

*Quid tibi jucundum, submotis, esset, amicis;
Cuncta tibi quamquam cumulata bona?*

E continuando com seu agudo discurso diz o seguinte:

*Alter ego verus multum probatur amicus,
Quo nobis debet charius esse nihil.*

Muitas são as causas da amizade: entre ellas tem o primeiro lugar a similitude, porque da mesma maneira que da contrariedade nasce o odio, da similitude nasce o amor; como se conhece pela indução de todas as substancias inanimadas, sensitivas, e racionais. Entre os corpos inanimados he milagroso aquelle amor da pedra Hercúlea com o Marte dos metais, e admiravel ver, que a pedra íman com vilão amor arrastre ao amado ferro, e que o ferro mais fervoroso amante, vendo de longe o amado objecto, sem olhos o galantéa, e sem azas o busca, sem braços o aperta: milagre que os Philosophos attribuem à similitude da compleição natural dos elementos, e dos mixtos, ordenada à mutua conservação, sendo a pedra íman hum ferro de pedra, e

o ferro huma pedra íman de metal, donde unindo-se hum com o outro, duplicação suas forças, e communicação suas virtudes; a íman se torna ferro, e o ferro íman, e pelo contrario se se chega ao ferro a Theame des íman de contraria compleição, se vê aquelle ferro Marte tornar para tras fugindo ignominiosamente.

A mesma força de similitude se experimenta nos vegetativos, e animados. Huma Palma se alegra com a visinhança de outra, e voltando-se huma para outra para se verem, os olhos de suas folhas acariciando-se reciprocamente com os braços de suas raizes, produzem suavissimos frutos, e se cortão a huma, a outra se seca, perde a cor, e morre; e pelo contrario a vide a mais fecunda, e insignie de todas as plantas, se sente jun-

to a si a couve, planta de humor frio, e melancolico, como desgostada, e triste, retirando os pãpanos, e raizes a outra parte, foge não só seu aborrecido contacto, se não tambem sua vista, e selhe não tiraõ sua inimiga, se faz ethica, ou de dor, ou de raiva, e assim de natural amor ardem as substancias insensiveis, que se vêem os effeitos, e quasi se ouvem os suspiros.

E o mesmo passa em as sensitivas. Quem não vê, que os animais de huma mesma especie, e semelhantes em sagacidade, e industria, se amaõ por social instinto, ajudando-se huns aos outros em suas obras? Assim he o commercio das abelhas em a politica, e o das formigas em a economica, e de todos os quadrúpedes, e aves em criar seus filhos, em buscar prezas, em combater com seus inimigos, e em tratar entre si com amigaveis caricias, não lhes faltando palavras, com que chamem huns aos outros, e com que expliquem seus amores: e pelo contrario, quem não adverte com que odio deidennaõ a companhia de animais diferentes em compleiçãõ, e costumes, e ainda que antes os não tenhaõ conhecido, nem visto, ou por temor os fogem, ou por odio os perseguem, sobrevivendo odio, e temor ainda depois da morte, donde as plumas da ave de rapina desfazem as outras da Pomba innocente, e as cordas feitas dos innocentes cordeirinhos já mais concordaõ em a viola com as do Lobo voraz, vivo symbolo da discordia.

Isto mesmo que passa entre as substancias inanimadas, e entre as vegetativas, e sensitivas, passa tambem entre as racionais, de que he entre muitos raro exemplo o de Polistrato, e de Hipóclides, que havendo nascido no mesmo clima, no mesmo dia, e debaixo do mesmo horóscopo, semelhantes em compleiçãõ, em genio, e em fortuna, em o primeiro encontro dos olhos com secreto vinculo sentiraõ

enlaçar-se estreitamente os corações, e como nasceraõ juntamente, assim juntamente viveraõ, enfermaraõ, e morreraõ, como se em dous corpos houvesse entrado, e sahido huma só alma.

Tambem ha entre os homens amisade social: porém mais racional que a das abelhas, fundada em a similhaça das profissoens, ou de negocios, fazendo communs os cabedais, ou a industria para tirarem proveito commum; e tal foi a jurada de Theséo, e Perithoo ou para ajudarem-se reciprocamente em as emprezas militares a fim de conquistarem gloria, e Imperio, de que resultava que o que tinha a qualquer delles por inimigo, tinha dous inimigos, ou inimigo de duas cabeças, e quatro braços, que daõ exemplar às ligas dos Principes conquistadores. E tal foi tambem a de Damaõ, e Pithias, contrahida pelos estudos communs em a escola de Pithágoras, aproveitando hum com o estudo do outro, como em hum commercio literario; e tal he a dos artifices, e mercadores, que se chamaõ entre si companheiros pelo interesse commum, porque da utilidade nasce o amor.

A mais propria causa das amisades entre os homens he a similhaça dos bons costumes, porque a amisade, e simpatia em os homens he commua com as cousas inanimadas, e a social com os animais, e só a que se funda na similhaça dos bons costumes, he particular do homem. Idéa desta amisade entre os Gentios foraõ aquelles dous nobres Thebânos Pelópidas, e Epaminóndas, que havendo conhecido intimamente com larga experiencia as virtudes hum do outro, se estreitaraõ com indivisivel amisade até a morte. Descubrio hum no outro huma summa prudencia, huma amavel gravidade, huma modesta compostura, huma incorrupta justiça, huma heroica fortaleza de ani-

mo, e sobre tudo huma ardente caridade para com a Patria tyrannizada dos Espartanos: era pois o fim desta amizade não as honras, nem as riquezas, nem o bem proprio, como em a social, se não o amor da virtude, de forte que concordando no fim, não podia haver entre elles discordia.

Competiaõ ambos, porém não pendenciação; alegrava-se hum de que venceffe o outro; porque donde ha amor, não ha inveja, e donde o não ha, tanto alegre a virtude de outro, como a propria, e porque o amor havia feito de duas pessoas huma só, transformando huma em outra, triumphando hum só, triumphavaõ ambos, e de ambos triumphava o amor.

Quatro fins, e objectos são os de toda amizade, e amor humano; a saber, damno, util, delectavel, e honesto; e quatro são tambem as classes da amizade, a primeira que tem fim o fazer mal, esta se contrahe entre os máos, que tem por gosto fazer mal a os bons, e extinguir-lhe sua fama, e abater-lhe suas obras, eclipsar sua honra, e aniquillar suas cousas: tal foi a de Absaião, e Achitofel com David, a de Herodes, e Pilatos na morte de Christo Senhor nosso. Tem este gene-

ro de amizade mayor séquito, que o da virtude, como diz Cicero: *Ad multorum amicitiam faciliorem aditum habet nequitia, quam virtus, & integritas.* Desta concordia diz S. Lucas nos actos dos Apostolos cap. 7. falando dos que martyrizaraõ Santo Estevaõ: *Acometeraõ-no todos unanimes;* della diz Job. cap. 41. *está composta de estamas apertadas humas com outras,* e por isso diz Santo Agostinho, que ha concordia má, e discordia boa. A segunda, que tem por objecto o util, he a que contrahem os lisongeiros com aquelles de quem esperão proveito. Della diz Salomão nos Proverbios cap. 1. *Filho se os peccadores te derem leite de louvores não os creas,* e no Ecclesiastico cap. 7. *Melhor he ser reprehendido dos sabios, que enganado dos ignorantes,* a os justos chama sabios, aos peccadores ignorantes, mas os tais acabada a propriedade do amigo, acabaõ a sua amizade, como já antigamente disse o Poeta comparando esta especie de amigos com a sombra, que acompanha o sol em quanto com luzimentos brilha, porém logo o desampara tanto que das riquezas de seus rayos o vê totalmente despojado:

*Dum Sol obscurum radiis illuminat orbem,
Est individuus illius umbra comes.*

E o Inglez Wem diz, que os amigos desta qualidade só acompanhaõ em quanto a boa fortuna lhes dá o ref-

plendor das riquezas, assim como a sombra a companhia aquelles, aquem o quarto Planeta assiste com suas luzes:

*Te bona dum splendet fortuna, sequuntur amici,
Ut te, dum lucet Sol, solet umbra sequi.
Cum primum liquidus nebulis effunditur aer,
Ecce repente tuum deserit umbra latus.*

Nem só os Poetas conheceraõ a qualidade dos amigos lisongeiros, mas tambem os Oradores, e Philosophos a entenderaõ: delles refere Quintiliano o mesmo que os Poetas escreveraõ: *Qui propter pecunias amat,*

eundem pecuniae, & amoris finem facit. Aristoteles no lib. 8. Ethicor. diz estas palavras: *Qui sunt ob utilitatem amici, hi simul cum utilitate dissolvuntur; non enim hi se se mutuo, sed utilitate amabunt.* No cap. 6. do Eccles.

se lê, que os amigos pela utilidade são amigos segundo o tempo; e que neste só haja deites amigos nos mostra claramente a experiencia: *Est enim amicus secundum tempus suum, & est amicus socius mensae, ut non permanebit in die necessitatis.* São as palavras do texto referido.

E daqui vem, que a amisade que tem por objecto, e fim o util, como as confederaçoens, e parcerias dos tratantes, não estando fundada sobre firme, e intrinseca virtude, senão sobre externos, e accidentes interesses, em mudando-se estes, se muda; e muitas vezes de amisade em inimidade, e a sociedade humana em sociedade leonina. No Romano Triumvirato de Lépido, Antonio, e Octaviano tanto durou a amisade, quanto durou a esperança de repartirem entre si o Imperio Romano com a ruina de Bruto, e Cassio, mas arruinadas estas, e dividindo o Imperio os Triumviratos, dividiram a amisade, porque esperando cada hum a todos se uniram Antonio, e Octaviano para despojar a Lépido da sua parte, e depois se moveo Antonio para despojar a Octaviano da sua, mas prevalecendo o valor, ou fortuna de Octaviano, este só ficou unido, nem já mais o houverão mister amigos, sendo seus subditos.

A terceira, que tem por objecto o delectavel, he huma benevolencia corporal, que se gera de huma boa familiaridade, e conversação, e de huma similhaça de costumes, que traz consigo tal consentimento, que faz aos amigos não se quererem apartar huns dos outros, e posto que esta amisade seja honesta, he todavia mais do costume, e carne, que de razão, e espirito, porque quasi até em os brutos animais, que andam huns com os outros, se acha. Esta houve entre Jonadab, e Amnon, e della diz o *Eclesiast. cap. 13. Todo o animal ama o que he a si similhante, e assim todo o homem*

o que he propinquo a si; e esta não tem mayor força que a util, porque o delecte he a mais veloz das humanas paixoens, e he proprio das paixoens serem jornaleiras, e tanto mais instaveis, quanto mais velozes, porque todas são movimentos irracionais, que por instantes se mudam: quanto mais violentos, menos duraveis. Com razão fingiram ao Amor delizioso hum menino com azas, porque he mais irracional que hum menino, e mais ligeiro que suas plumas, trazendo huma axa de carquêja, que se accende prestes, mas dura pouco. Dura o Amor delizioso o que dura o delecte; se o tempo, ou enfermidade muda o semblante a florida primavera em frio inverno, ou se huma cara formosa a vista de outra fica eclipsada, por ser mais bella, o amavel se faz aborrecivel, e o que antes deu gosto, causa depois tedio. Mais justa, que grave foi a queixa de Ariadne contra Theseo, e a de Deyanira contra Hercules, os quais sendo fortes em combater, foram em amar ligeiros; que apenas divisavam huma nova formosura, quando rompiam a fé dada a primeira; porque pelevavam como valorosos, e amavam como sensiveis. Mayor maravilha foi que Piriandro, hum dos sete Sabios de Grecia, por se fazer amigo de huma forasteira Frine, se fez inimigo da sua consorte Maliza, até cortar com a espada o nó Hymineo, e o da vida; mas o amor daquelle Sabio não tinha suas raizes na sabedoria, mas no delecte, porque o que verdadeiramente o he, não ama pelo delecte, senão pelo honesto, e por isso aquelles Sabios melhor sabiam ensinar, que praticar.

A quarta, que tem por objecto o honesto, procede da razão natural, e da virtude, e tem por fundamento o mesmo Deos. Com a sua vocação se movem os homens para esta amisade, como com lume natural entendeo Platao Philosopho Gentio:

Amici conciliatoris Dei nutu fiunt.

L

Esta

Esta he a mais alta, e excellente de todas, porque amamos os amigos por suas virtudes, e merecimentos, e porque nos amão elles, e principalmente porque Deos manda que os amemos. Nesta não entra cobiça, interesse, nem lembrança da propria utilidade. Nesta não ha, nem pôde haver mudança, porque não ha cousa mais firme, e permanente que o objecto da virtude, porque he huma conformidade com a recta razão, isto he, com a eterna, e immutavel ley da mente Divina: he constante, e immutavel por si mesma a amidade virtuosa, porque não he mudavel o objecto, e o fugeito não ama por paixão; e por isso disse Erasmo, que os professores desta amidade se isentavaõ dos afforismos da morte, grangeando immortais progressos, como pelo contrario os que della se desviaõ, sepultaõ com a vida nome, e fama: *Amicitiae immortales, inimicitiae mortales esse debent.*

Supposto que a verdadeira amidade não ama pelo util, e delectavel, senão pelo honesto, com tudo em sendo honesta, necessariamente será util, e delectavel. Se quem tem boa cara, recebe gosto de ver sua imagem no espelho, que gosto não terá o amante virtuoso, quando vê no amigo a virtuosa imagem de suas virtudes proprias, e bons costumes? E se o amor he reciproco, quanto cresce o deleite, reverberando em hum o amor do outro, goza cada hum seu gosto proprio, e o do amigo: e que cousa ha mais preciosa, e proveitosa que hum amigo fiel? Por isso disse Quintiliano, que aonde estaõ os amigos está a nossa fazenda: *Ubi amici, ibi opes*, porque se a vida senão passa sem fazenda que a sustente, tambem como diz Cicero, senão conserva sem a benevolencia dos amigos que a ajudaõ *Sine amicorum benevolentia nec in adversa, nec in secunda fortuna quisque vivere possit*; ajuda pois a viver o amigo já

com o conselho nas cousas factiveis, já com o alento nas adversas: e sendo Philosophia certa, que as cousas semelhantes unidas, mais fortemente resistem às contrarias, consistindo na resistencia o seu perduravel; certo he o que disse Cicero, pois como diz o mesmo, os effeitos da amidade são fazer-se de muitos hum pela similhaça das accoens, e dos desejos: *Effectus amicitiae est, ut unus fiat ex pluribus.* Necessita hum amigo do favor, e auxilio do outro, diz Tulio: logo quando com verdadeira amidade se ajuntaõ, de toda a necessidade se isentaõ, de todo o trabalho se livraõ, com toda a felicidade se perpetuaõ: *Alter alterius auxilio indiget*; por isso chama o *Eccles. cap. 25.* a amidade bemaventurança, Menandro thesouro; verdade que conheceo Alexandre Magno, que querendo huma vez Darío motejallo de pobre, mandando-lhe perguntar aonde tinha os seus thesouros para encaminhar contra elles seus exercitos, lhe respondeo, que eraõ os coraçoes de seus amigos, contra quem não podiaõ prevalecer seus exercitos, porque eraõ os amigos a defeza mais forte, que valia mais que todos os thesouros do mundo; e por isso na Scithia, como escreve Lucano, aquelle era tido por mais rico, que tinha mais amigos certos, e verdadeiros; e o mesmo dizia Sócrates, avaliando huma verdadeira amidade pela riqueza de mais preço, por quem se devia trabalhar com mayor cuidado. De Epaminondas se lê, que dizia que nenhum homem se devia recolher nunca da praça sem hum novo amigo.

Nenhuma sociedade mercantil multiplica tanto cabedal, como a amidade verdadeira, porque dando seu amor a cambio, ganha todo o que tem o amigo, e não perde o seu, multiplicando sua pessoa em tantas, quantos são os amigos que grangea, que em virtude da amidade se fazem a mesma pessoa

peſſoa com elle, como diſſe Ariſtóteles, o qual eſereve tambem no ſegundo das Ethicas, que o homem que não tem amigos, não tem olhos, ſem os quaes fica cego; e Caſſiodoro em huma Epiftola affirmã, que ſem amigos ſeriaõ os penſamentos enfados, as obras trabalhos, a vida tormento, e Pedro Bleſenſe aſſenta na ſua *Amicitia*, que a amiſade he riqueza para os pobres, para os deſterrados patria, para os fracos forças, para os enfermos méſinha; o qual parece que lêo o *Eccleſi.* que no cap. 6. diz, que o verdadeiro amigo he medicamento da vida: *Amicus fidelis medicamentum vitae, & immortalitatis*; a Seneca que refere não ha bem, que ſeja agradável ſem a communicacão dos amigos: *Nullius boni ſine ſocio jucunda poſſeſſio eſt*; Saluſtio na guerra de Jugurtha diz, que nem os exercitos, nem o theſouros ſaõ preſidios dos Reynos, ſenaõ os amigos; e Tulio no ſeu livro de *Amicitia* reſpeita por taõ util, e excellente a amiſade, que os que a tiraõ à vida, ſaõ viſtos tirar o Sol ao mundo; e Pindaro dizia, que ſe perdia a honra do homem quando ſe perde a amiſade, e que não ſómente foi tido por honra, e riquezas ter muitos amigos, mas ainda por felicidade; donde vieraõ muitos dos Pithagoricos a dizer, que a amiſade era o fim de toda a Philoſophia.

Quatro ſaõ ultimamente os actos da verdadeira amiſade, que he a que tem por objecto a virtude, e o honeſto, de que ſó tratamos, porque eſta he ſó a que deve ſer buscada, e eſtimada, e com diſvelo ſe deve conſervar; convém a ſaber, eleiçã dos amigos, benevolencia, beneficencia, e concordia: e porque neſtes quatro actos ſe cifraõ todas as regras da verdadeira amiſade, daremos quatro liçoens neſta materia; e vamos à primeira.

L I Ç A M XVII.

Da Eleiçã dos Amigos.

Ponto he eſte, que necessita de toda a conſideraçã, e vagar porque de ſaber bem eſcolher, reſultará ſer perpetua, e proveitoſa a amiſade: e do contrario nãcerá ſobre ſer temporal, muito nociva, e damnosa; pelo que diz Pithagoras, que não devemos ſer amigos de todos: *Non unicuique dexteram porrigendam eſſe*: grande liçã nos dá o Cap. 6. do *Eccleſi.* para acertar neſta eleiçã, aconselhando-nos, que nos não ſiemos nos amigos ſem primeiro os experimentar-mos por muito tempo. Muito exame he neceſſario primeiro que façamos donos da noſſa vontade aos amigos; não ſe hade entregar o noſſo affecto a qualquer que o procurar, primeiro he neceſſario inquirir com diligente cuidado a ſua fidelidade, e a ſua conſtancia, e as ſuas virtudes. Não ſerve para amigo qualquer que o pertende ſer, ſenaõ aquelle que o merece. A fineza do alambre ſenaõ póde conhecer ſem que primeiro muitas vezes ſe eſfregue entre as mãos: o verdadeiro amigo ſenaõ póde tambem conhecer ſem que huma, e muitas vezes o experimentemos. Imitemos na eleiçã do amigo ao diſcreto alfayate, que antes que corte o pano, e ouſe meter-lhe a theſoura, o mede aos covados, e ainda aos palmos, e o aſſina com o giz, diligencia com que logra ſaber, antes que o corte, ſe ajusta para o veſtido. O engenho agudo de Joã de Weim, que tranſcendeo por muitas materias, tambem neſta da eleiçã dos amigos entrou com o ſeu diſcurſo dizendo, que aſſim como não he juſto repudiar o amigo ſem baſtante cauſa, aſſim não ſerá licito admitillo com pouca prova:

Nihil temerè admittas, nisi fidum noris amicum;

Sed semel admissus semper habendus erit.

Muitas regras ha para acertar este ponto: entre ellas tem o primeiro lugar aquella, que diz que cada hum eleja seu semelhante, porque não póde ha-

ver perpetua reciprocação de amor, senão entre iguais; por isso os Reys tem poucos amigos, diz o Inglez Poeta, porque aos Reys igualaõ poucos:

Dic, cur tam pauci Regum inveniantur amici?

Sunt, quoniam pauci Regibus Auli pares.

Da mesma forte, diz Quinto Curcio, não ha firme amizade senão entre os iguais, e semelhantes: *Firmissima nisi inter pares est amicitia.* Aquella pois he perfeita similhaça, que se funda nas virtudes, porque todas as outras são amaveis por accidente, e só a virtude he amada por si mesma. Desta eleição depende a firmeza, ou não firmeza da amizade. Quando alguem se queixa, o meu amigo he inconstante, infiel, ingrato, he queixa mais vergonhosa para aquelle que a faz, do que para aquelle contra quem se faz, porque se não se conhece, he necidade elegello às cegas, e se se conhecia, he vicio eleger a hum vicioso, porque se presume que o semelhante ama o seu semelhante; mas se era falso, não era amigo, nem ha perdido a fé se não a feição, e ao que o elegio, lhe serve de penna, e documento a eleição errada. O iman dos pilotos ainda sem olhos sabe discernir entre tantas Estrellas do hemisferio aquella só, que he immutavel: todas as outras padecem o gyro do primeiro movel, que não podendo descansar, nada consente que repou-

se: só he constante a Cinofura entre a inconstancia de tantas Estrellas, porque está apoyada ao polo fixo. Em vão deu a natureza entendimento aos homens, se na eleição do fiel amigo são mais insensatos que huma pedra. O Senado Romano declarou por amigo a El-Rey Thumedes; todos os Senadores correraõ a acariciallo, só Marco Catam não quiz sua amizade, e estimulado de todos de que Thumedes amava aos Romanos, e lhes era sumamente fiel, e util: *Seja o que quizerdes*, respondeo Catam, *mas elle he huma fera besta, eu não o quero por amigo, nem por visinho*; e só Catam não se enganou.

A similhaça se segue por segunda regra, e que cada hum eleja seu igual, e esta igualdade se requiere em a condiação das pessoas que se amaõ, em a quantidade do amor com que se amaõ, e em a quantidade dos bens que deseja hum a outro amigo, para que seja igual o merecimento de ambas as partes. Não póde haver igualdade sem que haja dous, nem podem ser dous amigos sem igualdade, cantou o Poeta:

Cur similis similem sibi querit amicus amicum?

Uno nemo potest in pede stare diu.

E se no amigo ha igualdade, ou vantagem nas virtudes, ainda que haja differença nas qualidades, deve ser pretendido para amigo com todo o desvelo, porque, como diz Philomeno, assim como o trigo nem por nascer

em formoso campo he bom, mas porque commodamente se nutre, assim he bom o amigo, que sendo de geração obscura, reiplandece em virtudes, que reduzem a muy conforme igualdade esta disparidade.

Póde haver tambem amifade entre dous iguais, se se reduzir o amor em igual proporção com a justiça distributiva, para q seja mais amado o q merece mais: primeiramente se iguala hum genero de amor com differente genero. Bellissima foi em Ifidoro aquella igualdade do coxo, e o cégo; o cégo podia andar, mas não ver, o coxo podia ver, mas não andar; o cégo levando sobre seus hombros, e o coxo enfiando o caminho; o cégo prestava pés ao coxo, e o coxo olhos ao cégo, e de dous corpos feito hum corpo só, com duplicado prodigio o cégo via, e o coxo andava, e com este beneficio mutuo reverberando de hum em outro reciproco amor, formavaõ verdadeiro typo da amifade, da desigualdade em quanto à disparidade dos officios, porém reduzida à commutativa em quanto à igualdade do beneficio.

Naõ póde haver mayor desigualdade do que havia entre o pobre Ariftipo, e o rico Dionifio; porém em quanto o pobre recebia do rico as riquezas, e em quanto o rico recebia do pobre a sabedoria, combinando-se em igual proporção os bens do animo com os bens da fortuna, do reciproco merecimento nasceo reciproco amor. Naõ he mais contrario do Artico o Antartico, do que do monio a fervidaõ; e naõ obstante Marco Antonio, em a affabilidade em mandar, e seu escravo em a pontualidade em obedecer, se amavaõ reciprocamente com tal extremo, que o escravo padecendo atrocissimos tormentos pelo senhor, e o senhor communicando com liberdade ao escravo suas riquezas, forãõ ambos numerados entre os mais memoraveis exemplos da amifade; pelo que diz Aristóteles, que o senhor naõ ama ao escravo em quanto escravo, nem o escravo ao senhor em quanto senhor, mas hum a outro em quanto homens, que igualmente se devem amar nesta igualdade: *Domini ad servum non est amicitia secundum*

quod servus est, sed secundum quod homo, quia ut servus est dissimilis, ut homo vero est similis. Naõ ha fugeito taõ humilde, que naõ possa fazer algum beneficio, que o iguale, e faça digno de hum grande amor. A pomba deitando hum ramo no rio, salvou do naufragio a formiga, e a formiga picando o pé do caçador, salvou a benemerita pomba do laço que o caçador lhe armava.

A igualdade se segue por terceira regra, que o amigo se hade buscar, porque he melhor para amigo o que se busca. Dos metais humildes a poucas enxadadas se achaõ as veyas; o ouro visinho ao centro da terra, ou como escreve o Poéta, paredes meyas do inferno, vive retirado, e naõ se dá fe-naõ a diligencias mayores: nunca prendas, que saõ para rogadas, se adiantaõ a rogar; he nota de liviandade offerecer-se sem exame aos obsequios: de quem prestes se determina, com razaõ se teme o arrependimento prestes; observaçaõ he dos insignes Philosophos, que naõ ha veneno tam executivo, como o que se dá em oileite, porque he de sua natureza de muy facil alteraçãõ, e assim o veneno o corrompe com presteza, convertendo o que era sustento em peçonha; assim o amigo que busca o amigo com ligeira causa, mudará o semblante de amigo em rosto venenoso de contrario; e antevendo os sabios antigos este damno, nos deixaraõ em seus escriptos o remedio. Diz pois Seneca, que antes de fazer eleiçaõ do amigo, devemos formar hum maduro juizo para o eleger com acerto: *Antea amicitiam judicandum, post amicitiam credendum.* Do mesmo sentir foi Cicero quando disse, que era necessaria huma incansavel diligencia para buscar o amigo em que dignamente a amifade se empregue, e a afeição se sustente: *Necessaria in amicitia haec provisio est, ne nimis cito diligere incipiamus, neve indignos;* e se como diz o mesmo Author, corre

perigo aquella eleição que se faz sem se certificar das condições do sujeito: *Ista consuetudo assentiendi periculosa videtur*, não se livra da censura de ignorante aquelle, que não procura livrar-se deste perigo. Tu has de buscar o amigo, e o has de buscar tal, que seja outro tu, para que na verdade seja outra; não he teu amigo o que sempre consente em teu parecer, e o que não tem mais querer que o teu, porque quando este da razão se desvia, diz Publio Mimo, que he amigo o que o reprehende; *Bonus amicus nunquam erranti se accommodat*. O que sempre te segue, e nunca te guia, criado he teu, não confidente; o que sempre quer, e não examina o que queres, lisongeiro he, e não amigo, porque confrontar sempre em dictames, e affectos, não o levaõ de influxos dos Astros, estudo he da adulação; teu amigo ha de ser outro tu, mas ha de ser outro no que apaixonado erras, ou protervo te desmandas, como diz Nasianzeno. A Pio II. gavaraõ muito hum seu Ministro, e elle respondeo; tudo isso he, e tudo isso tem, mas nunca me contradiz, nem contradisse, e isso he final de ser lisongeiro, e malicioso.

Depois desta se segue por quarta regra, que se busque amigo entendido, porque a prenda de entendido não ha de passar sem exame, e não sabemos se nos atrevamos a dizer que he peor hum amigo nescio, que hum mal intencionado. O mal intencionado, ainda que não faça mal ao que trata como amigo por amor deste, o evita pelo amor que se tem a si, e a sua cabeça faz guardar a alheya: o nescio não sabe o que he amar, nem discorre para temer: o mal intencionado quer fazer mal, e por não fazello a si o não faz: o nescio com boa vontade não quer o damno, e o executa; pois qual he peor padecer o mal de quem te quer bem, ou não o padecer de quem te quer mal? Taõ

graves damnos se seguem de fiar o coração de hum homem nescio, que se a natureza se não mostrara vigilante em finalallos de sua mão, e dallos a conhecer à primeira vista, tivera desculpa quem por evitar o perigo de topar com hum, se privasse do gozto de muitos bem entendidos; porém não ha cousa mais facil de conhecer, e distinguir que hum nescio; em o menear dos beiços, antes de proferir as palavras, se daõ a conhecer em o modo de olhar; outros a té em o andar, e rir saõ testemunhas de sua incapacidade. Ao menos quem aos primeiros lances de communicacão não conhece a hum nescio, parelha póde fazer com elle, como o que vende aromas, não póde occultar a mercadoria, porque a fragrancia a descobre, assim não póde occultar hum nescio os segredos, e ainda que queira, não acerta, nem póde. Contaõ graves Historiadores, que ha hum genero de serpentes venenosas em a India, que occasionariaõ graves destroços em os passageiros, a não haver cuidado em a natureza de fixar-lhe hum sino em a frente, que tocando-se com o movimento que ellas fazem, a visãõ aos caminhantes para que trocãõ o caminho; assim a natureza sobre-escreveo aos nescios em as feições a incapacidade, e dispoz que com a cara mesma estaõ dizendo o que saõ; e assim não tem desculpa quem padece indiscreto, por haver elegido amigos ignorantes; pois os males que occasiona hum nescio, os olhos o alcançaõ, e quem seja nescio, os sentidos o publicaõ.

Ao entendimento se segue por quinta regra, que o amigo se busque constante, porque não basta que seja entendido, se não for constante, porque ha entendimentos, que tem amizade como a lua, e padecem como ella suas mudanças; sobre o entendido se ha de fazer experiencia do estavel, antes que se fabrique o edificio da

da amizade, que sobre fundamentos movediços não se podem levantar fabricas duraveis, nem ha couia que por muito tempo agrada, diz Seneca, aos que em nenhuma tem assento: *Cui nihil constat, nil diu placet.*

Lá disse Cicero que a verdadeira amizade não era como a dos meninos que arrebatados do amor juvenil, acabado este com a idade daquelles principios, põem brevemente fim à amizade que nos tenros annos exercitaõ: *Benevolentiam non adolescentorum more fervore quodam amoris, sed stabilitate, & constantia judicemus.* Não ha

condiçaõ de vida tão legura, que não padeça suas vezes em a Republica, e como para a dita, e delgraca são necessarios amigos, he cordura e legellos tais, que fação igual rosto aos desiguais semblantes da fortuna, de forte q̄ nem a prosperidade os convoque, nem a calamidade os afugente, como escreve *Seneca Epist. 9. e 667.* Terrivel penião he tratar com hum homem mudavel, com quem he preciso estudar-lhe cada dia a condiçaõ, e especular antes de fallar-lhe o semblante com que sahe a lua, como lhe chamou Wem:

*Te Rex Astrorum decorat, regina gubernat,
In vultu Sol, in pectore Luna tuo.*

Grande virtude deve ser em os amigos a constancia, pois presando-se a Sabedoria de Deos encarnado de amigo de seu Percurior, o primeiro elogio com que o affiançou para amigo, foi com a firmeza, dizendo: *Pensais que João he homem, que a todos os ventos se move?* A cana tem duas partes em que remeda duas caras, e a constancia não ha de ter mais que hum rosto, como mais largamente dizemos na liçaõ da constancia.

A constancia se segue por sexta regra, que o amigo falle pouco, porque o fallar pouco, e bem he outra prenda que se deve examinar com attençaõ. De huma lingua sem freyo he deitar a perder a hum homem, porque como diz o Espirito Santo, está feita a destruir Reynos. Ainda a si mesmos não sabem guardar fé os falladores, e como a guardarão aos amigos? Depois disso he mais prejudicial quem de perto he murmurador. Não bastará a frente bem quisto muitas prendas amaveis, se professas amizade com hum homem fallador; o mais piedoso não te terá lastima, e o mais commum será que pagues como cúmplice, ou pelo delicto de ouvilho, ou pela suspeita de ajudallo, e sendo entre

os amigos communs os delictos, sem bairna ha de trazer a espada quem der a hum murmurador seu lado.

Segue-se por ultima regra, que o amigo se busque desinteressado, porque *Aristoteles lib. 8. Ethicorum cap. 4.* notou este defeito frequentissimo nas amizades. Ha muitos, que fazem do amor mercancia: amaõ mais a quem lhe paga melhor; deste genero de homens se deve fugir, que querem pagas de mulheres, porque durará o amor o que durarem as ganancias.

Lembra-me que disse Cicero, que aquelle he nosso amigo, q̄ não he amigo do nosso: *Me ipsum ames oportet, non mea, si veri amici futuri sumus.* A amizade se ha de fundar em as perfeicoens d'alma, não em os interesses da cobiça, e assim sempre seráõ mais a proposito para amigos os naturais mais ambiciosos de gloria, e honra, que os cobiçosos de riquezas, porque aquelles por não terem a sua consciencia por fiscal, ainda quando não temem ser descubertos, por seu decoro sabem ser amigos leais.

Depois de largo exame destas virtudes, e depois de repetidas experiencias, que seráõ melhor que hajas tido em cabeça alheya, que aventurado

rado em a própria em averiguallas; ainda não estará de sobra o receyo de confiado. Conta Maximo, que Antigono offerencia aos Deoses todos os dias sacrificios para que o livrassem de seus amigos; e Alexandre costumava dizer a seu criado Efestiám, que o livrasse Deos de amigos fingidos, e que elle se livraria dos inimigos declarados, parecendo-lhes que só bastavaõ para se defender de seus contrarios, e que só hum Deos de escolta, póde assegurar de hum amigo falso. Ninguem póde negar ser verdadeiro o sentir de Dominiaco, que são mais os que matou a confiança de amigo, que os que morrerão por traição de contrarios. Contra hum inimigo tem hum homem mil petrechos, sendo cidade aberta para hum confidente; e assim com menos poder póde mais o amigo, que armado de esforço o contrario. Daqui conhecerás, que não hia muito errado quem disse, que era difficultoso viver entre inimigos, e que era impossivel viver entre amigos. Sendo para inimigo qualquer máo, para amigos são poucos os bons, e assim mil vezes ditolo quem encontrou o Pheniz que todos buscaõ, e

Nulli inimicus ero, sed nec bis amico,

Nam cuicumque semel, semper amicus ero.

E para que o nexo da verdadeira amizade se não desfate, deve o verdadeiro amigo trabalhar porque o não solte, não faltando a diligencia alguma necessaria, nem perdendo occasião que a este fim se determine, o que fará com facilidade se guardar com inteireza as regras seguintes.

Primeira; não querer entre elle mayorias porque o trato liberal os chama, o trato cortezaõ, e affavel os folicita, e nada mais os conserva, que não querer entre elles mayorias. Sempre hasde ser com teu amigo o segundo, deixando-lhe em tudo as vantagens de primeiro; lição que nos

poucos o achaõ. Não ha parentes como os da amizade; os de mais se ficam no corpo; a amizade faz que se aparentem os espiritos, e contraheõ parentesco as almas. Bem disse quem referio, que melhor era ter amigos que irmãos, porque segundo Valerio Maximo, o vinculo que entre estes se contrahe, he inferior ao de huma amizade verdadeira: *Amicitiae vinculum nullum ex parte sanguinis inferius*, o que se entende quando com a irmandade do sangue se não aparenta a uniaõ da amizade.

E o modo de adquirir amigos he mais facil, que o de conservallos, e tanto mais vergonhoso o perdellos, quanto mais escandalosos os vicios, que se seguem depois das virtudes. Não póde haver entre os amigos quebra sem nota, nem nova uniaõ sem suspeita, porque se póde julgar com razão fallia a amizade, que admite muitas ligas; por tanto he empenho que resulta em credito proprio, não riscar do numero dos amigos o que huma vez entrou na conta delles, como com engenho singular cantou a delicia das Musas Inglezas João de Wem nos seguintes versos:

ensinou o mais celebrado dos amigos Jónathas, pois tocando-lhe por natureza o ser primeiro, por deixar a seu amigo David o throno, se contentou com ser segundo, como consta do *liv. 1. dos Reys cap. 23.* de mais do direito da natureza, não lhe faltavaõ prendas a Jónathas para alcançar a Coroa, era a voz do povo, o favor dos soldados, a fama de bellicoso, pois com hum companheiro só affugentou hum exercito de Philistãos, tirando do coração dos seus o medo, e da mão dos contrarios os despojos; porém não ha de haver ventagem tão luzida, que queira sobrefair com o amigo. O

naõ executar este dictame, fez a Pompeio malquistado com os seus : naõ só quiz ser primeiro, se naõ ser só; castigaraõ-no os amigos com deixallo nas mãos de seus desejos, e assim o des-

ampararaõ no Egypto, quando mais necessitava delles, para que morresse por si só, quem em tudo queria ser unico, como cantou hum Poéta :

Et caret auxilio, qui non tulit, usque reliquit.

Sic liquendus erit, legem sibi dixerat ipse.

Segunda he o sofrimento : nem sempre he hum o tempêro, nem ha homem, que naõ tenha para sofrer, e para que lhe sofraõ: se o vês enojado, responde-lhe pacifico, com que o enfiarás a naõ romper contigo quando for tua a sem razaõ. Ameaçou a Sócrates hum homem furioso, dizendo : *Se vos acolho, vos darei a morte ; e respondeo-lhe segundo Tibestrio : Se vos colho, vos farei meu amigo ; e usando da sua temperança, pôde converter o furor em carinho. Esta he a arte de conservar o amigo : o desentoar a voz, quando o outro contende enfadado, he a morte da amizade. Observa S. Basilio, que chama Homéro nescia à Nimpha Ecco; porque he nescio o Ecco? porque falla no tempo que lhe fallaõ, e volta por huma injuria outra; he pois cordura a hum agravo responder com hum obsequio; o contrario liviandade do Ecco; em fim mulher.*

Terceira : guardar de graças picantes, de chistes offensivos, naõ os dizendo a preço da amizade, que nem he para todas as linguas o dizel-

Qui solius mensæ est, verum ne reris amicum :

Tolle epulas, nosces, quàm tibi fidus erat.

Porém tambem he certo, que nos convites se adquirem muitos amigos; e de Tarquinio se conta, que para vincular com amizade aos Romanos, e Latinos, instituiu as feiras Romanas, e Latinas sobre o monte Albano, donde em convite annual comiaõ os Latinos, e os Romanos, como se alimentassem hum corpo só para

alimentar huma alma só. Catilina, para estreitar o amor dos conjurados contra a Patria, misturando o sangue de todos, fez beber sua parte a cada hum. Sacrilegos conjurados, execráveis convites ! Bem se podia dizer, que a alma dos animais está em o sangue, mas por ultimo se vio, que com maravilhosa concordia verteraõ huns

los, sem tirar sangue, nem para todos o ouvillos, sem se doerem, arriscando-se por hum dito perder hum amigo, sendo o mais nescio mercador do mundo, pois troca pelo ar o ouro, naõ havendo em as Indias ouro, que se possa dar em troco de hum bom amigo, como diz *O Eccles. cap. 7. Amico fideli nulla est comparatio, & non est digna ponderatio auri, & argenti.*

Quarta : convidallos a comer com alegria, sem superfluidade, porque os convites reciprocos alimentaõ a amizade, e a demasiada esplendidéz se oppõem à lhaneza, como disse *Sócrates*, de quem conta *Laercio* na sua vida, que sendo reprehendido da tenuidade do banquete com que hospedava seus amigos, respondeo, que se eraõ bons, que bastava, e que se eraõ mãos, que sobrava. Sentença, que entendeo aquelle culto habitador do Parnaço, tantas vezes conferido, e accrescentou dizendo, que o amigo, que o era da mesa, naõ era verdadeiro amigo :

pelos outros a alma, e o fangue pelas feridas; pois se em as fallas amifades faz tanto o convite, que não fará em as verdadeiras?

Quinta: que a correcção, e reprehensão do amigo seja suave, e branda, segundo a occasião, e tempo. Nem todos os que usão de brandura, são amigos, nem os que reprehendem, inimigos; antes, segundo diz Demósthene, referido por Maximo, *Sermone de admonitione*, he melhor o inimigo, que reprehende, que o amigo, que lisonjea; e melhor amor com severidade, que engano com brandura. Nem a correcção ha de ser aspera, nem a reprehensão fevêra, (diz Santo Ambrosio); mas deve ser de sorte, que aproveite, como refere Plutarcho: *Sic amicum oportet contristari, ut profis*. O que leva copos de vidro, não ha de apertar tan-

to que os quebre; o que reprehende o amigo, ha de ser de maneira, que o não magoe; como o mel, que posto sobre a chaga, sempre he doce, ainda que obrigue à dor; assim a correcção, posta sobre o erro, he proveitosa; e ainda que lastime, não offende. Mais vale ser reprehendido com correcção do sabio, que louvado com a lisonja do nescio, diz Salomaõ. Quem sofre os vicios do amigo, escreve Seneca, os faz proprios: *Amici vitia si feras, facis tua*. Os inimigos costumão ser freyo dos vicios, e os amigos redeas; por isso disse Plutarcho, que os amigos lisonjeiros não eraõ amigos, mas inimigos: *Est inimicus adulator amicus*. Falla sobre este assumpto o Poeta Wem, dizendo, que os vicios dos amigos se não devem louvar por algum modo, antes reprehenderem-se por bons meyo:

Si quemquam laudaris, parce laudare memento;

Crimina culpato parcus ipsa tamen.

Quem encobre os erros, e os louva, não quer do amigo se não a sua perdição; haõ de ser as palavras do amigo verdadeiras sem falsidade, honestas sem torpeza, proveitosas sem damno, leais sem adulção, singelas sem doublez; haõ de ser mais doutrina, que eloquencia, mais substancia, que galantaria.

Illud amicitiae sanctum, & venerabile nomen

Prostrat, & in questu pro meretrice jacet.

Costumava dizer o Philosopho, que os que a guardarem pontualmente, se multiplicarão em tantos corpos, quantos forem os amigos; e os que sem ella se fiarem, chorarão sem alivio o seu engano, se ainda para as lagrimas lhe deixarem tempo os fingimentos de hum falso amigo, que de ordinario até este miseravel desafogo lhe não permite, anticipando-lhe primeiro a morte, que possaõ entrar as lagrimas, a pregoar o arrependimen-

Concluimos, que com estas regras se adquirirão, e conservarão os amigos, e tornará a resuscitar a amifade, que já no tempo de Aristóteles era defunta entre os mortais; e já o desterrado Ovidio chorou essa perda, porque tanto tempo ha que no mundo a verdadeira amifade falta:

to, como fez Joáb, segundo se escreve no *liv. 2. dos Reys cap. 20.* que chegando a Amafia, o saudou com palavras brandas, e de cortezia, e indo para lhe dar o beijo de paz, como era costume daquelle tempo, o matou com huma adaga, que para isso trazia; ou tirando-lhe os olhos, munda lingua, com que explica o coração o seu sentimento, ou abbreviadas portas por donde desafoga, lançando em derretidas lagrimas a sua

dor, como succedeo a Samsão, que confiando-se nas doces palavras de Dalila, que tanto por sua amiga se vendia, foi entregue a seus inimigos, que lhe tiraraõ os olhos, para que fechadas as portas ao coração, não tivesse em tamanha dor ao menos estes companheiros, que lhe ajudassem a sentir.

Nescio será o que empréga o seu amor no que não he virtuoso, querendo, que o ame, sem advertir, que quem rompe com Deos, devendo-lhe mais, não estranhará romper com hum homem, devendo-lhe menos.

Nescio o que o empréga no desmielhante nos costumes, e nas virtudes, sem advertir, que o que dos vicios he amigo, he das virtudes inimigo declarado. Nescio se o empréga em quem o busca, sem advertir, que não costuma rogar, o que para ser rogado se acha com prendas. Nescio, se o empréga no nescio, sem advertir, que a necidade, e a malicia, sobre serem companheiras, são irmãs. Nescio, se o empréga no inconstante, sem advertir, que he cêra, que com a facilidade com que recebe a impressãõ da imagem, com a mesma a perde.

Nescio, se o empréga em o fallador, sem advertir, que sabe callar pouco, o que falla muito. Nescio, se o empréga em o interessado, sem advertir, que o ambicioso he como o fogo, que em tanto dura, em quanto queima. Nescio, se pertende conservar entre as mayorias a amizade, sem advertir, que a amizade com igualdade se conserva, e sem igualdade acaba. Nescio, se sem sofrimento pertende ter amigos, sem advertir, que para conservallos he necessario soffrellos. Nescio, se com graças picantes, e ditos offensivos os procura conservar, sem advertir, que não vive o amor entre os agravos. Nescio, se sem convites, e mimos se persuade os conserva, sem advertir, que as dadas não são tributo da amizade,

saõ prendas do amor. Nescio, se lhe parece, que os conserva, lisongeando-os, e não reprehendendo-os, sem advertir que a lisonja os enferma, e a reprehençaõ os cura. Nescio finalmente, se imagina, que na aspereza com que reprehende, faz merecimento com que os conserva, sem advertir, que se a suave não só obriga, mas emenda, a aspera, e desabrida não só desabriga, mas enfurece. Vamos aos mais actos da amizade.

L I Ç A M XVIII.

Da Benevolencia.

O Segundo acto da amizade he a benevolencia. Esta he hum vontade dirigida a algum objecto, ou hum movimento simplez da vontade, que deseja ver bem ao proximo, mas não posto em effeito, a qual póde haver sem haver amizade, como mostra a experiencia no que se chega a ver hum jogo de cartas, ou de armas, ou hum justa festiva, ou finalmente qualquer outra acção entre pessoas, a quem nunca haviã visto, e naturalmente sente o animo hum subita, e parcial inclinação à victoria de hum, mais que de outro, mas nem por isso se move a focorrello. Seja esta boa vontade ocasionada de natural simpathia, ou de paixãõ repentina, ella he hum amor de benevolencia, e não de concupiscencia, porque se lhe deseja o vencimento, não pelo bem de quem o vê, senão pelo do que se vê; mas até aqui he hum acto interno, e infecundo, porque não produz algum acto externo em favor do amado.

Mas se póde haver benevolencia sem amizade, não póde haver amizade sem benevolencia, porque não póde ser amigo o que não he benevolo; porém o que he benevolo, nem por isso he amigo, ainda que o simplez amor da benevolencia fosse reciproco, nem

se póde chamar amizade verdadeira, se não meta fêria, e ociosa, principio de amizade, mas não amizade, porque o primeiro acto, e principio da verdadeira amizade, he querer bem ao amigo, desejar que viva, e que viva contente, alegrar-se de seus felices successos, e entristecer-se dos infelices.

Parto da benevolencia são aquellas três leys da verdadeira amizade, primeira, amar o amigo como a si mesmo, e ser taõ amado, como ama. Regra he esta de Taliaõ commutativa, que cada hum tal faz, tal receba, pontualmente excedida de Niso, e Eurialo; de Volúmnio, que vendo morto seu amigo Lúculo por Marco Antonio, quiz morrer com elle, podendo escapar com vida; de Asmundo, que morrendo seu amigo Asvito, se enterrou com elle vivo, por não ficar no mundo sem elle; de Martim Vaz Pacheco, que no primeiro cerco de Diu vendo morto seu grande amigo Gabriel Pacheco, movido de grande dor, e desejo de vingar sua morte, ferindo, e matando inimigos, foi ferido de duas grandes feridas no rosto, com que dobrou o pelejar; e sendo-lhe advertido, que se fosse curar, e não quizesse morrer ali, respondeo, que sendo seu amigo morto, que já lhe não servia a vida; e pelejando, cahio morto.

A medida do amor em hum, e outro amigo, he o amor proprio; nem hum, nem outro está obrigado a mais, nem tambem a menos, porque se o amor entre os amigos não for reciproco nos affectos, não será, como diz Plataõ, conforme nos effectos: *Nisi uterque amet, neuter amicus*; amando porém hum a outro, como a si mesmo, de dous amores se fará hum amor, de duas vidas huma vida, porque não se conhecendo diversida-

de nos desejos, não se alcança differença nas vontades. Desta primeira ley, derivada da benevolencia, segundo acto da amizade, se seguem varias questoes na materia da amizade, que será forçoso decidir.

Perguntaõ os que trataõ esta materia, se está obrigado o homem a amar mais a si mesmo, do que a seu amigo? Por huma, e outra parte ha fundamento, porque pela que affirma, que cada hum deve amar mais a si, que a seu amigo, está, que só se deve amar ao amigo, porque he chegado em amor; e quem he mais chegado a si, que elle mesmo? E quem não he bom para si, não he bom para outrem. Pela contraria está, que he vergonhosissimo vicio o amor proprio, sendo o amor da concupiscencia, o que destroe o amor da amizade, e que pela primeira ley da benevolencia, ao menos não deve haver differença entre hum, e outro amor, de que foraõ boas testemunhas os exemplos nella referidos; e corrobora-se com a sentença de Cicero, que não ha amizade aonde hum quer mais, diz elle, para si, que para o amigo: *Amicitia vis est, ut simul ac sibi aliquid quam alteri mavult, nulla est.*

Com distincão entre os bens deleitaveis, e da fortuna, e os do animo se conciliaõ facilmente estes fundamentos, e se responde com facilidade a esta questao, dizendo, que em os bens deleitaveis, e da fortuna, he mais louvavel preferir o amigo a si mesmo; mas em os do animo he vituperavel privar-se da virtude, por comprazer ao amigo, ou procurar as virtudes para elle primeiro, que para si mesmo, porq seria notavel o damno, que se seguia, quando o amigo desta sorte se estimasse; e por isso o adverte o Poeta, dizendo:

Esto memor, charus semper prodesse sodali,

Ut tibi non noceat præstita sodalitas.

Sic utare tuis egeas ne rebus amicis,

Sarcina namque humeris sola ferenda tuis.

He a amizade melhor que os bens externos, porém os bens internos são melhores que a amizade: exemplo do primeiro foi Scipião Africano, o qual em a pertença do Consulado adquirio mayor gloria, cedendo-o ao amigo, que obtendo-o: exemplo do segundo foi Rutilio, o qual quiz antes perder a amizade, que a virtude da justiça.

Perguntaõ mais, se hum amigo está obrigado a expôr a vida por outro? Por huma parte está, que se o louvavel he medida do honesto, não se pôde negar, que nas azas do louvor haõ voado aquelles, que pela vida do amigo haõ sacrificado as suas; por outra, que assim como o obrar suppoem o ser, assim a amizade suppoem a vida, a qual perdida, se perde a amizade. A verdadeira medida da amizade he amar ao amigo como a si mesmo; excede esta regra quem por salvar outro, se perde a si mesmo, porque o não ama como a si, se não mais que a si. Destruir o original, por guardar a imagem, he grande loucura; e por isso Mecenas, idéa dos amigos, dizia: *Tudo fazamos pelos amigos, com tanto que vivamos.*

A esta se responde tambem cotejando vida com vida, e vida com acção virtuosa; e no primeiro caso cada hum está obrigado a preferir a sua à do outro, porque o amor bem ordenado começa de si mesmo; mas no segúdo se se coteja a vida com huma acção virtuosa, se pôde preferir huma acção virtuosa à vida propria, e que acção mais virtuosa, que expôr a vida pela Patria, pelo Principe, e pelo Pay? Mas he tanto mais generoso expôr a vida pelo amigo, que pelo Pay, quanto he mais de obrigação o vinculo do sangue, que o da

amizade; aquelle, divida de justiça legal, este, merecimento da honestidade moral; e he mais nobre a virtude espontânea, que a forçosa: verdade he, que devendo o verdadeiro amigo amar-te com igual affecto, se tu expôens a vida por elle, deve elle expôr a sua por ti, e se em naufragio commum tendo tu só huma taboa, será generosa virtude se lha quizeres conceder, mais com igual virtude deve elle não admitilla porque tu te salves, de outra sorte não seria igual, nem reciproco o amor; e sobre este equilibrio se fundaraõ as amorosas alteraçoes de Pilades, e Oréstes, que ainda fingidas em os theatros, despertaõ lagrimas verdadeiras em os ouvintes; considera agora o que fariaõ as verdadeiras daquelles dous pares de irmãos, taõ unidos pelo sangue, como pelo amor: Gaspar Ximenes, e Fernão Ximenes: o filho mais velho, e o menor de Adiatoris, Principe de Capadocia; destes conta *Fulgosio liv. 5. dos Exemplos*, que mandando Augusto Cesar depois do triumpho matar ao Principe Adiatoris, e a seu filho mayor, e querendo-se executar a sentença, os irmãos por salvar a vida hum do outro, dizia cada qual, que era o mayor com tanta efficacia, que os executores não podiaõ determinar-se qual era, até que foi morto o menor, que se havia offerecido em lugar do mayor; o que sabendo Augusto estimou tanto aquelle feito, que ao que ficou vivo, teve sempre em grande reputação. Daquelles escreve *Manoel Godinbo no naufragio da Náo San-Tiago*, que indo a dita Náo no anno de milquinhentos e outenta e cinco para a India, fez naufragio, e se recolheraõ com outras pessoas em o batel da Náo

Não, e por ser muita a gente, e o batel ir muito carregado, se tomou resolução, que fossem deitadas ao mar algumas pessoas, e cahindo a sorte sobre Gaspar Ximenes, que era o irmão mayor, e querendo-se executar nelle tão cruel obra, Fernão Ximenes, que era o menor, vendo, que não havia remedio para hum delles deixar de ir ao mar, com amor, e amizade se offereceo para tão miseravel trance, tendo para isso muy altercadas razoens entre o irmão, que o contradizia, e veyo a ceder a rogos do mais moço, que sendo com effeito lançado, quiz Deos pagar-lhe a sua caridade com dar-lhe tanto animo, que sendo da lí à terra mais de cento e vinte legoas, foi nadando por tanto tempo até que outra vez chegou ao batel, donde os outros com grande lastima, e admiracão o receberão.

Nesta mesma materia se pergunta mais, se he mais proprio amar, se ser amado? E a esta pergunta se deve dar esta resposta: que no amor da concupiscencia he melhor ser amado, que amar, mas no da amizade, he melhor o amante, e este olha directamente ao amado. O habito da liberalidade ainda que seja virtude do affecto em fazer beneficios, não obstante por si mesmo inclina mais a fazellos, que a recebellos, porque aquillo lhe he mais proprio; assim he mais proprio da amizade amar, que ser amado; mas fóra disto, quem ama sabe, que ama, e quem he amado, não sabe se he amado, porque cada hum conhece melhor seu coração, que o alheyo; sendo pois huma causa incerta, a outra certa, donde ha mayor certeza, ha mayor amor.

Ultimamente se pergunta, se he

Millibus ex multis unus vix fidus amicus;

Hic albo Corvo rarior esset solet.

Ventura he, que todos desejaõ, e poucos alcançaõ, o achar muitos ami-

melhor ter muitos amigos, se hum só? Affirmaõ huns, e negaõ outros; fundão-se aquelles, em que quantas mais ancoras tem hum navio, tanto mais firme está, e quantas mais columnas o edificio tem, tanto mais seguro está o pezo: os amigos são ancoras contra a fortuna, e columnas contra a ruina: logo melhor he ter muitos, que poucos; e estes, que assim como não he bom a mulher estar sem marido, nem ter muitos, assim tambem não era bom ao sabio estar sem amigos, nem ter muitos, porq̃ a nenhum tem. O rio, diz *Plutarcho in Moralibus*, que se divide em muitos, corre tenue, e languido; a benevolencia distribuida por muitos se enfraquece, e desvanece; e assim como os animais, que parem hum unico feto o amaõ mais ardentemente, assim a benevolencia empregada em hum só amigo, he mais ardente. A esta pergunta se deve dar esta resposta, que em quanto à amizade util, e delectavel he difficuloso, que dure a amizade de dous, e impossivel a de muitos, porque nem huma, nem outra amizade he amizade perfeita, não sendo perpetuo o fundamento; e como a utilidade, e o deleite por instantes se mudaõ, a amizade, que tem tais rai- zes facilmente acaba; e em quanto a amizade perfeita achar hum amigo semelhante a si em condiçãõ, e temperamento, como em genio, e virtudes, he cousa tão rara, como achar hum corvo vestido de plumas brancas; e por isso justamente cantou Wem, que a penas entre mil se achava hum verdadeiro amigo, assim como entre hum exercito de corvos se descubria hum vestido de branco:

gos; e por esta razaõ diz o Proverbio Castelhano; *Un Dios, muchos ami-*

amigos, que póde ser sentença, como quem diz, são muitos os amigos, que servem de nada, e he só hum Deos, que serve para todos, e de todos verdadeiro amigo: porém se alguém for tão ditoso, que encontre esta dita, que todos bulcão, e nenhum acha, não tem esta multiplicação incompatibilidade com a amizade, porq̃ he tão

poderosa a força da uniaõ da virtuosidade amizade, que de muitos transforma em hum só, e assim ainda que ninguém possa servir a dous senhores, não ha prohibiçaõ para que cada hum tenha muitos patronos, como engenhosamente discorreo *Wem no Epig. 112. do liv. unico:*

Quamquam nemo potest dominis servire duobus,

Patronas uni quid vetat esse duas?

Querere non prohibet multos; Deus unus amicos:

Ut multas ædes non vetat una fides.

Que com igual engenho, e agudeza, traduzio D. Francilco de la Torre.

Aunque nadie à dos personas

Por dueños pueda servir,

Nadie llega a prohibir,

Que uno tenga dos Patronas.

Muchos amigos, porque

Dios que es uno, no limita,

Por lo mismo, que no quita,

Muchos templos una fé.

vel, he o conservar muitos amigos; porque na amizade perfeita se requiere summa benevolencia, summa beneficencia, e summa concordia; e entre muitos não ha summa benevolencia, porque o amor de hum diminue o do outro; nem summa beneficencia, porque quem de muitos recebe, a muitos deve; nem summa concordia, porque hum coração póde concordar com hum, e não com muitos, como bem ponderou Wem, quando assim escreveo:

Difficultosa cousa, ou quasi impossivel

Tu dominos sectare duos, mirabile dictu est,

Si vel utrique places tu, vel uterque tibi.

Quantos são os homens, tantos são os caprichos; o amar pois a muitos sem amor remisso não he difficil ao virtuoso, mas com amores remissos não fazem hum amor perfeito; porém amar a muitos perfeitamente como a si mesmo, não será possível a quem não se divide em muitos, ou quando os muitos se não reduzem a hum. Rir em hum tempo com hum, e chorar com outro, accomodar o genio a genios diferentes, he tão grande embaraço, como servir a muitos senhores; e assim o desejo de Dario de ter tantos

Zópiros perfeitissimos amigos, foi hum dos sonhos de Dario, que sonhava o que queria. De Scipião Africano se elcreve, que já mais sahia de casa, que não grangeasse novo amigo; aquelles eraõ benevolos, e não amigos; seu unico, e verdadeiro amigo era Polibio, que lhe havia dado aquelle documento. O melhor pois para o homem prudente he, não ter inimigo nenhum, porque segundo *Seneca: Ad nocendum vel infimi potentes sumus*, e ter a todos benevolos, e a hum só por amigo.

Claudit amicitiam numerus plerumque dualis;

Vix in pluralem multiplicatur amor.

A segunda ley da benevolencia, he, que se amem as cousas do amigo, porque cada hum amando-se a si mesmo, ama suas cousas, conforme aquelle dito, que a cada hum lhe parecem as suas cousas formosas, e como o de *Aristoteles*: *Unusquisque artifex diligit opus suum*; mas aqui convem distinguir o amor virtuoso, do amor proprio; hum se ama a si mesmo, e outro se adula a si mesmo; e por isso aquelle ama tanto as suas cousas, quanto as estima, e este as estima tanto, quanto as ama, porque aquelle as vê com os olhos da razão, e este com os enganos da paixão. Quando a Aguia queria eleger para seus pagens de honor os passarinhos mais formosos, lhe offerecia o Bufo seus toscos filhos, dizendo: O' Rainha, toma estes; que são os mais formosos de todos, porque se parecem a mim. O vicioso mais ama os vicios propios, que as virtudes alheyas, porém o virtuoso ama as cousas do amigo como se devem amar as proprias, porque não adulando as proprias, não adula as alheyas, não vitupera as louvaveis por inveja, nem louva as vituperaveis por lisonja; e se as vituperaveis se podem emendar, admoesta ao amigo, assim como elle deve querer, que o admoestem, e se não se podem emendar, gaba a intenção, e desculpa o feito, porque a affabilidade, e amisade se não são irmãs, são parentas.

A terceira, e ultima ley da benevolencia he, que se o amigo tem inimigos, os tenha o amigo tambem por inimigos, porque (como dizem os Juristas) assim como o amigo de meu inimigo não póde ser meu amigo; assim tambem o meu amigo não póde ser amigo dos meus inimigos, porque nada he semelhante a semelhante, que não seja contrario ao contrario, como dizem os Philosophos, e tambem os Juristas. Heredes, amigo de Gemélo, repudiou sua amisade, porque Gemélo se havia feito amigo de Alexan-

dre, capital inimigo de Heredes. Quem quer ao amigo tambem como a si mesmo, não póde querer bem aquelle, que quer mal ao amigo, porque isto seria juntamente amar-se, e aborrecer-se a si proprio; e lhe he preciso apartar-se de hum para amar a outro, ou apartar-se de ambos para ser neutral, ou conciliar hum com o outro para ficar amigo de ambos; e este terceiro modo he o mais posto em razão, porque se o amigo he virtuoso, com honestas condições se aplacará seu inimigo, e se não he virtuoso, não he verdadeiro amigo, fundando-se na virtude a verdadeira amisade; mas se o inimigo he implacavel, e vicioso, se deve aborrecer como vicioso, ainda que fosse verdadeiro amigo, e se toma armas contra o amigo, se deve defender o amigo, e suas cousas como a si mesmo, e esta he a ley da amisade humana segundo os principios naturais.

L I Ç A M XIX.

Da Beneficencia.

R Edicula he a benevolencia do amigo, se a beneficencia lhe não dá a mão. Não he eficaz vontade a que deseja o bem, e não ajuda para que se logre. Quem não deseja ajudar, não ama; mas quem póde ajudar, e não ajuda, não deseja ajudar. O desejo se conhece pelas obras, como a fraude pelo pulso. Jupiter se rio daquelle jornaleiro, que fazia promessas para que se tirasse a sua carreta do atoleiro, e não punha mãos à obra. Tanto val o amigo, que não ajuda, como o inimigo, que não damna. O beneficio, e a injuria são duas cousas contrarias, a injuria dissolve as amisades, e o beneficio as estreita; verdade he que amar por receber beneficios, não he amor de amisade: mas amar por haver recebido, he bello principio da amisade.

Os beneficios primeiro são elementos, e depois alimentos da amizade, porque todos os corpos se mantêm com aquillo de que se compoem. Desengane-se toda a pessoa, que sem beneficios, que alimentem a amizade, não terá esta nenhuma permanencia, antes ao mesmo passo, que cessarem os beneficios, fenecerá a amizade; porque nos nossos tempos o que qui-

zer ter amigos, que o sirvaõ, ha de muito de antemaõ à força de beneficios comprar os efeitos da amizade, e tanto mayores forem os beneficios, tanto mais propiciõs achará os amigos, que na era de hoje se não costumão obrigar de pouco, como reconheceo Wem, quando garbosamente cantou:

*Temporibus nostris quicumque placere laborat,
Det, capiat, quærat plurima, pauca, nihil.*

E a razão dá o mesmo Wem dizendo, que assim como aquelle, a quem mais se presta, se faz mayor inimigo,

assim tambem aquelle, a quem mais se dá, se faz mayor amigo:

*Quò plus dederis, magis hoc tibi fiet amicus:
Quò plus crederis, hoc magis hostis erit.*

He a beneficencia huma acção, com a qual o animo brandõ se movê para fazer bem aquem o deseja, e tambem para não fazer mal a ninguem. He huma acção, que traz gosto ao que recebe, he huma acção, que dá, e traz gosto obrando o que faz. Nenhuma ha entre os mortais, que mais os faça parecer a Deos do que o fazer bem, como o disse com lume natural o Gento Pithágoras, segundo refere *Eliano lib. 2. de varia historia.*

Nenhuma, que mais lhe dilate, e alongue a vida, conforme a *Estobéo Serm. 42.* Nenhuma, que mais estreite o amor dos amigos, e concilie o animo dos inimigos, como refere *Maximo Serm. 9. dos Magistr.* Nenhuma, que mais obrigue a Deos, como enfina *Chrysof. homilia 17.* Nenhuma finalmente, que mais nos manifeste, e publique por filhos de Deos, como diz o mesmo *Chrysof. homilia 1. ad Philip.*

*Quod datur, æternum durat, sequiturque datorem;
Dantem, & captantem munus, utrumque juvat.*

A verdadeira beneficencia necessita de muitos requisitos para ser perfeita. O primeiro, que se faça o beneficio antes de se pedir, porque perde o nome de beneficio o bem, que se faz quando se pede. Deve o que faz o beneficio ser como o Sol, que para nascer desterrando as trévas, e illustrar com seus rayos todas as cousas no dia não necessita de rogos, mas faz o beneficio de allumiar antes que se lhe possa pedir. Não ha cousa que mais custe, que aquella que se pede,

e por isso o beneficio pedido, passa de beneficio a venda comprada à custa da vergonha que padece quem o pede; preço o mais subido, que se acha entre os mortais, como diz *Laercio, lib. 1. cap 1.* porque caro se compra o que com vergonha se pede, como disse *Seneca lib. 4.* O segundo, que se faça cedo, porque assim como dobra o beneficio, quem com brevidade o executa, como diz o Proverbio: *Duas vezes dá o que dá cedo;* assim tambem o diminue, quem com va-

gares o retarda, como escreveu o mesmo *Seneca lib. 4. de Benef.* e o repetio Wem dizendo, que a beneficen-

*Munera des letus, corrumpunt tædia donum,
In quo censendum est, quid, nisi dantis amor?*

Porque perde muitos quilates o me-
recimento do beneficio, que depois

*Da facie leta, sine lætitia faciei,
Si dederis, perdes rem, meritumque rei.*

E assim como he atrocissima crueldade, a que dilata a morte por estender o tromento, e genero de piedade, a que abbrevia a vida por diminuir as penas; assim tambem he melhor a graça, que encurta o tempo por alargar o beneficio, como ensina *Seneca lib. 2.* Daqui tambem se repro-

*Qui citò, qui temerè spondet se multa daturum,
Quæ malè promisit, turpius idem negat.*

O terceiro, que se confidere o tempo, o lugar, e a pessoa a quem se faz o beneficio, porque como sente *Simacho lib. 1. Epist. 3.* cresce, e se diminue o beneficio à medida do tempo, lugar, e pessoa a que se faz; porque assim como aos doentes he saudavel a oportunidade de comer, e serve de remedio o dar-se-lhe a agua em tempo conveniente; assim o beneficio, ainda que seja leve, e limitado, cresce, e se estima considerando o tempo, lugar, e pessoa que o recebe; e daqui nasce dizer *Maximo no Serm. de Benefic.* que os que fazem be-

*Qui beneficit puero, perit, obliviscitur ille,
Decrepito quid fit, non perit, ipse perit.*

Opiniãõ encontrada, à que seguia D. Affonso Rey de Aragoã, de quem escreveu *Pontano lib. 30. da Liberalidade*, que dizia, que à custa de beneficios se deviaõ vencer os malevolos, e inimigos, e assocegar os

cia do que se dá, confiste na brevidade, com que o beneficio se executa:

de importunos rogos se concede, como sentio o mesmo Poéta:

va o costume daquelles, que promettem muito, e daõ muy pouco, e o que peor he, naõ darem nada, porque he vicio, que desacredita em naõ cumprir, ao que se abona liberalmente em prometter, como reprehende Wem na sua Poesia, dizendo:

beneficios a indignos commetem tres absurdos, a saber, prodigalidade no que perdem, injuria que recebem no que daõ aos mãos em prejuizo dos bons, ajuda que daõ aos vicios, beneficiando aos mãos, para que com mayores forças os continuem: *Æquè facinoori videtur obnoxius, qui auxilium præstat agenti.* E Cicero diz, que o beneficio se naõ deve fazer, nem aos velhos, nem aos moços: a estes porque se esquecem, àquelles porque morrem sem os poder pagar; de que teve motivo Wem para nos seus Poemas dizer o mesmo:

soberbos, porque assim como o diamante sennaõ podiã abrandar se naõ com o fangue do cordeiro, assim estes se naõ podiãõ fazer amigos, e bons, se naõ com estes lenitivos, como escrevia *Triverio in Apophth.* O quarto,

to, que seja real, e não verbal, por-
 q̄ como dissemos, he vicio o promet-
 ter, e não executar, e por illo dizia
 o Sabio Democrito, referido por *Ef-
 tobéo Serm. 41.* que o homem deve ser
 mais inclinado a dar, que a promet-
 ter, porque o beneficio ainda que
 pequeno, aproveita ao necessitado, e
 as palavras, e promessas de nenhuma

sorte o remedeaõ. A similhante in-
 tento disse *Seneca lib. 6. dos Benefic.
 cap. 11.* que assim como se não deve
 nada ao que querendo emprestar di-
 nheiro, o não fez, assim se não fica obri-
 gado ao que prometendo o beneficio,
 o não fez. Nem o nosso Poeta enten-
 deo o contrario, quando elegantemé-
 te escreveu o seguinte Epigrama:

*Te dare promittis, nec das mihi munera, Simon,
 Nil tibi debebo, si mihi verba dabis.*

O quinto, que se confidere a vonta-
 de de quem faz o beneficio, e não o
 preço delle, porque pelo tamanho da

vontade de quem o dispende, se me-
 de a vontade de quem o recebe, disse
 Wem:

*Non quantum dederis, sed quanta mente dedisti
 Pensandum est; placat victima parva Deum.*

De pouco preço era huma gota de
 agua, que a Xerxes offereceo hum
 seu soldado, mas a occasiaõ, e von-
 tade de quem a offerecia, a fizeraõ
 crescer de maneira, que se sentio
 obrigado Xerxes a satisfazella como
 hum grande beneficio, segundo con-
 ta *Plutarcho in Adolp.* O ultimo, que
 depois de feito, se não tenha delle lem-
 brança alguma; porque beneficio, que
 se faz com animo, e esperanza de ser
 correspondido, deixa de o ser; e re-
 fere *Seneca*, que aquelle que lembra
 o beneficio, pede correspondencia: *Qui
 dicit beneficia se dedisse, petit, e perde*

o nome de beneficiante aquelle, que
 obra interessado ainda na ma s leve
 confissãõ do beneficio, porque esta na
 opiniaõ de *Seneca Epist. 83.* he mui-
 tas vezes sufficiente paga, de que se-
 não deve lembrar o que bem obra,
 como diz *Demosthenes de Oratione*,
 e taõ forã esta de ser acçaõ heroica
 a beneficencia, que pelo interesse se
 finaliza, que antes por vicio se con-
 demna a que interessada se presume;
 e sendo similhante a Deos o que bem
 obra, de vicioso se nota, o que de
 retribuiçaõ tem esperanza, como se
 lê nos Epigramas de Wem:

*Ille Deo similis, qui dat benè munera lætus:
 Qui repetit fœnus fœnoris officio est.*

Muy recomendada se acha nas Divi-
 nas letras a beneficencia para com os
 pobres, no *Exod. cap. 13. vers. 1.* no
Livitico cap. 19. vers. 10. por *São
 Mattheus no cap. 10. 19. 21. & 42.* por
São Lucas no cap. 18. e não só para
 com os pobres, mas tambem para com
 os inimigos, como se lê no *cap. 21.
 & 25. dos Proverbios*, e para com to-
 dos em *São. Mattheus cap. 5.* e os

bens, que della resultaõ, se escrevem
 no *cap. 11. & 22. vers. 9. e 24. dos
 Proverbios*, cuja materia necessita de
 penna mais douta, e mais verãda
 nas Divinas Escripuras. Muito se ve-
 rá nos discursos destas nossas ligoens,
 e fique já daqui advertido, que não
 terá virtudes perfeitas, o que não for
 perfeito nesta virtude, como ensina
 Wem nas suas Poefias: